

ANA PAULA POLI

IMAGINÁRIO DA MORTE E IDEÁRIO DE VIDA: UMA ABORDAGEM DA VIOLÊNCIA ESCOLAR



ARARAQUARA – S.P.
2019

ANA PAULA POLI

IMAGINÁRIO DA MORTE E IDEÁRIO DE VIDA: UMA ABORDAGEM DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação escolar.

Linha de pesquisa: Estudos históricos, filosóficos e antropológicos sobre escola e cultura.

Orientador: Denis Domeneghetti Badia.

Bolsa: Capes.

Poli, Ana Paula
IMAGINÁRIO DA MORTE E IDEÁRIO DE VIDA: UMA
ABORDAGEM DA VIOLÊNCIA ESCOLAR / Ana Paula Poli –
2019
175 f.

Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade
Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho",
Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)
Orientador: Denis Domeneghetti Badia

1. violência. 2. escola. 3. imaginário. 4.
culturálise. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE ANA PAULA POLI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ARARAQUARA.

Aos 30 dias do mês de agosto do ano de 2019, às 14:00 horas, no(a) Sala 89, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. DENIS DOMENEGHETTI BADIA - Orientador(a) do(a) Departamento de Ciências da Educação / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Profa. Dra. PAULA RAMOS DE OLIVEIRA do(a) Departamento de Ciências da Educação / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Profa. Dra. MARIA CECÍLIA SANCHEZ TEIXEIRA do(a) Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação / Faculdade de Educação / Universidade de São Paulo, Profa. Dra. CAROLINA CUNHA SEIDEL do(a) IFESP / Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Avaré, Profa. Dra. DANIELLE REGINA DO AMARAL CARDOSO do(a) Departamento de Educação / Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da TESE DE DOUTORADO de ANA PAULA POLI, intitulada **IMAGINÁRIO DA MORTE E IDEÁRIO DE VIDA: UMA ABORDAGEM DA VIOLÊNCIA ESCOLAR**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: Aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. DENIS DOMENEGHETTI BADIA

D. Badia

Profa. Dra. PAULA RAMOS DE OLIVEIRA

P. Oliveira

Profa. Dra. MARIA CECÍLIA SANCHEZ TEIXEIRA

M. Teixeira

Profa. Dra. CAROLINA CUNHA SEIDEL

Caroline Cunha

Profa. Dra. DANIELLE REGINA DO AMARAL CARDOSO

Danielle R.A. Cardoso

AGRADECIMENTOS

A *Deus* pelo instante desta vida.

A minha mãe, Angela Maria da Silva Poli, por sempre acreditar em mim, me apoiar em todos os meus sonhos e desejos, por estar ao meu lado sempre e agora por toda a eternidade.

Ao meu pai, Paulo Sergio Poli, por não medir esforços para que eu seguisse com minha formação, sempre comigo, me ajudando em tudo que precisei.

Ao Lucas Alvarenga Sgobi, pelo companheirismo, conselhos, afeto, carinho, por meus melhores sorrisos, e por ter me dedicado os melhores momentos, meu amor... Obrigada.

Aos meus irmãos João Paulo Poli e Paulo Sergio Poli Júnior, pelo carinho, pela presença e por serem sempre meu porto-seguro.

A minha cunhada Joana Falco Cobra, pelas conversas e momentos vividos.

A minha tia Maria Helena da Silva Leal, professora e exemplo da minha vida profissional e pessoal, me acompanhou nos primeiros passos e aqui junto a mim permanece.

Ao Dean e a Sam, por tornarem meus dias melhores, pelo amor sem medidas e pelos lambeijos carinhosos.

Ao casal, meus amigos Amanda M. Leite e Rafael Marola. Por cuidarem de mim, estar sempre presente, pelos momentos de felicidades, pela cumplicidade, pelos abraços e toda a amizade dedicada.

A Natália Laverde, amiga da mais longa data, por permanecer aqui sempre ao meu lado.

À amiga que a vida um pouco mais tarde me deu Mariana Cabrini, por todos os conselhos, por me ouvir, ser presente quando preciso, por nosso dia a dia e os dias mais especiais.

A Larissa Stein, por todos os momentos que sempre estive e por ser aquela com quem eu posso sempre contar.

A Maria Cláudia Saccomani, Adriele Gonçalves e Nayara S. Navarro, amigas que a Universidade me trouxe e que permanecem sempre ao meu lado.

Ao meu orientador Denis Domeneghetti Badia, por esses quase dez anos em que estive ao meu lado não somente orientando em meus estudos, mas ensinando muito acerca da vida e das ciências humanas, a você toda a gratidão.

A minha amiga Danielle R. do A. Cardoso, que está junto a mim nesta trajetória e que agora tenho a honra de tê-la em minha banca, trazendo toda a sua sensibilidade e conhecimento.

À professora Paula Ramos de Oliveira, por seus valiosos ensinamentos desde minha graduação, que me acompanha neste meu percurso até hoje, oferecendo leituras extremamente importantes para minha pesquisa.

À professora Maria Cecília Sanchez Teixeira, pela honra de tê-la no momento da qualificação e agora da defesa da Tese, com contribuições essenciais para que esse trabalho fosse concluído.

À professora Carolina Cunha Seidel, por ter aceitado o convite em colaborar com esse momento tão importante do trabalho.

Aos professores, gestores, funcionários e alunos da Escola Municipal do Ensino Fundamental Professora Gilda Rocha de Mello que possibilitaram que esta pesquisa fosse realizada. Bem como ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências e Letras e Araraquara (FCLAr) da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

À escola E. E. Antonio de Oliveira Bueno Filho, por toda a compreensão e apoio a minha formação.

Aos funcionários e professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP de Araraquara.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

***Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado...***
(Chico Buarque e Gilberto Gil)

RESUMO

Este trabalho não busca quantificar a violência presente na escola, nem determinar vítimas e culpados. Pretende dar escuta à escola e às pessoas que a compõem – as vozes do consciente e do inconsciente – através de uma perspetivação da Teoria Geral do Imaginário de G. Durand e de um conjunto de heurísticas elaboradas por J. C. de Paula Carvalho utilizando o Teste do Arquetípico de Nove Elementos (AT. 9) de Y. Durand, no intuito de mapear aspectos da cultura latente e patente de determinado grupo, a fim de analisar como alunos, gestores, professores e demais funcionários lidam com a violência presente na instituição escolar. Ao analisar os dados obtidos, observando, conhecendo o ambiente escolar e participando de alguns momentos junto ao grupo, por meio das entrevistas semiestruturadas e da aplicação do teste AT. 9, encontramos dois grupos muito diferentes: dos alunos (grupo A) e dos adultos que formam a equipe escolar (grupo P). Quando olhamos para os microuniversos encontrados, vemos na análise estrutural que no grupo P o que prevalece é o Microuniverso Místico (60%) e, no grupo A, há com o mesmo percentual (36,36%) tanto o Microuniverso Místico quanto o Microuniverso Heroico. Dentre esses microuniversos, aparecem aqueles de forma negativa, muito mais no grupo A, em um pouco mais da metade dos protocolos, e em apenas (25%) dos protocolos do grupo P. Todos os microuniversos podem ter uma forma negativa, e no caso do grupo A essa prevalência pode mostrar o fracasso do herói, a vitória do monstro e um refúgio que não traz paz e segurança. No grupo P, o Microuniverso Místico presente, onde o principal elemento é o refúgio, demonstra a busca por uma atmosfera harmônica, de paz e segurança. Ao realizar a análise semântica, considerando o simbolismo dos elementos encontrados, vimos que os protocolos do grupo P e do grupo A sugerem que não se trata de um imaginário de morte e de um imaginário de vida, mas de um imaginário de morte para o grupo A e de um ideário de vida para o grupo P. Os alunos (grupo A) se mostraram mais envolvidos com o processo de destravamento da criatividade via presentificação dos fatores inconscientes, pois percebemos a presença das vivências com os matizes inconscientes. Quanto ao outro grupo, consideramos que esses não se entregaram à tarefa criativa, talvez com receio de serem desvendados em seus mapas mentais. Encontramos, então, uma escola formada por diferentes e diversos imaginários. Ao questionarmos os participantes de possíveis formas para que pudessemos estabelecer uma relação harmoniosa e de respeito entre esses grupos, encontramos como resposta, principalmente: o diálogo. As pessoas que formam e convivem na instituição escolar precisam se conhecer, conversar, discutir, ter espaço para colocar suas opiniões, serem ouvidas e levadas em consideração. Essa é uma forma tanto de lidar com a questão da violência como estabelecer boas relações de forma geral.

Palavras-chave: violência, escola, imaginário, heurísticas.

ABSTRACT

This work does not aim to quantify the violence present at school, nor to determine victims and culprits. It intends listen to the school and the people who compose this institution – the voices of the conscious and the unconscious – through a perspective Gilbert Durand's General Theory of Imaginary and of a set of heuristics elaborated by J. C. de Paula Carvalho and using Y. Durand's Archetypal Test with Nine Elements (AT. 9) with the intent of mapping aspects of the latent and patent culture of a determined group, aiming at analyzing how students, managers, teachers and other workers deal with the violence present at the school institution. Analyzing the data obtained by observing and getting to know the school environment, participating of some moment with the group, through the semi-structured interview and the application of the AT. 9 test, we have found two very different groups: the students' one (group A) and the adults' one who compose the school team (group P). When we look at the micro-universes we have found, we see at the structural analysis that in group P, what prevails is the Mystical Micro-universe (60%) and in group A there is the same percentage (36,36%) as much as the Mystical Micro-universe than the Heroic Micro-universe. Among these micro-universes, there are those in a negative form, much more in group A, in a little more than half of the protocols, and in only (25%) of the protocols of group P. All the micro-universes can have a negative form, in the case of group A, this prevalence can show the failure of the hero, the victory of the monster and a refuge that does not bring peace and security. In group P, the present Mystical Micro-universe, where the main element is the refuge, shows the search for a harmonious atmosphere, of peace and security. When performing the semantic analysis, considering the symbolism of the elements found, we saw that the protocols of group P and group A suggests that this is not an imaginary of death and an imaginary of life, but an imaginary of death for group A and an ideology of life for group P. The students (group A) seem to be more involved with the process of unlocking creativity via presentification of unconscious factors, because it is realized the presence of the experiences with the unconscious nuances. Concerning the other group, we find that they did not indulge in the creative task, perhaps for fear of being unraveled on their mental maps. We have found, then, a school formed by different and diverse imaginaries. By questioning the participants of possible ways to establish a harmonious and respectful relationship between these groups, we find as a response, mainly: the dialogue. The people who form and coexist in the school must know, talk, discuss, have space to put their opinions, be heard and taken into account. This is both a way of dealing with the issue of violence and of establishing good relations in general.

Keywords: violence, school, imaginary, heuristics.

LISTA DE FIGURAS	P.
Figura 1 - Sexo grupo P	33
Figura 2 - Sexo grupo A	34
Figura 3 - Faixa etária grupo P	34
Figura 4 - Cor grupo P	35
Figura 5 - Cor grupo A	35
Figura 6 - Religião grupo P	36
Figura 7 - Religião grupo A	36
Figura 8 – Quantidade de pessoas que mora na mesma residência que participante do grupo P	37
Figura 9 – Quantidade de pessoas que mora na mesma residência que participante do grupo A	37
Figura 10 - Residência grupo P	38
Figura 11 - Residência grupo A	38
Figura 12 - Renda familiar grupo P	39
Figura 13 - Renda familiar grupo A	39
Figura 14 – Meio de transporte até a escola grupo P	40
Figura 15 – Meio de transporte até a escola grupo A	40
Figura 16 – Tempo do percurso até a escola grupo P	41
Figura 17 - Nível de escolarização do pai do grupo A	41
Figura 18 - Nível de escolarização das mães do grupo A	42
Figura 19 – Profissão atual dos pais do grupo A	42
Figura 20 – Profissão atual das mães do grupo A	43
Figura 21 – Quantidade de anos trabalhados na escola grupo P	43
Figura 22 - Sobre a satisfação do grupo P em trabalhar nessa escola	44

LISTA DE PROTOCOLOS	P.
Protocolo 1 - grupo P	50
Protocolo 2 - grupo P	52
Protocolo 3 - grupo P	54
Protocolo 4 - grupo P	56
Protocolo 5 - grupo P	58
Protocolo 6 - grupo P	60
Protocolo 7 - grupo P	62
Protocolo 8 - grupo P	64
Protocolo 9 - grupo P	67
Protocolo 10 - grupo P	69
Protocolo 11 - grupo P	71
Protocolo 12 - grupo P	73
Protocolo 13 - grupo P	75
Protocolo 14 - grupo P	78
Protocolo 15 - grupo P	80
Protocolo 16 - grupo P	82
Protocolo 17 - grupo P	84
Protocolo 18 - grupo P	86
Protocolo 19 - grupo P	88
Protocolo 20 - grupo P	90
Protocolo 1 - grupo A	92
Protocolo 2 - grupo A	94
Protocolo 3 - grupo A	96
Protocolo 4 - grupo A	98
Protocolo 5 - grupo A	100
Protocolo 6 - grupo A	102
Protocolo 7 - grupo A	104
Protocolo 8 - grupo A	106
Protocolo 9 - grupo A	108
Protocolo 10 - grupo A	110
Protocolo 11 - grupo A	112

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. CULTURANÁLISE DE GRUPOS	18
2. CULTURA PATENTE	24
2.1. Organização escolar e estrutura física do prédio	25
2.2. Histórico: Violência fundadora	26
2.3. Caracterização dos participantes da pesquisa	33
3. CULTURA LATENTE	45
3.1. Protocolos do grupo P	50
3.2. Protocolos do grupo A	92
4. ANÁLISE ESTRUTURAL: DESCRIÇÃO E IDENTIFICAÇÃO	114
4.1. Análise estrutural quantitativa	114
4.2. Análise estrutural qualitativa	116
4.3. Imaginário da morte e o ideário da vida: Análise dos simbolismos dos elementos	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	133
ANEXOS	136
ANEXO A - Protocolo do AT-9 (Arquetípico Teste de nove elementos)	137
ANEXO B - História do desenho	138
ANEXO C - Questionário AT. 9	139
ANEXO D – Quadro	140
ANEXO E - Quadro de Codificação dos simbolismos dos elementos	141
ANEXO F – Quadro de Tabulação e Codificação dos simbolismos heroicos	144

ANEXO G – Quadro de Tabulação e Codificação dos simbolismos místicos	145
ANEXO H – Quadro de Tabulação e Codificação dos simbolismos sintéticos	146
ANEXO I – Quadro de Tabulação e Codificação dos simbolismos da angústia	147
APÊNDICES	148
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE) – (Professores, gestores e demais funcionários)	149
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE) – (Alunos)	151
APÊNDICE C - Questionário 1 (Professores, gestores e funcionários)	153
APÊNDICE D - Questionário 2 (Alunos)	155
APÊNDICE E - Roteiro para entrevista semiestruturada com funcionários, professores e gestores	157
APÊNDICE F - Roteiro para entrevista semiestruturada com alunos	158
APÊNDICE G – Fotos tiradas dentro de algumas salas de aulas	159
APÊNDICE H - Fotos da estrutura física interna e externa da escola	162
APÊNDICE I - Fotos de atividades desenvolvidas na escola	170

INTRODUÇÃO

Este trabalho não teve como premissa determinar vítimas e culpados em relação à violência que acontece nas escolas. Ele vem dar escuta à escola e às pessoas que a compõem – as vozes do consciente e do inconsciente.

Encontramos nas falas, nos gestos, no instituído, nos símbolos e nos rituais diversas manifestações da violência dentro do ambiente escolar. Vimos, na cultura latente da escola investigada, o quanto a violência é múltipla e complexa, construtora e destruidora, origem de ordem e desordem.

E também encontramos esquemas e arquétipos – dinâmicos e estáticos – nas projeções imaginárias captadas pelo teste projetivo aplicado, o que nos permitiu mapear a cultura latente dos grupos investigados.

Anteriormente, um olhar antropológico nos permitiu ver a violência de maneira compreensiva no seu todo complexo (Morin, 1979), pautado no *Paradigma Holonômico*. E o presente trabalho traz novamente as contribuições teóricas que tal paradigma nos oferece para estudar diversos fenômenos, entre eles o da violência.

O *Paradigma Holonômico* refere-se à estruturação e ao funcionamento do todo, sem, no entanto, desconsiderar as partes. Como coloca Arruda (p. 27, 2013), esse tem fundamentação em uma lógica “caracterizada por ser evolutiva (passível de refutações e reorganizações), residual que (valoriza o a-racional e sobreracional)” e complexa que considera a ambiguidade e a produtividade entre ordem e desordem. Nos debruçamos, então, na dimensão “microestrutural” da sociologia compreensiva de (Maffesoli, 1985; 1987; 2001) que recorre às riquezas presentes nas minúcias do cotidiano para entender fenômenos que estão colocados à sombra das instituições.

Assim, em nossa pesquisa de mestrado, procuramos cotejar os fundamentos antropopsicanalíticos e socioantropológicos da violência, no sentido de realizar um balanço teórico, investigando em que medida a violência retrata uma “história natural do mal” e/onde é produzida por um imaginário sociocultural, tendo como campo de estudo as constituições da mesma, dentro do contexto escolar.

Para isso, trouxemos as várias manifestações da violência mostrando como é intrínseca ao homem caracterizando-o e como ela participou e participa das culturas humanas, (Bataille, 2013; Dadoun, 1998; Girard, 1990; Lorenz, 2001; Maffesoli, 1985; 1987; 2001; Marcuse, 1972; Morin, 1979;), criando um trajeto antropológico (Durand, 2002) alagado de

complexidade. E, então, através de um trabalho teórico interpretativo, concluímos que na medida em que não estabelecemos fronteiras entre natureza e cultura, entendendo que elas pertencem a um mesmo sistema, uma completando a outra, possibilitam-se a complexificação do fenômeno e as formas mais claras de geri-lo e entendê-lo.

Assim, concordamos com Guimarães (2005) quando diz que as situações violentas do sistema social influenciam e constituem o imaginário sociocultural, enraizando-se na existência dos homens e interferindo nas práticas institucionais, entre elas as escolares, uma vez que a escola como instituição da sociedade também encontra sua fonte no “imaginário social”, na qual está inserida numa “rede simbólica”, sendo assim toda a comunidade escolar sofre “determinações” dessa “rede simbólica”.

A partir daí começamos a nos indagar como a violência é simbolizada no imaginário, como este organiza as experiências violentas vividas pelo sujeito, ajudando-os a lidar com elas. Como fazer para irmos em direção às vozes do inconsciente, a um estudo do simbólico, das imagens que constituem o universo escolar, senão priorizando um estudo desse imaginário, principalmente quando não podemos explicar determinados fenômenos apenas pelo real, pelo visível, pois “nem tudo é redutível à racionalidade; há coisas que nos escapam” (GUIMARÃES, 2005, p. 6).

No mestrado, vimos que havia uma trajetividade que poderia nos oferecer posteriormente, em uma pesquisa de campo, novos estudos para pensar a violência. Essa trajetividade é a que também cria as imagens que constituem o imaginário do homem, que seria, seguindo a Teoria do Imaginário de Durand, *o capital inconsciente de gestos do sapiens, o capital das competências simbólico-organizacionais*.

Segundo Teixeira (2006, p. 217-218), o imaginário “define as competências simbólico-organizacionais dos indivíduos e dos grupos, organizando as experiências e as ações humanas” e cria o que Durand chama de Trajeto Antropológico que nada mais seria que a articulação do “pólo biopsíquico com o sociocultural, expressando tanto as invariâncias arquetípicas, como as variações”.

E em função do imaginário e do seu papel mediador nas culturas humanas é que escolhemos a Teoria do Imaginário para analisar a violência dentro do contexto escolar. Faremos isso na perspectiva da culturálise de grupos de Paula Carvalho “metodologia” “que se propõe a estudar os modos de organização da sociabilidade dos grupos e, conseqüentemente, a educação” (Teixeira, p. 129, 2005).

Paula Carvalho (1991) oferece um instrumento capaz de mapear as culturas dos grupos – realidade e a consciência do grupo (como o grupo constrói e interpreta a sua realidade e de que realidade se trata). Para isso analisamos as formas estruturantes da organização (Cultura Patente): o instituído, os códigos, as formações discursivas, os sistemas de ação, o aspecto cognitivo, o ideário e as ideações da cultura estudada e a experiência existencial (Cultura Latente): as vivências, a afetividade, o aspecto afetivo, a imaginária e as “fantasmatisações”.

Através de uma antropologia das organizações, Paula Carvalho propõe uma forma de ver os conflitos dentro das instituições que, segundo Arruda (p. 2, 2013), são constituintes das “práticas simbólicas” que ocorrem na escola, “cujas singularidades e especificidades somente poderão ser aprendidas à luz das injunções entre o macro e o micro social presentes no cotidiano”.

E é nas práticas simbólicas que o imaginário toma forma, nas inter-relações entre indivíduo e cultura visto como “capital cultural” ou “capital inconsciente de gestos do sapiens”, além de ser “o capital das competências simbólico-organizacional”, permitindo penetrar a “dupla natureza do universo das mediações simbólicas”, captando os ritos e os mitos que revelam “a dinâmica e compleição do aparelho simbólico”. Arruda (p. 7, 2013).

Sendo assim, segundo Paula Carvalho (1990), o Imaginário pode ser entendido através de um duplo ângulo: das imagens simbólicas e das práticas simbólicas, ou seja, “é o universo bio-antropo-social-cultural dos ritos e dos mitos que organizam a socialidade dos grupos”. Sua importância reside no fato de que o homem precisa de sistemas simbólicos para organizar a sua vida, porque “a esfera noológica, constituída pelos fenômenos ditos espirituais, é um universo bastante rico que compreende ideias, teorias, filosofias, fantasmas, mitos, sonhos”, transpassando todas as esferas da vida humana. E através das “Estruturas Antropológicas do Imaginário” trazidas por Durand (2002) em seu livro, é possível “classificar” as elaborações conscientes e inconscientes feitas pelo homem.

E a escola é fonte de um cotidiano onde, de acordo com Durand (2002), são tecidas as redes simbólicas que sustentam a cultura. Com isso nos questionamos sobre quais seriam as manifestações de violência vivenciada dentro do contexto escolar e que constituem a cultura escolar, quais seriam as imagens da violência na escola, que fenômeno ambíguo é esse que ao mesmo desestrutura e estrutura o funcionamento escolar e quais os sentimentos e projeções do consciente e inconsciente que os agentes do contexto escolar elaboram para lidar com essa violência.

Para Porto e Teixeira (1998, p. 54), nos dias atuais a violência “tem sido considerada com uma das figuras reveladoras da desordem e da diferença que ela ameaça introduzir”. Onde “se instituiu um “imaginário do medo” que,

[...] ocupa um espaço material no corpo, ou seja, tem uma inscrição corporal, porque além de ser provocado por ameaças externas reais ou imaginárias, está associado, segundo Durand (1989), às imagens da angústia original devida à emergência da consciência do Tempo e da Morte, e às experiências negativas advindas dessa consciência.

De acordo com as autoras (1998, p. 54), a busca da imaginação humana está em “reduzir essa angústia existencial, através de seu princípio constitutivo que é o de representar, simbolizar as faces do Tempo e da Morte, a fim de controlá-las e às situações que elas representam”. Contudo o imaginário não conseguindo encarar o desconhecido cria, segundo Teixeira e Porto, “imagens nefastas da angústia”.

Sendo assim, ao analisar os dados encontrados na escola pesquisada, buscamos evidenciar como os grupos que formam a instituição pesquisada lidam com essa “angústia existencial”, que elementos eles usam para enfrentar aquilo que os atormenta.

Como colocam Porto e Teixeira, (p. 36, 1997), por mais que as escolas se estruturam de forma semelhante sob as bases de “regimentos, normas, regras, estatutos que norteiam as práticas educativas” e que buscam “implantar uma ação homogeneizadora”, em virtude “da diversidade cultural de cada escola, estes são reinterpretados, relativizados e adaptados às condições concretas de cada qual”, o que nos permite diferentes interpretações dentro desse contexto.

Para realizar essas interpretações, na primeira sessão, apresentamos a Cultura análise de grupos e a heurística utilizada por nós. Na segunda sessão, evidenciamos a cultura patente encontrada. Na terceira sessão, o que obtivemos acerca da cultura latente. E na quarta sessão, apresentamos os resultados e realizamos a análise estrutural e análise dos simbolismos dos elementos.

Nas considerações finais, realizamos um balanço entre cultura patente e latente, pensando em como podemos lidar com a violência escolar a partir da realidade vivida pela escola pesquisada, levando em consideração o que os próprios atores da instituição escolar nos colocam em relação a esse enfrentamento.

1. CULTURANÁLISE DE GRUPOS

Entendemos que o imaginário da violência é produzido na trajetividade entre os polos e sociocultural. Buscamos entender o que acontece em cada um desses polos, levando em consideração esse trajeto em que ambos os polos se encontram sem priorizar que lado pode explicar e lidar de forma mais satisfatória quando falamos do fenômeno da violência.

É importante frisar o que Rocha Pitta esclarece (2005, p. 19) [...] "não se trata de classificar uma cultura em tal ou tal estrutura", e sim "perceber qual é a "polarização" predominante", isto é, o tipo de dinamismo que se encontra em ação, o que leva à determinação do "trajeto antropológico", em determinada cultura ou grupo.

Dentro desse circuito dinâmico e recursivo é que se movimentam, de acordo com Fernandez (2005, p. 58) a cultura patente, o "instituído, o saber constituído, os sistemas simbólicos, o sistema de ação, os códigos e normas, a reprodução, em suma, os modelos de pensar e agir" e a cultura latente o "instituinte, a experiência vivida, as práticas simbólicas cotidianas, a dimensão fantasmática, a criação, em suma, os modos de sentir".

Nesse sentido, mostraremos aquilo que podemos encontrar nas minúcias do cotidiano escolar: em uma fala, em uma ocorrência, nos documentos que respaldam a instituição, sempre dando voz aos autores que formam aquele espaço e também os universos encontrados nas projeções imaginárias dos participantes.

Partindo do pressuposto de que a violência é intrínseca ao homem e às culturas humanas, não pretendemos dar rótulos e nem nomear vítimas da violência, buscamos aqui na perspectiva da Culturanálise de Grupos conhecer as culturas que permeiam a instituição educativa e como elas criam e lidam com a violência presente no ambiente escolar. Essa metodologia, segundo Paula Carvalho (2000), permite realizar um "diagnóstico socioantropográfico" da "existenciação" do grupo, um mapeamento do imaginário do grupo pesquisado, a partir da motivação profunda desse e das funções da imaginação simbólica, de acordo com o autor "esboça-se um trabalho com/através das produções do imaginário".

Para realizarmos o estudo do imaginário grupal devemos olhar para o imaginário em sua dimensão cultural. Nesse sentido, de acordo com Badia e Paula Carvalho (2010, p. 68), o imaginário é "a imagem plural e multifacetada que uma sociedade faz de si mesma ou, em termos mais específicos, os conjuntos psicoculturais que funcionam como polissemias simbólicas".

Dessa forma, podemos nos debruçar em três aspectos da cultura: a cultura patente, a cultura emergente e a cultura latente, que são:

A **cultura patente** está nos limites daquilo que os teóricos da organização chamam de cultura organizacional, ao passo que a **cultura latente** refere-se aos dinamismos inconscientes de estruturação e funcionamento da cultura manifesta. A **cultura emergente**, por meio dos ritos, mitos, ideologias e valores, permite captar tanto o aspecto patente – praxeológico da cultura de um grupo quanto os componentes afetivos-residuais da ação sociocultural nos grupos. (BADIA; PAULA CARVALHO, 2010, p. 68)

E para obter as formas de como ocorre esses três funcionamentos podemos usar diversas heurísticas. Paula Carvalho; Badia (2010, p. 69), nos fornece um mapa das heurísticas já utilizadas até o momento em cultura análise de grupos:

1. Mapeamento da cultura patente:

1.1. Heurísticas socioantropográficas: o esquema de P. Erny; perfil etnográfico;

1.2. Heurísticas praxeológicas: a lógica da ação racional em Godelier e a Chart de Malinowski;

1.3. Heurísticas diastemáticas: o estudo do espaço e suas configurações; os modos de pensar e agir configurados como imagens e ideias.

2. Mapeamento da cultura emergente:

2.1. Heurísticas héxicas: resíduos e derivações de Pareto; ideo-lógicas de M. Augé, mito-lógicas de Lévi-Strauss e axio-lógicas de Parsons-Kluchon e Gurvitch; rito-lógicas de Th. Maertens; personalidades modais de Devereux e a cotidianidade oximorônica de P. Carvalho e Badia;

2.2. Heurísticas mitopeicas: as imagens-desejo de Bloch e as consciências dissimultâneas de Tacussel; as sensibilidades de Febvre; as metáforas obsessivas de Mauron; as imagens simbólicas e os complexos culturais da poética do devaneio de Bachelard e a imaginária hipárico-onírica de Frétygny e Virel;

2.3. A configuração das histórias de vida pessoal e do grupo de base e o diário de rêveries.

3. Mapeamento da cultura latente:

3.1. Heurísticas tesmiósicas: rito-lógica da corporeidade e socioanálise do protomental;

3.2. Heurísticas catéticas: a socioanálise do protomental e a fantasmanálise de grupos de Bion, Ll. Mause, Anzieu e Kaes;

3.3. Heurísticas mitopoiéticas: a mitocrítica de discursos e a mitanálise institucional de G. Durand e P. Carvalho.

3.4. Heurísticas arquetipais: a arquetipologia das figurações mítico-imaginais, o AT.9 e o mitodrama.

3.5. A configuração régia do banco de sonhos individuais e grupais e o diário de sonhos.

4. Complementações heurísticas: os devaneios, as conversas paralelas e, em contraponto, o ensimesmamento, as práticas intersticiais e as práticas de dejeção, o chiste, o sonho acordado, o ludismo transicional do espaço potencial, do liminoide, do ek-noide, do anoide a tipologia das consciências dissimultâneas, a fenomenologia dos complexos e a imaginação ativa, as encenações, cenerizações e teatralizações, o onirismo grupal e imaginal.

A Culturanálise de Grupos foi anteriormente usada em diversas pesquisas, (Lahud, 1993); (Chaves, 1998); (Estrada, 2000); (Fernandez, 2005) entre inúmeras outras. Fernandez (2005), por exemplo, realizou um estudo sobre o imaginário de um grupo de adolescentes de um serviço de qualificação profissional, buscando chegar às imagens de solidariedade e imagens da violência da cultura latente desse grupo para analisar como essas imagens se

manifestaram no imaginário dos adolescentes e para isso utilizou-se de algumas das heurísticas apresentadas.

Nesta pesquisa optamos por mapear alguns aspectos da cultura patente e latente. Para o estudo da cultura patente buscamos elementos no atual Projeto Político Pedagógico da escola, no Regimento escolar, realizamos observações, fizemos registros escritos de reuniões pedagógicas em que participamos, também fizemos registros de imagens dos espaços, realizamos um levantamento do histórico da instituição e estivemos em contato com a comunidade escolar através de conversas informais e de forma mais direta através de entrevistas semiestruturadas. E para o levantamento da cultura latente priorizamos a heurística arquetipal fazendo uso do AT.9.

Então, começamos esta pesquisa em concordância com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências e Letras e Araraquara (FCLAr) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), (APÊNDICES A/B) e identificamos primeiramente a cultura patente (Paula Carvalho; 1990; 1991; 2000) da escola escolhida.

A escola é uma instituição pública do município de Araraquara, interior do Estado de São Paulo, que foi selecionada após uma conversa com a secretária municipal de educação da cidade em que foram citadas algumas escolas que tinham várias ocorrências em relação à violência escolar. Todos os professores, gestores e demais funcionários da escola selecionada foram convidados a participar voluntariamente da pesquisa e também os alunos dos nonos anos do Ensino Fundamental. Escolhemos os alunos desse ano por já terem vivenciado variadas situações dentro da instituição escolar, visto que esse é o último ano dessa etapa.

Dessa forma, possibilitamos, enquanto estivemos na escola, que nossas fontes falassem, para posteriormente analisar os dados da cultura patente e latente dos grupos sob as *Estruturas Antropológicas do Imaginário*, identificando o Imaginário dos grupos.

Para isso fizemos um trabalho etnográfico através da aplicação de questionários (APÊNDICES C/D) e de observações realizadas durante os dias em que estávamos dentro da escola, para fazer a coleta de dados. Já nessa primeira etapa, foi possível ver as formas e modos de ação dos preconceitos, os rituais de confraternização, os ritos de expressão, os jogos, os ritos instrumentais (burocratização da vida escolar), os ritos de “tribalização”, os modos formais e informais de presença da comunidade na escola e o confronto possível entre burocratização e participação e principalmente captar a presença de fatos e ações considerados como “violência”, o porquê e o como do encaminhamento, quando essa acontece na escola (Badia; Paula Carvalho, 2010).

Em um segundo momento, fizemos o mapeamento da cultura latente do grupo. Para isso usamos o Teste Arquetípico de Nove Elementos (AT.9) que Yves Durand criou (ANEXO A), para identificar o imaginário do grupo através da Teoria do Imaginário de Gilbert Durand. Esse instrumento permite, de acordo com Rocha Pitta (2005, p. 38), “ao indivíduo transformar arquétipos universais em símbolos situados em vivência individual e coletiva específica, ele é uma preciosa fonte de dados para a análise comparada de culturas”, pois pode mostrar a maneira como o sujeito em lidar com a angústia existencial de um grupo dado.

Segundo Arruda (2013, p. 10), o objetivo desse teste projetivo é identificar os “núcleos organizadores da simbolização, os universos míticos que se constituem ao longo das histórias individuais e ou grupais” (ANEXO B). Para Badia (1994, p. 32), o AT.9 desvenda esses universos míticos e pode ser um método possível de intervenção, mas antes de tudo ele é um “método de pesquisa psicológico e sociológico do imaginário individual e do imaginário grupal” e prioritariamente um instrumento de pesquisa antropológica.

Em resumo, o AT. 9 envolve a realização de um desenho seguido de uma pequena história complementado pelo questionário AT. 9 (ANEXO C). “Os nove elementos ou estímulos-arquétipos criam “fatos simbólicos” materializados por uma imagem (desenho) e um “sentido” (relato), liberando a angústia original numa produção imaginária” (ANEXO D) (Badia, 1994).

Após a aplicação do teste¹, a fim de não direcionar o que os participantes escolheriam para colocar no papel, realizamos uma entrevista semiestruturada (APÊNDICES E/F), cujo objetivo foi obter informações sobre o que o grupo pensa/conhece sobre o fenômeno da violência e da violência escolar. Tais dados foram extremamente importantes para pensar a violência dentro dos espaços escolares, analisando seus impactos e possibilidades para lidar com o fenômeno, seria aquilo que pulsa, que sai da fala dos sujeitos, aquilo que emerge.

É importante já esclarecer que, como coloca Paula Carvalho (2000, p. 27), “quanto mais formal, instituído e organizado o grupo”, mais evidente seriam os esquemas, contudo tal organização (patente) muitas vezes pode estar muito mais no papel do que no dia a dia da escola, o que segundo o autor permite “evidenciar as potenciais defasagens entre o prescrito e o atualizado”, que “potencialmente evidenciam emissões de latência”.

¹ Para fins éticos, é importante ressaltar que o AT. 9 funciona como um simples desenho e uma história solicitados e não corre mais riscos que aqueles envolvidos por todos os trabalhos de criatividade propostos nos quadros escolares.

Veremos, agora, como se deu cada etapa desses momentos. Mostraremos primeiramente a cultura patente da escola, aquilo que está dado, a escola em seu aspecto histórico, estrutural, regimentar e legal e, posteriormente, a cultura latente, as construções imaginárias realizadas por cada um dos sujeitos dos grupos.

2. CULTURA PATENTE

Segundo Paula Carvalho (2000, p. 24), a cultura patente é “o nível racional de funcionamento do grupo ou o pólo técnico das interações grupais, regido portanto pelos perceptos e pelas funções conscienciais pragmáticos-reflexivas”, ou seja, refere-se ao “sistema de metas e meios racionalmente dispostos que atuam como fator de agregação do grupo”.

Para isso, foram dias de observações da rotina escolar, conversas informais e aplicação de coleta de dados, para obter as informações necessárias da instituição. Nosso encontro inicial aconteceu, de forma muito receptiva, pela gestão da escola. A coordenadora nos esclareceu que a escola vinha passando por vários problemas quanto à questão de indisciplina e violência, mas que, esse quadro havia melhorado, através de algumas intervenções que a escola já vinha realizando, contudo que essa contava ainda com casos que precisavam de atenção.

Então, durante o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), foram apresentados aos professores os objetivos da pesquisa, e eles foram convidados voluntariamente a participar, convite que menos da metade dos professores, mais precisamente 13 pessoas, aceitou. No HTPC vespertino, percebemos que houve maior rejeição dos professores, eles colocaram que se sentiram expostos por um projeto anterior realizado na escola, já no período noturno houve maior adesão. Outros funcionários e os gestores também foram convidados, totalizando 20 pessoas que chamamos de grupo P.

Quanto aos alunos, cerca de 55 pessoas, divididas em três salas de nonos anos, foram chamadas a realizar a pesquisa, mas apenas 11 foram autorizadas por seus pais/ responsáveis a participar. Esse segundo grupo, os adolescentes, que forma a escola chamamos de grupo A.

Ao passar nas salas para expor a intenção da pesquisa, pudemos perceber que eram salas muito diferentes, situação confirmada pela coordenação e por alguns professores e percebida pelos alunos. Nas falas, ouvimos que a sala A e B são consideradas como “fracas”, onde estão os alunos que “não querem aprender”, e essa divisão foi realizada de forma intencional pela gestão, os próprios alunos mencionam isso.

Estas duas salas têm um número reduzido de alunos, enquanto a sala C, a terceira, possui o número máximo, onde temos os alunos considerados “bons”, interessados. Esse dado pode ser constatado na própria fala dos alunos.

*No começo do ano eu tava meio que [...] não querendo estudar, mas agora eu tô voltando querendo recuperar, porque tem a prova industrial do nono ano e tô com a cabeça nisso [...]. Eu tava desanimada, porque eu não queria ficar nessa sala, eu até conversei com o [...] que eu não queria ficar lá, porque eu já briguei com muitas pessoas dali e eu não queria ficar lá [...] ele me separou da minha amiga, que eu sempre ficava [...]. (questionamos de qual seria o motivo para separá-las) Por causa da bagunça daquela sala, **tem 3 salas, disseram que era uma que é boa, outra média e uma ruim, a ruim era a nossa do ano passado, só que eu e minha amiga fazíamos muitas coisas, então não sei por que separou [...].** Quando eu pedi não atenderam meu pedido e eu fiquei assim muito triste, eu tinha muita expectativa que ia mudar, eu convenci minha mãe pra vir aqui conversar e na hora que eu cheguei eles só falaram com os professores, eles deram a opinião deles e disseram que não era bom pra mim ir [...]. **Mudaram eu, porque disseram que eu tinha mais capacidade de estar nessa sala e eu acho que tinha muito esse preconceito de falar que nossa sala do ano passado era muito ruim [...].** (A2)*

Nesse primeiro encontro com os alunos, pudemos ver, nas salas A e B, uma grande apatia de forma geral: professor sentando em silêncio, alunos dormindo, rodinhas no fundo da sala conversando e apenas 4 alunos realizando atividades. Na sala C, vimos uma sala “uniformizada” com suas camisetas comemorativas de formatura, professor em pé explicando, e todos os alunos interagindo e fazendo atividades.

Após as devidas etapas previstas com base no exigido pelo comitê de ética, teve início o levantamento de dados dentro da escola. Falaremos, agora, de como a escola está estruturada e, posteriormente, através do seu histórico, vamos conhecer o momento em que a escola se encontra hoje.

2.1. Organização escolar e estrutura física do prédio

A instituição oferece no período matutino e vespertino o Ensino Fundamental I e II, mantida pela Prefeitura Municipal de Araraquara - SP, através da Secretaria Municipal de Educação. Hoje a escola atende a cerca de 780 alunos do bairro local (Indaiá), do bairro São Rafael I e II, Oitis, Santa Luzia e do Serra Azul (atende também a alunos excedentes de outros bairros, principalmente da Região do Vale Verde), em 32 salas de aulas, sendo 438 do Ensino Fundamental I e 342 do Ensino Fundamental II.

A escola conta com 6 colaboradores que cuidam da alimentação, 3 da limpeza, 4 operacionais, 10 agentes escolares, 2 secretários, 21 professores de Ensino Fundamental I, 27 professores de Ensino Fundamental II, 3 professores de Educação Especial, 1 diretora, 1 vice-diretora, 2 coordenadoras e 1 Assistente Educacional Pedagógico.

A escola possui (APÊNDICE G/H) 1 sala de recursos onde é feito o atendimento especializado, 1 copa, 1 secretaria, 1 direção, 1 coordenação, 1 Portal do Saber com computadores e ar-condicionado, mesas de estudos, livros (diversos gêneros textuais), revistas e jornais, 15 salas de aulas com ventiladores (alguns que não funcionam), portas (algumas quebradas), paredes com pintura antiga, 8 banheiros de alunos em bom estado, 1 depósito, 1 laboratório de informática com computadores em bom estado e ar-condicionado, 1 laboratório de ciências, 1 Laboratório Positivo (sala com diferentes materiais pedagógicos), 1 sala dos professores, 1 pátio (grande área externa), 1 quadra de esportes, 1 refeitório com mesas e bancos (também algumas cadeiras na falta de alguns bancos quebrados), 1 cozinha, 2 banheiros para professores e funcionários, fachada externa com pintura antiga que precisa de reparos e jardinagem externa que precisa de manutenção.

2.2. Histórico: Violência fundadora

Para conhecer o histórico da escola, nos baseamos em seu Projeto Político-Pedagógico do ano de 2014 (o mais atual), através de informações obtidas com os funcionários responsáveis pela parte administrativa da escola e pelas entrevistas com os participantes diretos da pesquisa.

Segundo o documento, a Escola Municipal do Ensino Fundamental “Professora Gilda Rocha de Mello e Souza” foi fundada em 23 de janeiro de 2008, recebendo esse nome para homenagear a professora Gilda de Rocha de Mello e Souza, uma conceituada professora da USP, que em sua infância morou na cidade de Araraquara. Vale ressaltar que a professora era sobrinha do escritor Mário de Andrade e esposa do crítico literário Antônio Cândido. A instituição foi inaugurada oficialmente no dia 14 de março de 2008.

Nesse mesmo ano, recebeu funcionários, professores e gestores que logo em fevereiro tiveram seus primeiros alunos e ano letivo. A nova equipe ficou responsável por organizar os materiais, equipamentos e estabelecer as primeiras rotinas de trabalho de toda a equipe escolar.

Como consta no Projeto Político-Pedagógico da escola, a chegada da nova instituição foi para a comunidade local um fato muito marcante, pois a escola estava equipada com recursos tecnológicos inovadores na educação.

Nesse primeiro ano, a escola recebeu cerca de 400 alunos, distribuídos em turmas do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, nos períodos matutino e vespertino, do bairro local – Indaiá – e dos bairros ao redor: Serra Azul, São Rafael I e Jardim dos Oitis.

A gestão escolar contava com uma diretora, uma assistente educacional pedagógica e uma coordenadora, contudo, em 2016, passou a contar com mais uma profissional na coordenação pedagógica, pois a escola começou também a atender novos bairros que estavam se formando ali nas redondezas.

Com isso houve um aumento significativo na quantidade de alunos, quase o dobro. Essa mudança influenciou muito na configuração e na dinâmica do cotidiano escolar. Os professores, gestores, funcionários e os próprios alunos que já formavam a escola não estavam preparados para receber novos alunos.

Eram famílias que estavam chegando ao bairro, até mesmo à cidade há pouco tempo, com elas vieram as brigas por território na comunidade em relação ao tráfico de drogas que logo foi se instalando. A escola não ficou imune a essas brigas entre famílias rivais, a violência ultrapassou seus muros e ganhou ali dentro um sentido próprio.

O grupo P, ao ser questionado sobre como é trabalhar na atual conjectura da instituição, mostram como essa mudança marcou a história da escola e a influencia até hoje.

[...] ao longo do tempo que a escola tá aqui, acho relevante falar sobre isso, que aqui era um bairro que tinha uma população de 1.500, 2.000 pessoas quando foi reivindicado a construção da escola, a escola é construída e entregue em 2008 ela 450 alunos depois de um certo tempo a cidade se organizando para tentar oferecer moradia para quem não tem com esses programas de habitação ela aumenta nessa população da região para 7.000, 8.000 pessoas, a escola depois de 3, 4 anos acaba sofrendo uma grande transformação de 500, 450 alunos ela passa para 800, aí um conflito é gerado, primeiro vem as casas, esse plano de moradia e depois eles vão pensar em outras ações para além da moradia, então agora, depois de três anos, que Posto, centro de esportes e cultura, mas pelo que a gente percebe ainda meio desarticulado, a construção de uma nova escola, que é o primeiro ano, de 2017 que tá recebendo aluno é quando a escola volta se organizar, então há 2, 3 anos aí 2011 a 2013, 14 está no processo de conflito bastante grande, mas eu poderia tentar transferência para escolas a 1km da minha casa até, essa aqui está a 7 km da minha casa e eu prefiro vir aqui, gosto. [...] (P11)

Eu entrei aqui um ano depois da inauguração dela passei por um momento muito bom inicialmente, depois nós sofremos um baque muito grande aqui na escola que foi um aumento no número de alunos, uma falta extrema de professores e uma violência acima da média e agora eu continuo aqui e percebo que estamos no caminho certo [...] e eu me sinto muito feliz em trabalhar aqui [...] eu tive oportunidade três vezes de sair daqui e não saí. (P5)

Com esse advento, a escola não preparada para tal mudança começou a enfrentar alguns problemas. Um deles foi a falta de professor, pois a prefeitura aumentou o número de alunos, mas não o corpo docente. Isso acontece até hoje, no entanto na época era muito recorrente.

[...] existiu uma ocasião, foi bem daquele processo de ampliação da escola, com novos alunos chegando e com falta excessiva de professores, eu tava na minha sala de aula, dando aula [...] e tinha acho que mais três ou quatro salas para fora todas elas no corredor gritando, tumultuando e nesse exato momento que nós estávamos com falta de professor e falta de funcionário todo corpo diretivo estava em reunião [...] eu acho que a reunião poderia ser adiada, [...] inicialmente o que deveria ser resolvido era esses alunos que estavam sem professor. [...] (P5)

Outro problema foi a não preparação da escola para lidar com esses conflitos que nasciam na comunidade e que adentravam a instituição. A escola se tornou um local para esses embates, durante o recreio, na entrada e na saída do período e durante o tempo ocioso, quando várias salas estavam de “janela”. A forma de lidar com o conflito era a punição, a advertência, a suspensão, que quando não resultavam em resoluções se encaminhavam para gritos, ofensas, novas violências para lidar com aquilo que vinha ocorrendo. E numa forma de revolta, os alunos passaram a ver a escola como “inimiga”.

Segundo a coordenação, os alunos derrubavam o alambrado e entravam na escola, ameaçavam diretora, vice-diretora, entravam para bater em professor, destruíram portas, vidros, armários, sendo a depredação escolar a primeira manifestação de revolta dos alunos, em relação a toda essa dinâmica de desordem que havia se instalado.

Nesse sentido a coordenação lembra que, em 2014, nós jamais estaríamos ali sentadas conversando, sobre esses fatos que ela estava me relatando, pois a todo o momento surgia um novo problema para ser resolvido. Ela relata que várias coisas mudaram, entre essas a postura deles, da equipe gestora, ela ri e assume “os pais vinham brigar a gente não atendia, já mandava chamar a Guarda Municipal e agora a gente se arrisca, né?! [...] Ouve, explica, sempre num tom de voz baixo [...]”.

Com a incidência cada vez maior dos casos relatados, a desordem no ambiente aumenta ainda mais. Quando gestores e professores desanimados pedem remoção para outra instituição, passa a se ter, então, um giro constante de profissionais, principalmente no cargo de direção. A escola ganha um estigma que até hoje está impregnado em sua história:

[...] quando eu vim aqui para escola eu já conhecia a fama, eu vim diferente das outras diretoras que passaram por aqui, que vieram por falta de opção eu vim pra cá por escolha, tinha outras escolas para escolher, foi uma opção vir pra cá, mesmo sabendo que não seria fácil, mas para minha surpresa não era tão ruim assim como as pessoas contavam, percebi que algumas pessoas gostam que a escola seja vista dessa forma pelas outras pessoas é porque talvez dê uma sensação, olha como eu trabalho numa escola superdifícil, mas eu estou aqui eu consigo trabalhar, não é tão ruim assim, tenho dificuldades? Tenho, tenho muitas, todos os dias, mas nada que seja impossível. (P12)

Olha, quando eu vim para cá eu vim com muito medo, porque a fama da escola era péssima, que era uma escola muito violenta, que era perigoso a gente apanhar dos alunos e quando eu vim pra cá eu percebi que as pessoas daqui são muito individualistas, não gostam de trocar informação, de certa forma te colocam até um pouco de medo e quando eu comecei eu vi que não era bem assim, mas também que não era fácil, você tem que ter muito jogo de cintura pra lidar tanto com os funcionários quanto com os alunos e hoje eu penso que é muito mais difícil lidar com os funcionários do que com os alunos [...]. (P13)

Ao nos depararmos com o que essas falas e informações trazem, conseguimos identificar claramente a presença da violência nas minúcias desse cotidiano, sendo assim, para análise desse fenômeno nos valem da sociologia compreensiva de Maffesoli (1985; 1987; 2001) que é a “sociologia dos fatos miúdos e obscuros do dia-a-dia”.

Longe dos maniqueísmos “inventados” pela sociedade que opõem bem e mal como forma de classificar atitudes, comportamentos e significações, Maffesoli (1987) afirma que a dissidência social – a violência – pertence a um duplo movimento de destruição e de construção, ou seja, é reveladora de uma desestruturação social relativamente manifesta que continuamente invoca uma nova construção, onde não existe equivalência e nem comparações entre o que seria do *plano do erro* e o que seria do *plano da verdade*.

Reafirmando nossa premissa inicial de que não buscamos neste trabalho apontar culpados e vítimas, apoiados em Maffesoli, a violência que se configura no ambiente da escola investigada seria uma violência fundadora, que o autor chamou de anômica, onde a sociedade funda um tipo próprio de violência para lidar com a dissidência social que ela mesma cria.

Contudo, vale a pena ressaltar que quando essa violência se concentra em um único ponto que a torna totalizante, essa acaba por fundar simultaneamente sua utilização e sua destrutividade. Assim, a violência fundadora passa a ser racionalizada, através do monopólio de suas energias, para que possa controlá-la, em busca de uma organização asséptica da sociedade, ou seja, através do pressuposto colocado é usar-se da violência como um instrumento que garanta ter o poder em mãos para um controle social.

Nesse sentido, a gestão e o corpo docente na busca de controlar a situação que a escola enfrentava, elaborou um plano de Ação, o Promovendo Disciplina e Aprendizado - PDA criado em 2014, que tinha como objetivo, segundo o próprio documento:

[...] refletir sobre os possíveis determinantes da indisciplina escolar, buscando reconhecer suas causas e traçando ações educativas para promover a PREVENÇÃO de forma que haja contenção da indisciplina, principalmente aquelas que também correspondam ao ato infracional. (p. 2)

Ainda, de acordo com o projeto, “em decorrência do aumento em 100% do número de alunos atendidos, consideráveis problemas de cunho disciplinar” começaram a acontecer, sendo mais comuns “práticas que resultam em dano ao patrimônio público e de desrespeito dos alunos para com os professores e demais funcionários”. (p.1)

Também nesse ano foi elaborado o Projeto Político-Pedagógico (PPP) (2014-2016) que teve como precursor o tema “Qualidade de vida”, com o objetivo, segundo o documento, de “conservar o prédio da escola, a estrutura física”, pois de acordo com o texto, “a consciência desses recursos propiciam qualidade de vida aos alunos”.

Nesse sentido, concordamos que qualidade de vida envolve ter espaços adequados estruturalmente, que possibilitem um bom convívio social e que no ambiente escolar favoreçam o ensino-aprendizagem, mas também tem a ver com as relações sociais que você trava em um determinado local, é sentir-se parte daquele ambiente, é criar identidade com aquele local, e se essas relações e identificações não estão acontecendo, pois, como coloca o PDA, violências contra a escola vinham ocorrendo, como as depredações ao prédio escolar, seria necessário pensar também em ações que entendessem esses conflitos com propostas para uma melhor convivência dos sujeitos que ali dividem o mesmo ambiente.

Atualmente, tanto o PDA não é mais utilizado mesmo estando presente ainda nas falas de professores, dos alunos e com cópias de partes do texto fixadas nas salas de aula ainda, mas também o PPP não foi atualizado, o que pode comprometer a caminhada da escola, pois essa fica sem diretrizes para seguir, sem um projeto escolar que mostre e norteie aquele grupo e o reconheça.

No entanto, fica evidente que a atual gestão, grupo de docentes e demais funcionários vêm trabalhando de maneira muito séria e dedicada para que esse quadro mude, nas reuniões pedagógicas que pudemos presenciar, vemos a imensa preocupação com o futuro dos alunos, que já traz resultados que podem ser vistos nas avaliações externas de aprendizagem.

O PDA e o PPP estiveram presentes nas falas de alguns participantes da pesquisa:

[...] se eu não me engano aqui é o PDA que eles chamam tinha em algumas salas, acredito que ainda tem, mas eu não sei... É um manual que tá preso na parede, não vejo sentido de o aluno parar e falar “acho que vou dar uma lida aqui, nas regras” não sei de que maneira que isso daí poderia ser mais visível, eu acredito que no dia a dia né? Mas eu acredito que não tem nenhum momento, por exemplo, eu tô aqui há dois anos, que teve essa ideia de esclarecer ou até o que eu acho mais importante deles estarem participando. Tem todo ano quando a gente faz o Projeto Político-Pedagógico a gente convida, mas são dois, três alunos que participam, por exemplo, o que vai ser alterado ou não, esse ano teve a discussão do uso do celular nas imediações da escola, mas eu acho que acabou uma decisão mesmo só do corpo docente, que eu acho que a maioria das regras os alunos deveriam estar participando também, senão só fica de cima para baixo e aí cada um fica na sua função de um reprimir e o outro transgredir, fica nesse ciclo, eu não vejo solução, mas acho que é pouco divulgado eles não conhecem e também não participam. (P6)

A gente teve um problema alguns anos atrás, e aí fizeram um projeto [...] a gente tinha essas normas relacionadas mais à conduta de sala de aula e a gente tinha fixado na sala, ainda tá né? Aqui ainda tem nessa sala (professora olha ao redor da sala e vê o PDA fixado), não é a minha sala essa. O projeto foi incluído no regimento. (P1)

A escola tem um Regimento, tem um Plano Político-Pedagógico, mas todo ano [...] a gente inicia o ano tentando fazer uma reformulação para ver o que melhorou e piorou e às vezes a gente patina muito nisso e acaba tomando meses e meses de discussão, mas sem uma efetivação. (P5)

Segundo a gestão da escola, a vantagem do PDA foi as pessoas pararem para pensar no que estava acontecendo, mas um ponto negativo que ele acabou trazendo foi uma sequência de punições para cada ato que fosse considerado errado. Ele era uma espécie de regimento da escola, que ditava suas normas e regras.

No início do ano, era passado para os alunos e fixado nas paredes da sala de aula. Os atos tinham níveis de infração e, de acordo com cada atitude, uma punição era imposta, que poderia ser: realizar um trabalho, receber uma advertência oral, ser suspenso durante um ou mais dias da sala, dentre outros.

O PDA acabou sendo incorporado ao Regimento oficial da escola e com o tempo foi perdendo seu papel ativo, ficando apenas como mais um documento da instituição. Analisando as fichas dos alunos, percebemos que, na época do PDA, havia muitas ocorrências registradas, ao questionarmos isso para professores eles comentam que diminuiu, porque eles “cansaram” de registrar e “não acontecer nada”, a violência ainda acontece, mas sofreu mudanças.

Ainda há a presença de violência física entre os alunos, violência verbal entre alunos e de alunos com professores e agentes escolares, ainda acontecem danos ao patrimônio, falta de material, falta de professores, mas importantes mudanças vêm acontecendo.

Dentre essas mudanças está a presença integral do Assistente Educacional Pedagógico - AEP que vinha em falta nos últimos anos. Esse profissional realiza um trabalho de mediador na escola. Quando o aluno começa a faltar, o professor passa para ele o caso e ele procura saber o que está acontecendo e resolver, quando os alunos querem fazer alguma reclamação sobre algum professor, eles podem procurá-lo, quando o aluno está passando por algum problema em casa, ele pode procurar ajuda na escola, enfim ele atua como um mediador de conflitos. O responsável por esse trabalho nos esclarece da importância de seu trabalho, mas também da ambiguidade que enfrenta muitas vezes ao exercê-lo:

[...] você lida com o sofrimento das pessoas o tempo todo, você lida com crianças e adolescentes que estão quase abandonando a escola, é uma luta para manter eles aqui. Eles faltam por várias questões, sociais, familiares, de droga e de abuso. [...] Os professores vêm me procurar, e eu vou investigar, chamo as famílias, acesso o CRAS, chamo a criança para conversar e a gente pode inclusive chamar um estudo de caso com toda a rede pra poder elaborar uma estratégia de ação conjunta, isso é uma coisa que a gente faz aqui. E isso é o tempo todo e muitas vezes você perde, aliás, na maioria das vezes você perde, porque é uma condição muito mais forte que a gente tenta aqui. A demanda é muito grande, aí às vezes você quer trazer o aluno que está faltando, porque ele tem uma dificuldade muito grande e tem uma defasagem muito grande e ele acha a sala de aula muito chata, porque ele não consegue ler o que tá escrito na lousa, não consegue entender nada, começa a ser indisciplinado, começa faltar, faltar, aí você vai atrás desse aluno, você briga, você manda pro conselho, você manda pra promotoria, o aluno volta (porque ele foi obrigado pela promotora), só que ele tá na sala de aula e aí tem a falta de professor e aí ele tá lá [...] e aí já viu [...]. Essas janelas acontecem com muita frequência, aí a gente briga pra deixar eles na escola, mas a rede não dá a condição para que a gente tenha o educador sempre presente.

Esse mesmo profissional desenvolveu um projeto criando um jornal da escola que teve adesão da gestão e grande participação dos alunos. Outro trabalho que vem sendo realizado pela escola é abrir as portas da escola aos pais e para a comunidade local, onde realizam bazar de roupas usadas, oferecem cortes de cabelo gratuito, proporcionam lazer oferecendo treino de esportes fora do período de aulas, pequenas intervenções que já vêm trazendo resultados positivos para a instituição.

2.3. Caracterização dos participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa de forma direta 31 pessoas, dentre eles 20 adultos e 11 adolescentes, sendo que quase 70% dos sujeitos do grupo P e mais de 90% do grupo A eram do sexo feminino. A idade dos participantes variou no grupo P entre 22 e 59 anos e do grupo A entre 14 e 16 anos.

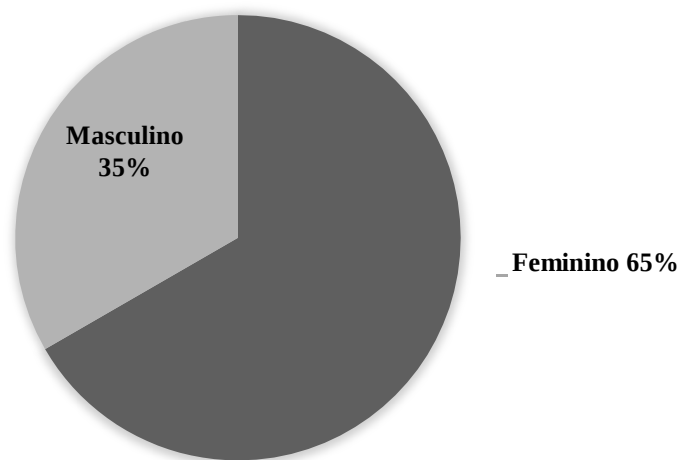


Figura 1 - Sexo grupo P

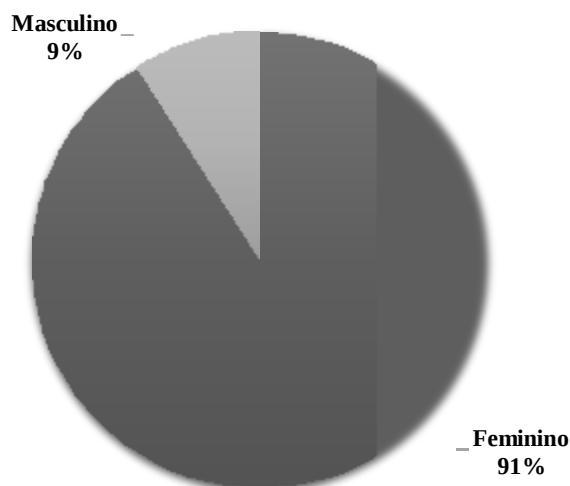


Figura 2 - Sexo grupo A

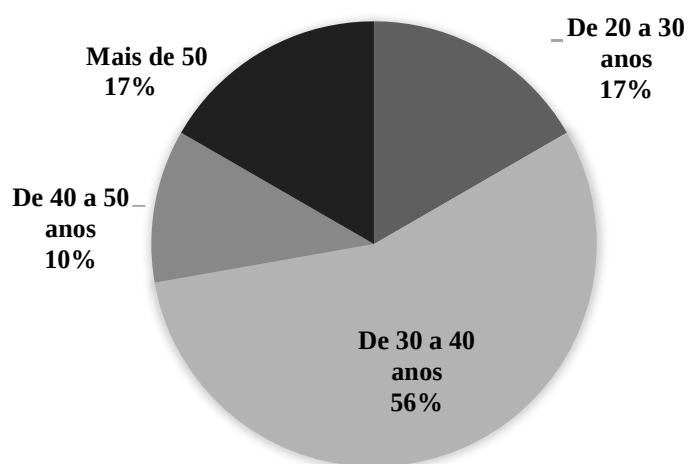


Figura 3 - Faixa etária grupo P

Perguntamos aos entrevistados como eles se consideravam quanto a sua cor. Do grupo P, 17 pessoas se consideram brancas e apenas 1 negra. E do grupo A, 2 se consideram brancos, 4 negros e 5 pardos.

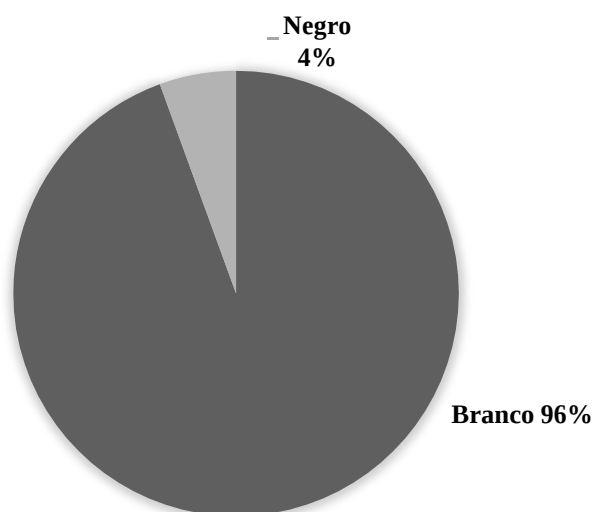


Figura 4 – Cor grupo P

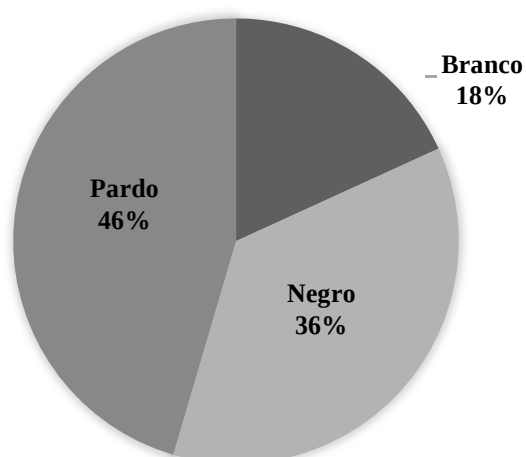


Figura 5 – Cor grupo A

Sobre a religião, diversas religiões foram pontuadas e houve também participantes que disseram não seguir nenhuma religião. Há bastante diferenciação entre o grupo P e A. Dentre as religiões, o grupo P é em sua maioria católico, enquanto no grupo A essa mesma religião não foi ao menos mencionada.

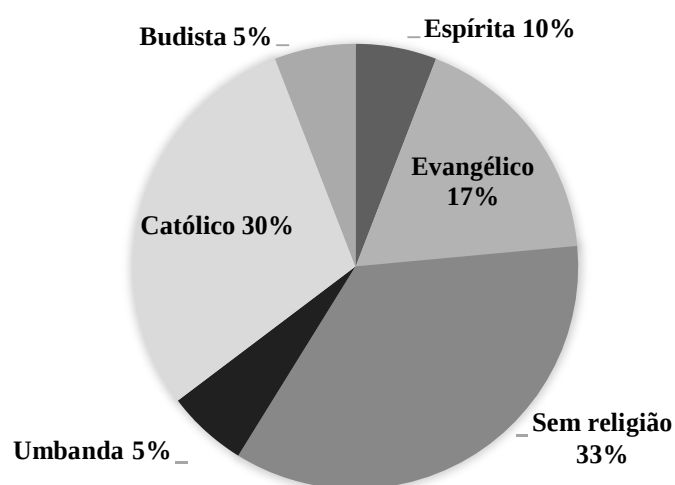


Figura 6 – Religião grupo P

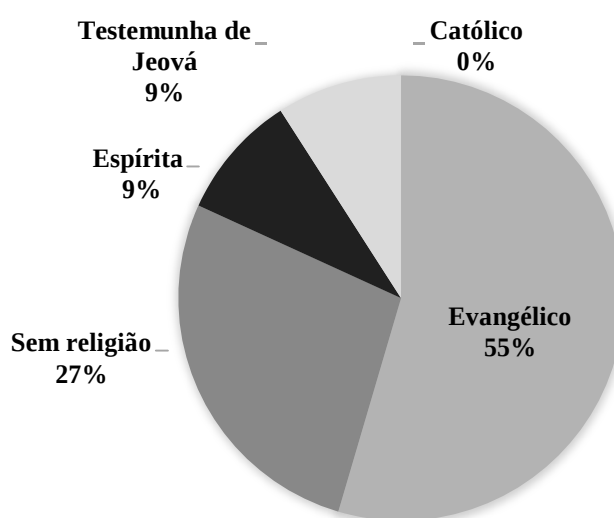


Figura 7 – Religião grupo A

Quanto a quantidade de pessoas com que o participante moram na mesma casa, também houve bastante diferença. No grupo P a maioria vive com 1 a 3 pessoas, enquanto no grupo A, a maioria varia entre 4 a 7 pessoas.

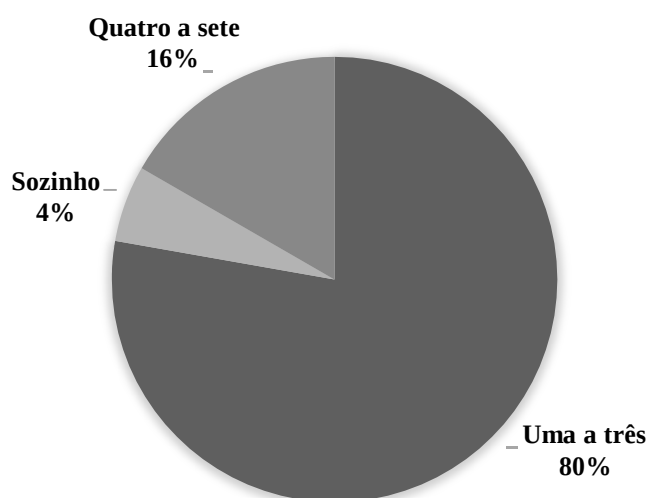


Figura 8 – Quantidade de pessoas que mora na mesma residência que o participante do grupo P

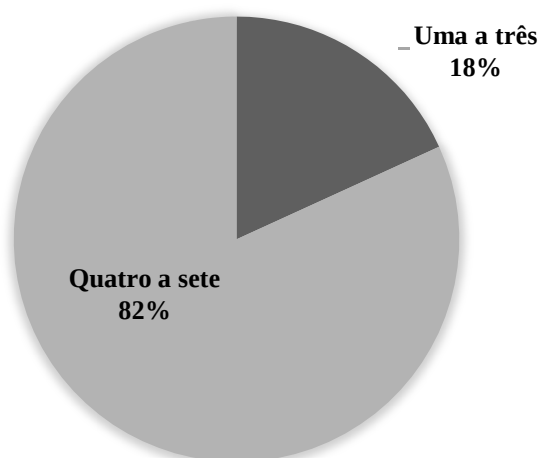


Figura 9 – Quantidade de pessoas que mora na mesma residência que o participante do grupo A

Ainda sobre a moradia perguntamos qual a situação de sua casa, a maioria tanto do grupo P, quanto do grupo A possui casa própria e todos moram na área urbana.

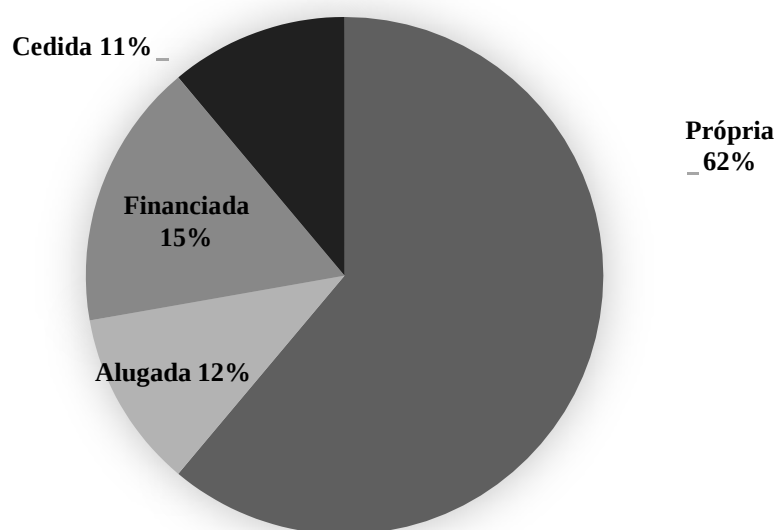


Figura 10 - Residência grupo P

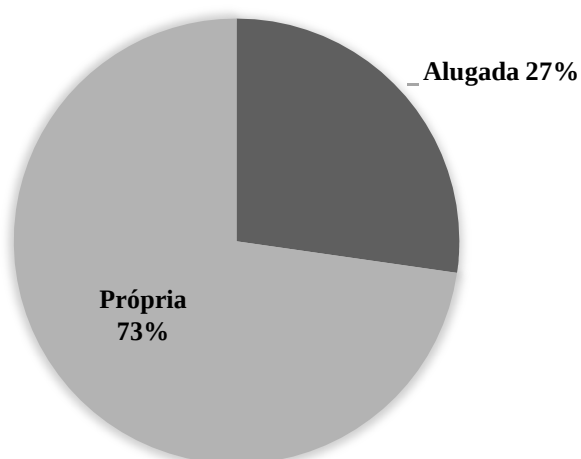


Figura 11 - Residência grupo A

Quando perguntados sobre a renda familiar, a renda mensal de todos que moram na mesma casa, houve bastante discrepância. Enquanto as famílias do grupo P tem como renda um valor que varia entre R\$ 5.424,00 e R\$8.586, a renda das famílias do grupo A não ultrapassam os R\$3.000,00.

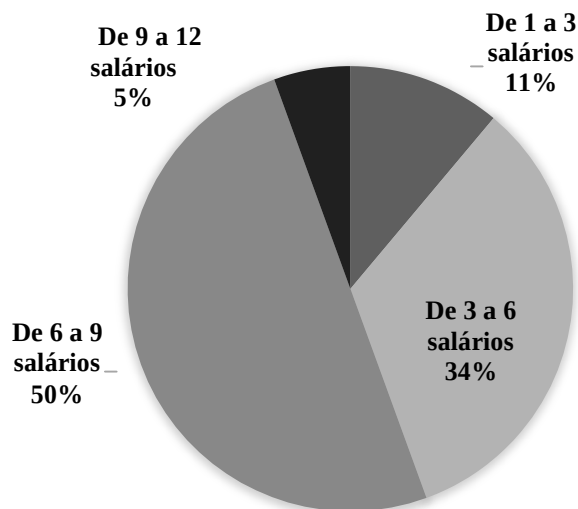


Figura 12 - Renda familiar grupo P

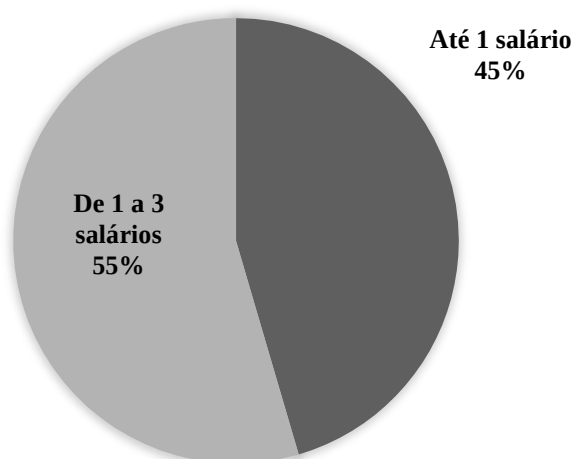


Figura 13 - Renda familiar grupo A

Sobre o meio de locomoção até a escola o grupo P dispõe de veículos próprios para se dirigir a escola e esse tempo varia de 10 minutos até uma hora. Já o grupo A não usa mais do que 20 minutos no trajeto para a escola e fazem isso de ônibus ou a pé.

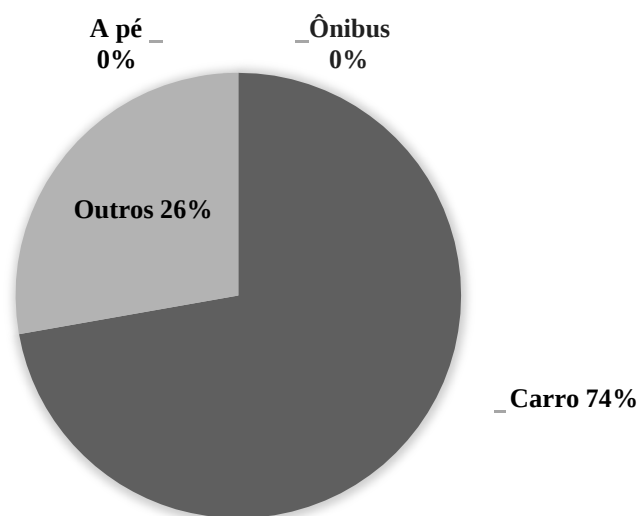


Figura 14 – Meio de transporte até a escola grupo P

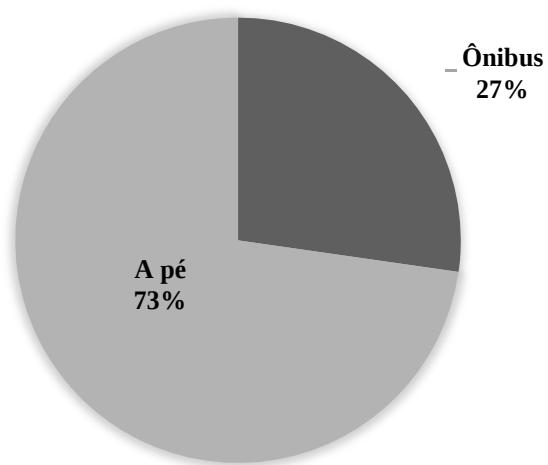


Figura 15 – Meio de transporte até a escola grupo A

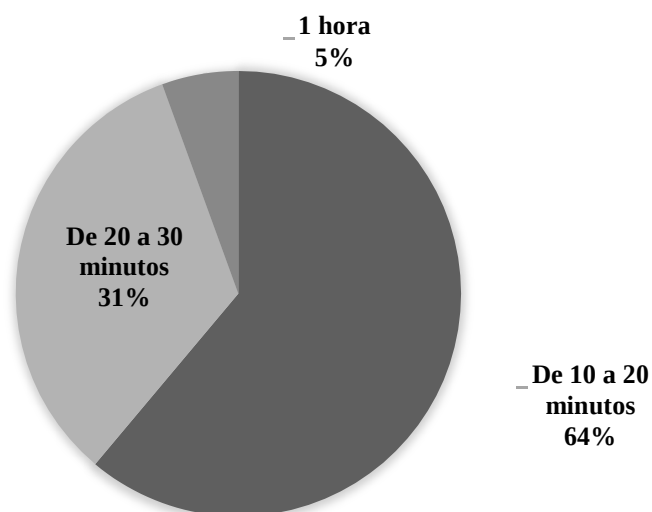


Figura 16 – Tempo do percurso até a escola grupo P

O grupo P possui 19 pessoas com no mínimo Ensino Superior e uma pessoa com Ensino Superior em andamento. Já o grupo A, ainda adolescentes estão no Ensino Fundamental II, mas podemos falar sobre os pais do grupo A, que diferente do grupo P tem apenas um pai e uma mãe com Ensino Superior.

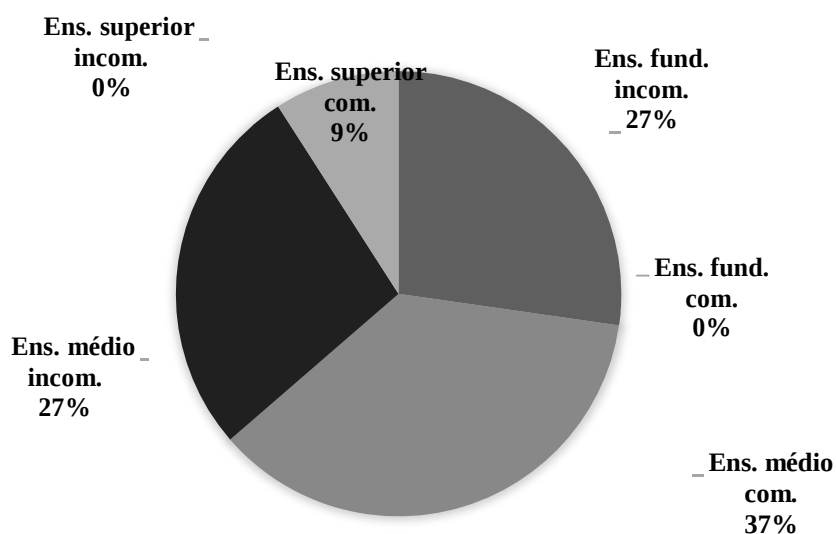


Figura 17 - Nível de escolarização dos pais do grupo A

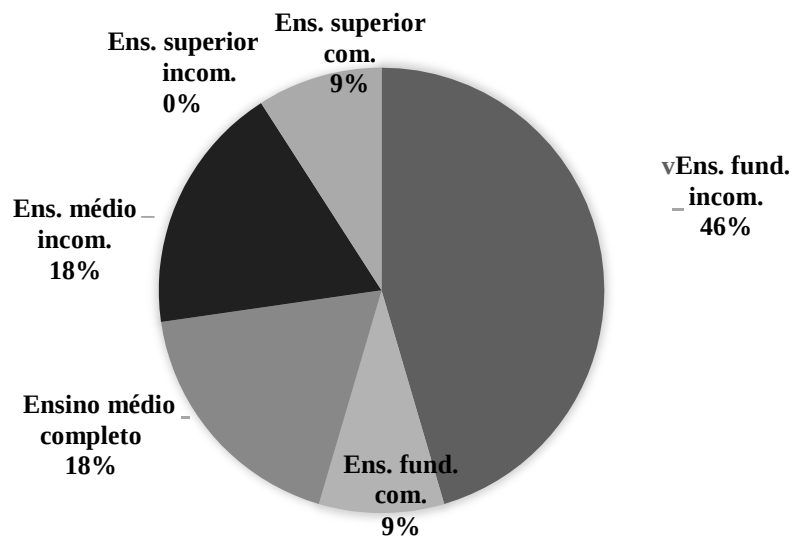


Figura 18 - Nível de escolarização das mães do grupo A

Foi perguntado, também ao grupo A, sobre os pais, que ocupação esses tinham atualmente. Mais da metade dos pais trabalhavam principalmente no comércio, já as mães não trabalhavam fora e cuidavam dos serviços do lar.

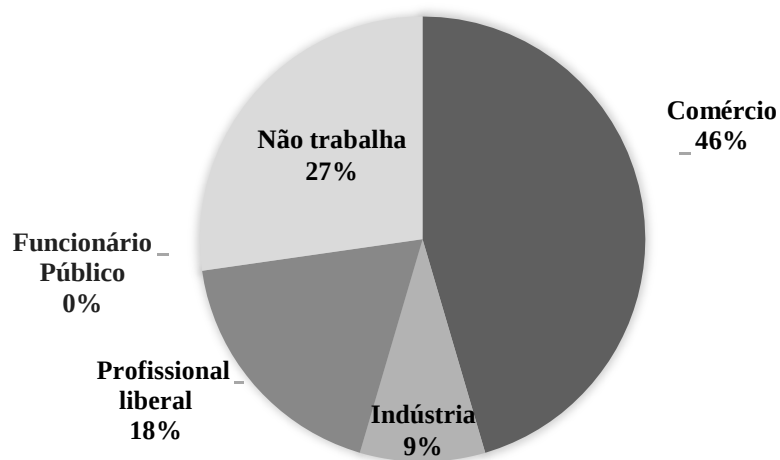


Figura 19 – Profissão atual dos pais do grupo A

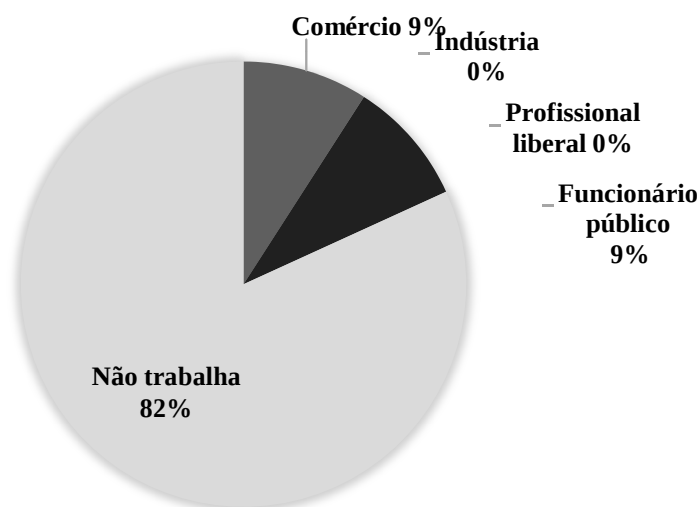


Figura 20 – Profissão atual das mães do grupo A

Depois, perguntamos diretamente aos sujeitos do grupo A se eles já haviam trabalhado e apenas uma pessoa teve resposta afirmativa a pergunta. De forma mais específica ao grupo P foi perguntando sobre a quantidade de anos que trabalha na escola pesquisada e sobre sua satisfação em trabalhar lá. Em resposta, metade dos professores trabalham na escola desde sua inauguração e quando somados 78% colocam que sua satisfação em trabalhar nessa escola varia entre boa e ótima e apenas 22% classificaram como regular.

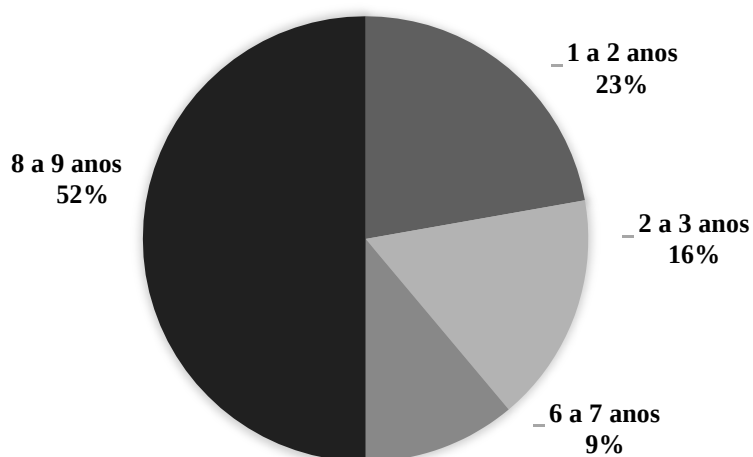


Figura 21 – Quantidade de anos trabalhados na escola grupo P

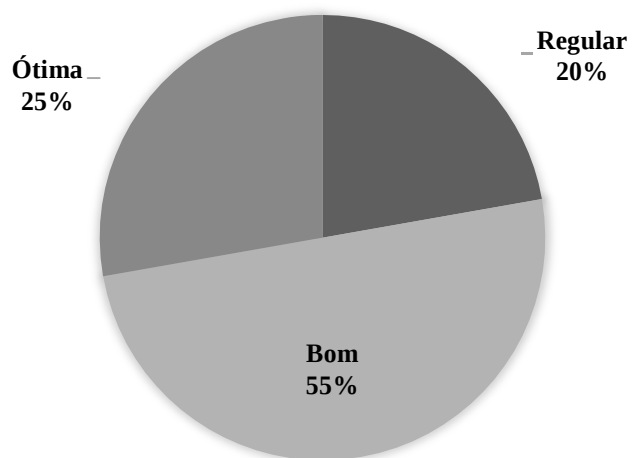


Figura 22 - Sobre a satisfação do grupo P em trabalhar nessa escola

3. CULTURA LATENTE

Segundo Paula Carvalho (2000, p. 37), a cultura latente é:

[...] o nível afetivo ou afetual, de estruturação do grupo ou o pólo fantasmático-imaginal das interações grupais, regido portanto pelo dispositivo inconsciente em suas caracterizações analíticas e neuropsicofisiológicas, pelas funções conscienciais emanando do onirismo coletivo [...].

Para o mapeamento da cultura latente foi realizado individualmente em dia e horário agendado o Teste Arquetípico de Nove Elementos (AT.9) com cada um dos 31 participantes. No teste pede-se que a pessoa faça um desenho, sem lápis e borracha, utilizando os nove elementos - personagem, queda, espada, monstro doravante, refúgio, elemento cíclico, água, fogo e animal – e depois escreva uma estória para a sua criação. Logo após, o participante responde a um questionário sobre a sua obra e preenche um quadro que explique-a o seu desenho (ANEXOS A/B/C/D).

Yves Durand, fundamentado nas *Estruturas Antropológicas do Imaginário* de Durand (2002), elaborou o teste com os nove elementos que funcionam com estímulos para que venha à tona tanto o problema da angústia do tempo e da morte, como os meios encontrados pelo sujeito para resolvê-los. Segundo Paula Carvalho (1992, p. 221), os “regimes de imagens”, captados pelos protocolos do AT. 9, têm por “sentido desentravar as produções imaginárias e os universos míticos através dos quais vivem os indivíduos e os grupos”.

Segundo Fernandez (2005, p.60), “o AT. 9 é uma das heurísticas mais privilegiadas para tal propósito, já que todo pensamento é re-presentação e no nível mais profundo está o imaginário”, ou seja, “a imagem é a primeira, depois é que se elaboram os conceitos”, onde o “real é o universo das mediações simbólicas” e a cultura é que organiza esse real “construindo-o, ou seja, representando-o e (re) significando-o”.

Assim, o imaginário organiza as imagens e tem a função, segundo Fernandez (2005, p. 28), de “mediar as relações do homem com o mundo, com o outro e consigo mesmo”. Durand (2002), ao criar a Teoria Geral do Imaginário, agrupou essas imagens em dois regimes: Regime Diurno, onde aparece a Estrutura Heroica do imaginário e o Regime Noturno, onde temos a Estrutura Mística e Sintética do imaginário.

Nesse processo há a criação de imagens que podem ser expressas, “nos símbolos teriomorfos (da animalidade agressiva), nictmorfos (das trevas terrificantes) e catamorfos (da

queda assustadora)”. E o homem na busca de “enfrentá-las, desenvolve duas atitudes imaginativas básicas” que correspondem a esses dois regimes (Teixeira; Porto, 1998, p 54).

De acordo com Fernandez (2005, p. 31-32), com a produção desenvolvida pelo participante, temos “os fatos simbólicos materializados em uma imagem (desenho) e um sentido, ou sentidos, materializados por uma narrativa” (estória). O personagem está no centro do “drama mítico” que se cria através do teste, e Yves Durand também contempla “estímulos para a mobilização da angústia existencial (em geral o monstro e a queda) e elementos/estímulos para as possíveis soluções a partir das três grandes estruturas”: heroica, mística e sintética.

A estrutura **heroica** (esquizomorfa), segundo Badia (1994, p. 25), advém das operações de representação ou separação que induzem transformações isomorfas ou isométricas, fundamentadas “na dominante postural (com os derivados manuais e o auxílio das sensações a distância, como visão e áudio-fonação) e envolvendo o manuseio das matérias luminosas e visuais e técnicas de Leroi-Gourham”.

Ainda de acordo com Badia, “as operações de interiorização não isométricas, mas isomorfas que induzem a transformação topológica nos dão a estrutura **mística**” (antifrásica) que tem sua fundamentação na “dominante digestiva (com auxílios cenestésicos, térmicos e derivados tácteis, olfativos e gustativos)” e envolve o “manuseio de matérias profundas e técnicas de escavação que constroem os continentes na paleontologia de Leroi-Gourham”.

E, “as operações de antimorfia que induzem as transformações cíclicas e nos dão a estrutura **sintética**” (dramática ou disseminatória) que tem como fundamento a “dominante copulativa (com derivados motores rítmicos e auxílios sensoriais cinestésicos), envolvendo o manuseio da roda” e tais atividades têm “seus prolongamentos através dos gestos rítmicos (o esfregar, tecnológico e rítmico dos meios de transporte, da indústria do têxtil e do fogo) na paleontologia de Leroi-Gourham” (BADIA, 1994, p. 25).

Além das grandes três estruturas, existem conforme Badia (1994) “operações de deslocção ou confusão, que induzem transformações caotizantes”, que seria o chamado “**universo da angústia**”, aquele que,

[...] que não corresponde uma estrutura específica do imaginário precisamente porque é a “fonte” e a motivação profunda das produções e elaborações imaginárias, ou seja, a angústia original e a presentificação do tempo e da morte, que está na origem de qualquer uma das outras estruturas.

Para o estudo dos protocolos, realizamos uma análise estrutural. É importante ressaltar, de acordo com Paula Carvalho (1992) que “a identificação dos universos míticos segue de perto a classificação das estruturas antropológicas do Imaginário, suas características e seus símbolos, seus esquemas e arquétipos”, assim da mesma forma que “há três eixos de estruturação do Imaginário, temos três universos míticos com sub-tipos”.

Esses eixos são divididos por Yves Durand (1988) da seguinte forma:

1. **Heroica:** caracteriza-se pela ação heroica do personagem que serve de tema central ao conjunto da composição. A estrutura temática se ordena em torno de três elementos essenciais: o personagem, a espada e o monstro. Diante de uma situação de perigo o personagem empreende um combate heroico, utilizando-se da espada. Mas o agrupamento simbólico desses elementos é suscetível podendo ser classificadas como:
 - 1.1. **Microuniverso heroico integrado:** todos os elementos participam funcional ou simbolicamente do tema heroico.
 - 1.2. **Microuniverso super-heroico:** os elementos que não têm relação direta com o combate não são representados.
 - 1.3. **Microuniverso impuro:** há coexistência de um universo heroico atualizado e de um universo místico mais ou menos potencializado;
 - 1.4. **Microuniverso heroico descontraído:** os três arquétipos básicos são apenas potencializados funcionalmente: o monstro representa um perigo distante e o personagem não usa a espada.
2. **Mística:** caracteriza-se por uma atmosfera de repouso, equilíbrio e harmonia, na qual se desenvolve a vida do personagem. O personagem não é mais um herói que empunha a espada e a sua ação consiste em contemplar a natureza do interior do seu refúgio. A natureza e/ou o refúgio constituem o elemento principal em torno do qual se estrutura a mensagem simbólica. Apresenta variações:

2.1.Microuniverso místico integrado: os elementos se integram funcionalmente ao tema místico, realizando uma constelação simbólica perfeitamente isomórfica;

2.2.Microuniverso supermístico: embora a organização de base da estrutura mística esteja presente, os arquétipos da espada e do monstro não são representados em razão de seu simbolismo agressivo;

2.3.Microuniverso místico impuro: a espada e o monstro não têm nenhuma função útil para o personagem, não tendo relação direta com o tema principal e há imissões de semantismos heroicos;

2.4.Microuniverso místico lúdico: há uma integração dos simbolismos heroicos por meio do viés do jogo, sem que o tema místico perca o seu simbolismo.

3. Sintética: caracteriza-se pela atualização simultânea dos pólos heroico e místico, embora aparentemente tais universos sejam simbolicamente opostos. Nela há um processo temporal diacrônico ou sincrônico, de ligação entre as duas polaridades que são distintamente atualizadas em subconjuntos temáticos que apresentam as seguintes variações:

3.1.Microuniverso sintético existencial diacrônico: o personagem participa de dois episódios existenciais sucessivos: um heroico e outro místico, ou vice-versa;

3.2.Microuniverso sintético existencial sincrônico redobrado: o personagem é sujeito, ao mesmo, de duas ações, uma vivida e outra sonhada, expressando uma clivagem entre real e imaginário;

3.3.Microuniverso sintético existencial sincrônico desdobrado: dois personagens, unidos por um projeto comum, são ligados respectivamente ao universo heroico e ao místico;

3.4. Microuniverso sintético simbólico diacrônico de evolução cíclica: o desenho representa um esquema cíclico em torno do qual são figurados os diversos elementos, expressando o desenrolar cíclico da existência humana;

3.5. Micro universo sintético simbólico diacrônico de evolução progressiva: há uma ação linear escandida por etapas, de modo que a diacronia dos fatos organiza-se em progressão;

3.6. Micro universo sintético simbólico sincrônico dualista: os aspectos opostos e contraditórios de conjuntos míticos antagonistas figuram num espaço estruturado e simbolizado.

3.7. Micro universo sintético simbólico de mediação: o personagem situado num ponto de articulação faz a mediação entre uma bi-polarização mítica, apresentada como duas perspectivas existenciais.

Nesse momento, então, traremos os dados levantados através dessa coleta.

3.1. Protocolos do grupo P

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P n° 1. Professora; 35 anos.**



- **História do desenho:**

Desenhei um passeio da minha família, no qual gostamos de sair de bicicleta em dias ensolarados. Sempre levo itens que são necessários para todos (água, lanches e roupas). Gosto de observar a natureza e me preocupo muito com acidentes (tombos) e principalmente com carros.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

a) Qual a ideia central da sua produção?

Representar um momento de prazer, um passeio em família.

b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?

Sim, os passeios que fazemos em família.

- c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
O ser humano (no caso eu, desenhada e a família, imaginada).
- d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.
A espada, porque é uma coisa ruim.
- e) Como termina a cena que você imaginou?
Termina o passeio em segurança com um delicioso pic-nic.
- f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?
Eu participo sou a mãe, eu protejo.

• **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Mochila caindo	Levar suprimentos	Algo para suprir as necessidades
Espada	Pedra	Machucar	Perigo
Refúgio	Caminho	Dar prazer	Alegria
Monstro	Carro	Assustar, trazer medo	Perigo
Cíclico	Bicicleta	Diversão, atividade física	Prazer, alegria
Personagem	Mãe	Organizar, direcionar	Decisões certas
Água	Rio	Estar em contato com a natureza	Prazer
Animal	Pássaros	Beleza, som	Relação com o céu
Fogo	Calor do sol	Iluminar aquecer	Necessidade

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 2. Professora; 38 anos.**



- **História do desenho:**

A menina está na caverna esperando o monstro sumir. O rio corre muito forte, está vivo, cheio de peixes. A queda da cachoeira mantém a correnteza e a vida pulsando. A espada está coberta pelo fogo. Ela deve proteger a menina em seu esconderijo.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

a) Qual a ideia central da sua produção?

A cachoeira e a correnteza do rio.

b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?

Sim, pensei em filmes e livros.

c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.

Cachoeira, porque é a ideia central, meu primeiro pensamento para compor o desenho.

Representa a queda, o movimento.

d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.

A espada, pois não fazia sentido no desenho.

e) Como termina a cena que você imaginou?

A menina escapa do monstro.

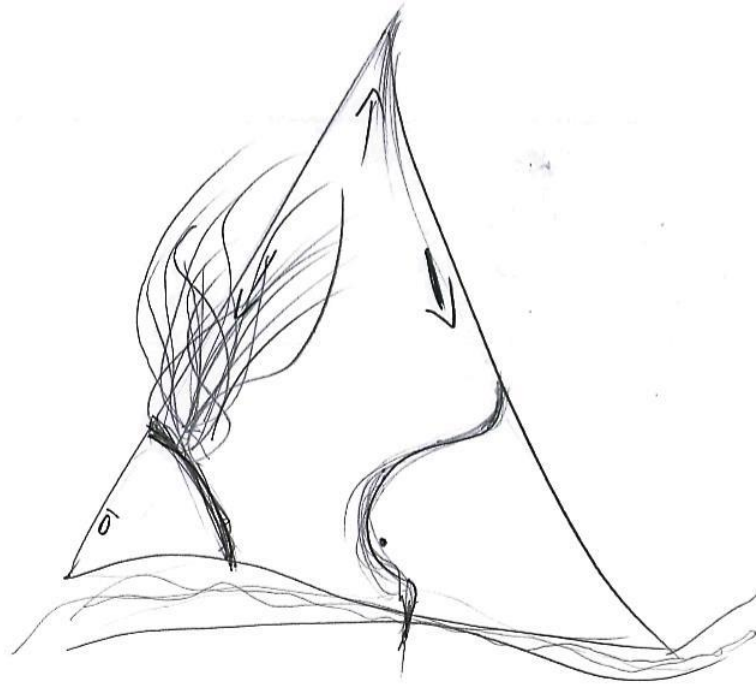
f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

Eu seria a menina escondida. Usaria a espada para me proteger.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Cachoeira	Início de tudo	Vida, movimento, limpeza
Espada	Espada com fogo em volta	Proteção	Proteção
Refúgio	Caverna	Faz parte da cachoeira	Esconderijo
Monstro	Monstro	Ameaçar	Ameaça
Cíclico	Cachoeira	Movimento	Vida
Personagem	Menina	Usar a espada	Proteção
Água	Rio	Completar a cachoeira	Continuidade
Animal	Peixe	Vida dentro da água	Vida
Fogo	Envolta da espada	Ser poderosa	Poder

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P n° 3. Professor; 59 anos.**



- **História do desenho:**

Não tem uma história. Aleatório.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- a) Qual a ideia central da sua produção?

Não tem é aleatória.

- b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?

Sim, alguma imagem que já vi.

- c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.

Água, essencial.

- d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.

Monstro, por ser um monstro.

- e) Como termina a cena que você imaginou?

Não sei.

f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

Animal, porque está próximo da água.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Linhas	Fazer uma montanha	Lugar natural
Espada	Setas	Indicar algo	Sentido
Refúgio	Barriga (mulher grávida)	Esconder alguém	Vida
Monstro	Dragão		
Cíclico	Formas curvas	Dar ideias para os outros desenhos	Início
Personagem	Fogo		
Água	Rio		
Animal	Peixe	Buscar água	Medo
Fogo	Larvas	Cabeça do monstro	Calor

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 4. Professora; 30 anos.**



- **História do desenho:**

Ana é uma mulher que mora sozinha em sua casa distante. Ela gosta muito de lá por ser um lugar afastado da cidade, o que lhe dá muita paz. Além disso, já se acostumou com os barulhos característicos do lugar, como o da coruja que visita todas as noites.

Noite após noite, Ana mantém a mesma rotina: acende a lareira, toma seu chá olhando para aquela velha espada pendurada acima da lareira – presente de um velho amigo - e escuta os barulhos do lado de fora, imaginando monstros de histórias infantis.

Ao acordar, toma seu café e vai nadar em um lago próximo. Nadar refrigera o corpo e lava a alma. Vai trabalhar – é bibliotecária na biblioteca Municipal – e fica se perguntando o que teria feito em suas vidas anteriores para merecer vida tão calma enquanto outros têm todo tipo de problema. Sabia que havia um motivo, mas não reclamava. Não se lembrava e não deveria. Sabia que era assim que funcionava. Completaria mais este ciclo agradecendo por mais essa oportunidade. Era amável com todos: este era seu dever, seu exemplo.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

a) Qual a ideia central da sua produção?

A ideia principal da minha produção é a personagem Ana.

b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?

Não.

c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.

Ana, refúgio e água, porque sem a personagem não haveria história e os outros dois são elementos que me passam paz.

d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.

Não queria ter colocado monstro, porque não há explicação lógica para a existência dele.

e) Como termina a cena que você imaginou?

A cena que imaginei termina com uma reflexão sobre minha religião.

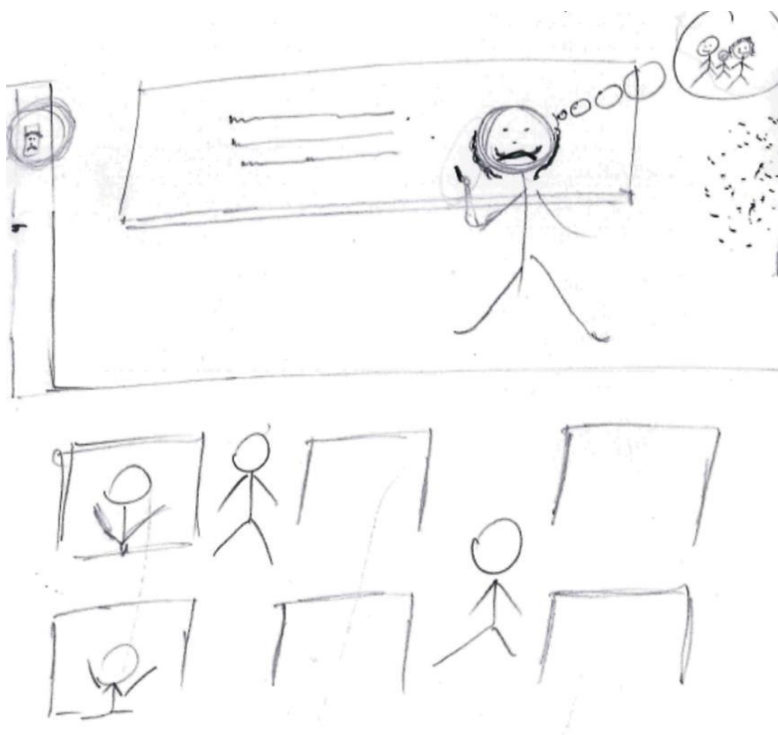
f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

Se eu fosse participar da cena, seria uma amiga da Ana que a visita raramente.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Nadar	Trazer paz	Paz
Espada	Espada	Enfeitar	Força
Refúgio	Casa afastada	Moradia	Proteção
Monstro	Monstro de história infantil	Imaginação	Falta de lógica
Cíclico	Ciclo da vida espiritual	Dar sentido à vida	Lógica
Personagem	Ana	Representar a vida	Vida
Água	Lago	Trazer paz	Paz
Animal	Coruja	Visitar	Conhecimento
Fogo	Lareira	Calor	Aconchego

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 5. Professor; 36 anos.**



- **História do desenho:**

O professor tenta obter atenção de uma sala de aula numa sexta-feira no último horário. Inicialmente entra feliz por estar tão próximo do fim do dia, mas percebe-se que o tempo “não passa”. Lá fora, uma chuva de verão serve apenas para transformar a sala em uma grande sauna. O professor de feliz passa a ficar irritado e transpirar muito.

Os alunos já não o obedecem mais e não veem a hora daquele cara sair a sala. É a própria personificação de um demônio, quando o professor irritado perde totalmente a paciência e começa a discutir com os alunos que não querem sentar. Para o professor, esses alunos que são os seres possuídos.

Como se não bastasse o clima péssimo que a aula tomou, pessoas da direção fiscalizam sua aula para ver o que está acontecendo, mas sempre com um olhar de desconfiança. E o professor só tem uma coisa em mente: ir para casa e ficar com esposa e filho.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

a) Qual a ideia central da sua produção?

A sala de aula, em um dia de calor, final de ano, chuva que abafa e os alunos olhando para você com cara de interrogação.

b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?

Sim, é uma situação real.

c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.

Refúgio, momento que está com as pessoas da família, não pensando mais na escola, junto com meu filho.

d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.

Animal, que é o ser humano, pensar dessa forma incomoda, vejo o animal como algo que não é bom para mim.

e) Como termina a cena que você imaginou?

Na porta da sala de aula para que os alunos saíssem e se vê indo embora, olhando a escola pelo retrovisor do carro, com o objetivo de chegar ao refúgio.

f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

Eu participo sou o professor.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	O sorriso que se torna triste	Era saber que estava acabando a aula	Felicidade e depois tristeza
Espada	Giz	Ferramenta de luta	Possibilidade de transformação
Refúgio	Casa, lar	Proteger	Reconhecimento de que é importante, valorização
Monstro	Professor – Aluno Aluno – Professor	Transformar os minutos em algo ruim	Fracasso
Cíclico	Cotidiano	Rotina - Quebra	Cansaço, impotência
Personagem	Professor	Ensinar	Cansaço
Água	Chuva	Tumultuar	Momento que achava que não poderia piorar, mas piorou
Animal	Ser humano	Avaliar, tirar conclusões	Imparcialidade e incompetência
Fogo	Calor do ambiente	Piorar a situação	Raiva, ira

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 6. Professor; 29 anos.**



- **História do desenho:**

A cena do combate final era assustadora, os inimigos estavam prontos para a batalha. O local era uma vegetação onde se encontrava uma caída de água que girava uma roda responsável para bombear a água para o povoado onde nosso herói habitava. Um dos combatentes encontrava-se dentro da caverna esculpida na parede que ficava atrás da roda de água e o outro combatente estava na outra margem do rio. Nosso herói havia chegado ali, pois foi o único com coragem suficiente para enfrentar a criatura que tinha chegado ao seu povoado e sem motivos aparentes tinha atacado suas casas e raptado alguns de seus amigos que habitavam o povoado. Começaram a luta e um dos inimigos, por ter uma espada, golpeou o outro, ferindo seriamente o guerreiro que mesmo debilitado continuou a lutar e com um golpe conseguiu desarmar aquele que portava a espada e antes de derrotar queria entender qual o motivo de tanta maldade do vilão, porque tinha destruído casas e levado alguns moradores que provavelmente agora eram seus escravos. O inimigo respondeu:

- Somos humanos, está inerente em nossa raça subjugar e querer mandar e escravizar aqueles que são diferentes.

O herói não tinha outra opção e acabou matando seu inimigo em combate desejando assim algum período de paz.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- a) Qual a ideia central da sua produção?
A maldade do ser humano.
- b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo (filme, texto, alguma situação real que já tinha vivido ou visto)? O quê?
Lendas, fábulas.
- c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
Monstro. Para mostrar que não é porque algo é feio que esse algo é ruim.
- d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.
Não tem nenhum.
- e) Como termina a cena que você imaginou?
O monstro, que na verdade é um humano, acaba morrendo. O personagem mata o monstro.
- f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?
Monstro (mas se pudesse seria apenas o espectador).

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Água caindo	Fazer a roda girar e levar a água; fazer algo sempre funcionar	Força;
Espada	Espada	Matar o personagem	Ferramenta de tortura, dominação, escravização do povoado
Refúgio	Caverna	Armadilha	Esconderijo
Monstro	Humano	Subjugar o “monstro” (preconceito?), escravizar, fazer mal	Algo inerente a ele
Cíclico	Roda	Levar a água	Bem (para o povo, pois quando a água chega no povoado, faz bem para as pessoas ali)
Personagem	Dinossauro	Combater o monstro (o único que teve coragem)	Minorias (em uma sociedade/animais)
Água	Rio	Abastecer o povoado	Necessidade
Animal	Personagem	Salvar o povo	Coragem
Fogo	Tocha	Elemento decorativo	Luz na escuridão da caverna

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 7. Professor; 31 anos.**



- **História do desenho:**

Era um dia ensolarado de primavera, o céu estava claro e o sol trazia os primeiros rios de uma estação que parecia propícia para a retomada da vida após um longo inverno, o mais longo que Viramundo se lembrava. Ele, um agricultor que sempre havia gostado de morar próximo a cachoeira das Três Pontas estava cuidando de seus cavalos quando à avistou.

Parecia uma água enorme, pelo menos foi assim que Viramundo se lembrava quando contou a história, que surgiu tão rápida por detrás das nuvens que o deixou sem ação.

Viramundo não sabia o que fazer...correr para dentro de casa ou empunhar sua enxada? Sim, uma enxada era o mais próximo de uma arma que ele possuía. O animal foi se aproximando e a cada batida de sua asa parecia maior. Se aproximou, aproximou... Viramundo ficou com medo, muito medo e quando a ave estava chegando perto ele acordou.

Que bom que era um sonho, pensou ele... logo depois, notou que estava segurando algo, olhou sem muita coragem e percebeu que segurava um tufo de penas pretas na mão esquerda. A direita ainda agarrava com toda força a enxada.

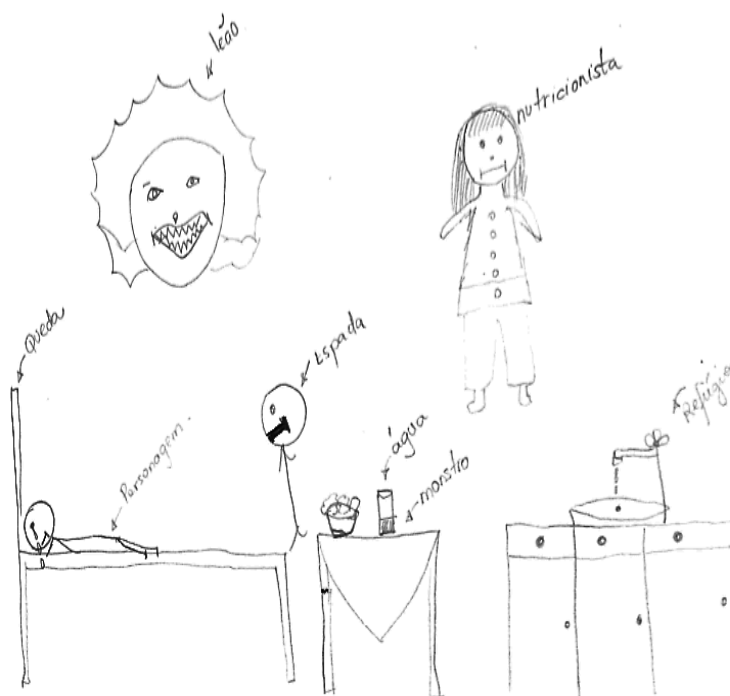
- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- a) Qual a ideia central da sua produção?
O bucólico; a natureza.
- b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Me inspirei em um desenho que meu pai sempre fazia e que hoje eu mesmo recio sempre esse desenho, quando vou desenhar algo.
- c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
Refúgio. Porque traz segurança, tranquilidade, cíclico porque tudo pode recomeçar e o fogo pela força que traz esse elemento.
- d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.
Não tem nenhum. (Acha que todos se encaixaram)
- e) Como termina a cena que você imaginou?
Um pássaro muito grande se aproxima do personagem e ele fica sem saber o que fazer, mas quando o pássaro chega perto ele acorda, e vê penas ao seu lado a cama.
- f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?
Fazendeiro. Viveria naquele lugar.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Cachoeira	Faz parte da paisagem	Desenhou porque pensou na água
Espada	Enxada	Matar o animal	Defesa
Refúgio	Casa	Para o descanso	Segurança
Monstro	Ave	Atacar o fazendeiro	Medo
Cíclico	Água	Recomeçar	Vida
Personagem	Fazendeiro	Viver ali	Centro
Água	Lagoa/rio	Recomeçar	Vida
Animal	Cavalos	Na hora que ele foi tratar dos cavalos é que a ave apareceu	Criação
Fogo	Sol	Início da estação	Conforto

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 8. Professora; 35 anos.**



- **História do desenho:**

Há vinte anos atrás, uma menina de apenas quinze anos passou por um momento de tortura em sua vida. Talvez passe até hoje, mas aprendeu a lidar com isso e convive “bem” com essa situação. Parou de comer aos poucos, assim foi até que num certo dia já não comia mais. Foi emagrecendo dia por dia e se sentia muito feliz por isso. Apesar dessa felicidade, ficou de cama, pois não tinha mais forças e energia para fazer suas atividades diárias. Nem a escola frequentava mais.

Apesar disso, cada dia se sentia melhor, pois estava magra como desejava. Via os pratos de comida, bebidas e até mesmo água como monstros que a aterrorizavam sua vida. Sua mãe chorava muito com toda a situação. Fazia as comidas que a menina gostava tentando fazer com que ela se alimentasse um pouco. Doce ilusão: fazia que comia e bebia, as quando a mãe virava as costas jogava a bebida na pia, escondia ou jogava a comida fora. Seus pais a levaram em vários médicos foram pedidos e realizados vários exames e tudo estava normal. Como estava muito debilitada, um dos médicos pediu sua internação.

No hospital, encaminhada para a nutricionista a fim de recuperar e atingir seu peso normal, esta encaminhou a menina para um psiquiatra e o diagnóstico foi certo: anorexia.

Nesse momento ela se viu num fogo cruzado: aceitar e se empenhar no tratamento ou esperar a morte.

Ela decidiu se cuidar. No início foi muito difícil, mas aos poucos, com a ajuda de alguns profissionais, ela superou essa fase difícil.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

a) Qual a ideia central da sua produção?

Algo que aconteceu a 20 atrás (anorexia) e que ficou muito marcado.

b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?

Algo que já vivi.

c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.

Fogo (a nutricionista). Até encontrar com ela, já tinha passado por vários médicos, minha família não tinha conhecimento da doença, não sabia o que era anorexia. Até o dia que eu fui parar no hospital (15 anos – 27 quilos) e uma nutricionista me atendeu e me colocou em um “fogo cruzado”, ou você vive e se cuida ou você morre.

d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.

Talvez, a mãe (espada), porque a mãe sofreu muito com isso e ela foi uma espada tanto para proteger a menina, quanto pela força que a mãe teve. Ela sabia que magoava a mãe, ela não queria causar dor a mãe, mas ela simplesmente não conseguia.

e) Como termina a cena que você imaginou?

Bem, porque depois ela começou a ver o quão grave era a situação, diz que só não morreu por Deus. Começou fazer o tratamento e se recuperou.

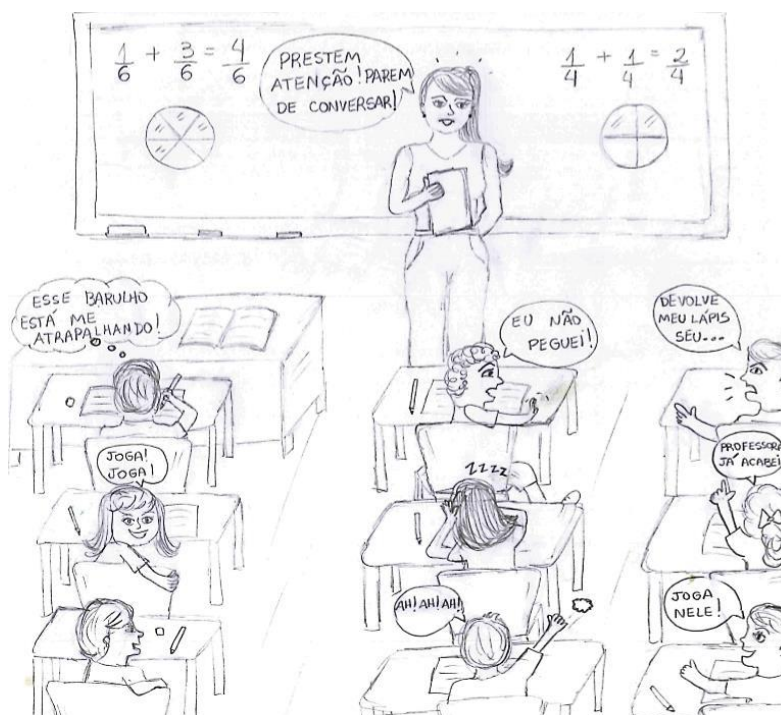
f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

A personagem.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Cama	“Te segurar”	Fraqueza
Espada	Mãe	Ajudar o personagem	Felicidade e dor ao mesmo tempo
Refúgio	Pia	Jogava fora a comida	Dar alegria para a mãe
Monstro	Comida	Pior coisa	Nojo
Cíclico	Rotina	Mais um dia, tudo isso de novo, mais uma refeição...	Sufrimento
Personagem	Menina	Ser sonhadora	Inocência
Água	Copo de água	Não bebia nem água para não engordar, usava ela para limpar a comida da pia	Limpeza
Animal	Leão	Devorar ela (a situação, viver ou morrer)	Algo que aconteceu com ferocidade
Fogo	Nutricionista	Possibilitou que ela nascesse de novo	Fogo cruzado

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 9. Professora; 38 anos.**



- **História do desenho:**

Este desenho retrata o meu dia a dia na escola. Muitos alunos indisciplinados, desrespeitando os colegas e a professora, desmotivados... prejudicando o trabalho a ser desenvolvido em sala de aula pelo tumulto, barulho e falta de respeito, obrigando a parar a aula inúmeras vezes para chamar atenção, controlar a classe e tentar concluir uma explicação sem ser interessados.

Por outro lado, há alguns alunos interessados, respeitosos e participativos que me enchem de orgulho e ânimo para prosseguir.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

a) Qual a ideia central da sua produção?

A ideia central foi retratar o dia a dia na sala de aula.

b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?

Inspirei-me no meu cotidiano.

- c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.

Personagens: alunos e professores; monstro: brigas, agressões/discussões; espada: desrespeito; queda: impotência, refúgio; água: alunos comportados, respeitosos; fogo: indisciplina, cíclico: acontece todos os dias; animal: atitudes irracionais.

- d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.

Não gostaria de ter colocado: monstro, espada, queda, fogo e animal.

- e) Como termina a cena que você imaginou?

A cena, após inúmeros pedidos e gritos da professora por silêncio, em alguns momentos de atenção por parte dos alunos que em pouco tempo voltam a cometer atos de indisciplina novamente.

- f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

Acho que seria a professora mesmo, porém com alunos mais interessados e disciplinados.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Professora chamando a atenção e não sendo respeitada	Demonstrar desrespeito	Impotência
Espada	Alunos desrespeitando	Demonstrar insatisfação	Dor, sentimentos ruins
Refúgio	Alunos bons	Demonstrar atitudes corretas	Calma, paz
Monstro	Alunos xingando	Demonstrar agressão verbal	Agressão, falta de Educação
Cíclico	Rotina		Que acontece sempre, vai e volta
Personagem	Alunos e professores	Demonstram as pessoas envolvidas	Pessoas que convivemos
Água	Alunos respeitosos, participativos	Demonstrar satisfação	Calma, paz, respeito
Animal	Atitudes irracionais	Demonstrar grosserias	Não agir com razão, brutalidade
Fogo	Alunos falando alto, indisciplinados	Demonstrar desobediência	Indisciplina, desordem

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 10. Professora; 53 anos.**



- **História do desenho:**

A água simboliza a vida, a bonança, porém, porque o sol chora? Observamos que ele é a luz da Terra, pode iluminar na imensidão que é. Ele chora por ver tanta maldade e crueldade na Terra. É grande o desamor, a falta de compreensão e consideração à natureza e ao próximo. Surge a esperança! Um novo sol entre os montes onde tudo poderá se transformar, o homem poderá crescer e voar em direção aos céus. Como? Mostrando o amor.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- a) Qual a ideia central da sua produção?
A falta de amor.
- b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Sim, na violência que acontece na escola.

c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.

Água, porque ela faz passar as coisas ruins.

d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.

Choro do sol, porque ele observa todo egoísmo da terra.

e) Como termina a cena que você imaginou?

Novo sol, que traz uma nova esperança.

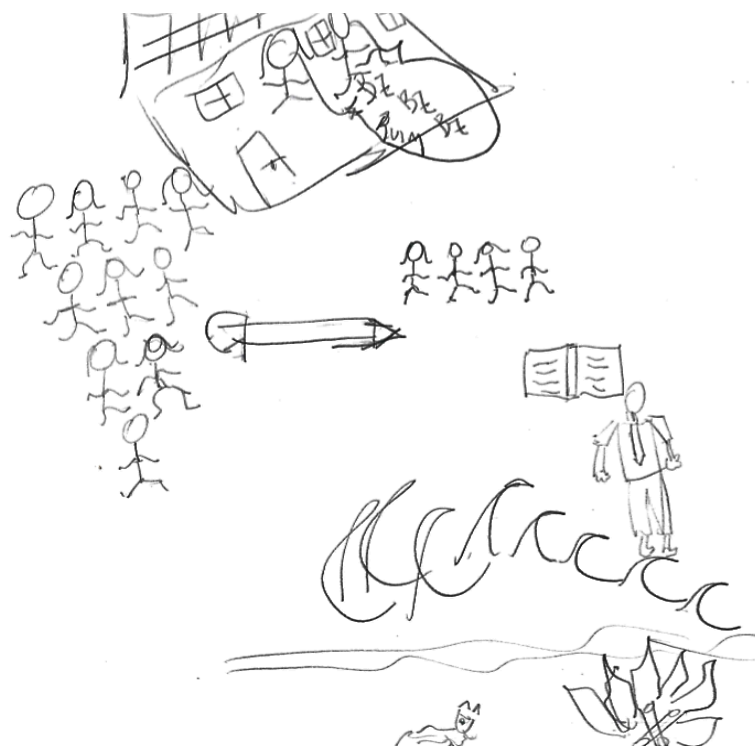
f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

Pássaro, para viver livre.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Cachoeira	Verter, limpar	Vida
Espada	Asa do pássaro	Voar	Liberdade, força
Refúgio	Sol	Trazer uma nova esperança	Brilhar
Monstro	Lágrimas do sol	Trazer um novo começo após o choro	falta de amor
Cíclico	Nuvens (processo que faz chover)	Chuva	Das coisas que vão e voltam
Personagem	Pássaro	Observando como era as coisas e como pode começar a ser	Novos tempos
Água	Da cachoeira	Verter, limpar	Vida
Animal	Pássaro	Observando como era as coisas e como pode começar a ser	Novos tempos
Fogo	Raios do sol	Novo sol, onde surgiu a esperança atrás dos montes, de dias melhores	Calor

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 11. Professor; 42 anos.**



- **História do desenho:**

A sociedade brasileira, como uma democracia recente ainda não compreendeu a relevância de investir na educação como possibilidade de promover a igualdade de acesso aos direitos sociais a todas as pessoas.

Esse contexto, na área a educação, principalmente no ensino fundamental e no médio tem causado uma série de equívocos. Problemas na formação inicial os professores, falta de interesse pela docência e a desvalorização econômica e social da profissão.

Como a sociedade está em constante transformação (econômica, social, cultural, geográfica, conhecimento, tecnológica) as pessoas não conseguem estabelecer relações que buscam superar as dificuldades do coletivo, num movimento para fortalecer as relações sociais valorizando os aspetos humanos e culturais.

Entendo que esse processo impede o acesso de pessoas a processos educativos que permitam autonomia dificultando experiências significativas na trajetória da comunidade que pode ter na escola um caminho para modificarem a realidade.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

a) Qual a ideia central da sua produção?

A sociedade em processo de dificuldade nas relações entre as pessoas.

b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?

A nossa sociedade.

c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.

Cíclico (o conhecimento) isso é importante, mas está se perdendo (acesso fácil a informação).

d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.

Não tem.

e) Como termina a cena que você imaginou?

Termina com o desafio que a sociedade tem que encarar em relação a se pensar o que é importante para minimizar, por exemplo, a desigualdade, e fortalecer a educação.

f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

Seria a queda, estaria no coletivo.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Coletivo	Trazer a mudança nos diferentes grupos que formam a sociedade	Grupo em queda, sem acreditar nele mesmo, fortalecer novamente
Espada	Seta - espada	Interferir na educação	Interferência
Refúgio	Escola	Um lugar que “era” para ser bom, para se ficar, refugiar	Lamentações, reclamações
Monstro	Pessoas, governante	Governar, representar	Que não acontece
Cíclico	Conhecimento	Trazer informações	Conhecimento
Personagem	Crianças, comunidade	São os afetados	Sociedade
Água	Mar	Dinâmica da sociedade	Movimentos
Animal	Cachorro	Faz parte da comunidade	Falta de entendimento da comunidade ao contexto, animal que não está sendo cuidado pela própria sociedade
Fogo	Fogueira	Festa	Celebração

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 12. Gestora; 38 anos.**



- **História do desenho:**

Luana vive numa casa que lhe oferece abrigo e proteção. O seu lar é sempre refúgio para dias ruins, dias de chuva. Mas ela sabe que tudo tem seu lado bom, mesmo que seja ruim e que nada é permanente. A mesma chuva, água, que é imprescindível para a vida pode trazer a morte. O mesmo fogo que aquece, e que pode preparar o alimento, também pode forjar a espada.

O monstro do desconhecido pode não ser tão terrível, e se for, sabe que se a queda for inevitável, sempre há uma escada, outras oportunidades. Tudo muda, como as fases da lua, noites claras e noites escuras. E o ciclo da vida é assim: dias bons, dias ruins.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

a) Qual a ideia central da sua produção?

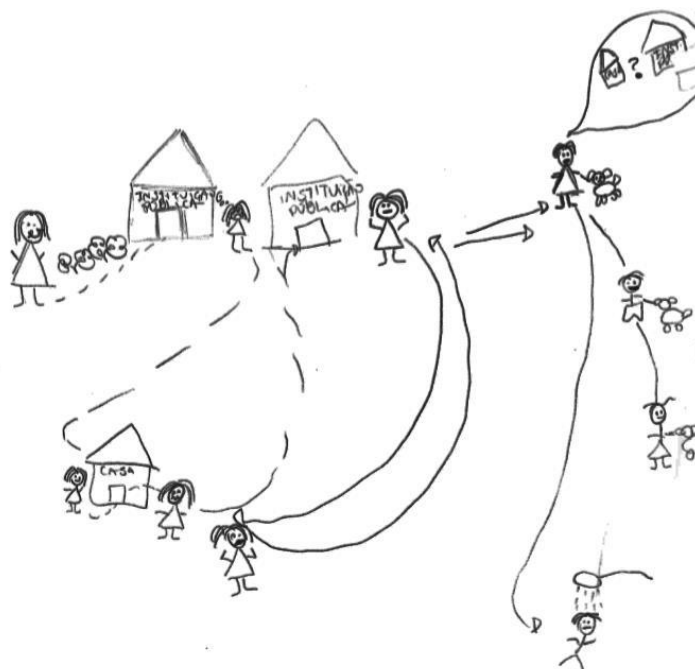
A vida.

- b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Não.
- c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
Cíclico, porque possibilita mudanças.
- d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.
Espada, não vi utilidade ali, porque representa morte, violência.
- e) Como termina a cena que você imaginou?
Pensando que há dias bons e ruins.
- f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?
Personagem, se abrigando.

• **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Escada	Possibilidade de se erguer se houver queda, a queda pode ser inevitável, mas há muitas outras oportunidades	Esperança
Espada	Espada	Mostrar que o fogo pode trazer algo bom e ruim	Algo ruim
Refúgio	Casa	Abrigar, dias ruins e de chuva	Proteção
Monstro	O desconhecido	Apreensão trazer medo	Terror
Cíclico	Lua	Mudar em suas fases; (noites claras e noites escuras)	Mudança; ciclo da vida, dias bons e ruins
Personagem	Mulher	Esconder	Vida
Água	Chuva	Necessário para vida	
Animal	Pássaro	Voar	Pode ter várias visões, pois está no céu e no chão, essa visão do desconhecido
Fogo	Chama	Aquecer e preparar alimento, forjar a espada	Ambiguidade

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 13. Agente Educacional (fem.); 38 anos.**



- **História do desenho:**

Clara, era uma menina ingênua e feliz, que vivia com seus pais em uma pequena casa da periferia. Quando Clara atingiu a idade obrigatória para frequentar a escola, seus pais foram matriculá-la na escola mais próxima de sua casa. Ela estava feliz e ansiosa para se primeiro dia de aula, pois entendia que essa instituição era um refúgio que iria ensiná-la a proteger-se das dificuldades da vida.

Porém quando Clara chegou a escola, percebeu que o que imaginava sobre a escola não era exatamente o que esperava e descobriu que parecia mais um monstro, cheio de garras que queria possuí-la, dominando todo o seu corpo, os sentidos e até mesmo o seu pensamento. Clara ficou com muito medo, então preferiu não se expressar e nem falar...E fazer tudo o que lhe era imposto, pois sentia-se sem forças para lutar contra este monstro.

No final do dia Clara voltou para sua casa, decepcionada e triste, e quando foi conversar com seus pais teve a mesma sensação, como se tentáculos comessem a possuí-la e sem forças para lutar, cedia a todos os momentos daquele monstro. E percebeu que tanto na escola, quanto em sua casa não podia lutar contra o que era imposto pelas pessoas mais velhas e autoridades em geral, era um ciclo sem fim, e percebeu que a vida se resumia a isso.

Conforme foi crescendo, foi se conformando com aquela situação, pois era mais fácil e menos doloroso se igualar a maioria opressora, pois sentia-se muito fraca e despreparada para enfrentar seu grande medo.

Quando terminou a educação que era obrigatória (básica) percebeu que lá estava ela, junto com uma multidão de outras pessoas, adestradas como se fossem animais de estimação, conformadas pelo que a sociedade as impõe. E então pensou:

“Só me resta tomar um banho para poder esquecer, como se eu conseguisse lavar a minha alma e então por alguns minutos pode esquecer.”

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

a) Qual a ideia central da sua produção?

A sociedade hoje em dia.

b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?

Na sociedade.

c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.

O fogo, pois era o que deveria retratar a personalidade do personagem.

d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.

A água, porque tive que incluir o banho.

e) Como termina a cena que você imaginou?

A personagem mais velha depois de terminar a escolarização se viu dentro de um padrão da sociedade igual aos outros.

f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

A menina. Mas a minha personalidade não é de se conformar como a dela.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Conformidade	Deixar de ter liberdade	Pressão
Espada	Luta	Não executa	Medo
Refúgio	Escola	Era pra ser um lugar acolhimento, mas acabou não sendo	Frustação
Monstro	Escola - casa	Pra ela não lutar contra isso ela resolveu se adaptar	Adaptação
Cíclico	Algo que sempre a mesma coisa (em casa e na escola)	Fazer se adaptar a algo	Imposição
Personagem	Menina - Clara	Fazer mudança, mas tem medo	Medo
Água	Banho	Tirar essas coisas ruins da sociedade	Limpeza
Animal	Adestramento	Criado na nossa cabeça	Dominação
Fogo	Luta	A personalidade que na verdade a menina não tem	Coragem

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 14. Agente Educacional (fem.); 22 anos.**



- **História do desenho:**

Em uma aldeia, o herói Fin e seu cachorro Jack estavam tranquilamente em sua caverna quentinha pelo fogo, apenas passando o tempo. Quando foram atacados por um terrível monstro.

A partir disso Fin pegou sua espada e foi travado o duelo entre eles, chovia muito fora da caverna, o que atrapalhou o desenrolar do combate, porém Jack e Fin saíram vencedores de mais um ciclo de guerra e paz da vida de um herói.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

a) Qual a ideia central da sua produção?

Sobre um herói/cachorro.

b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?

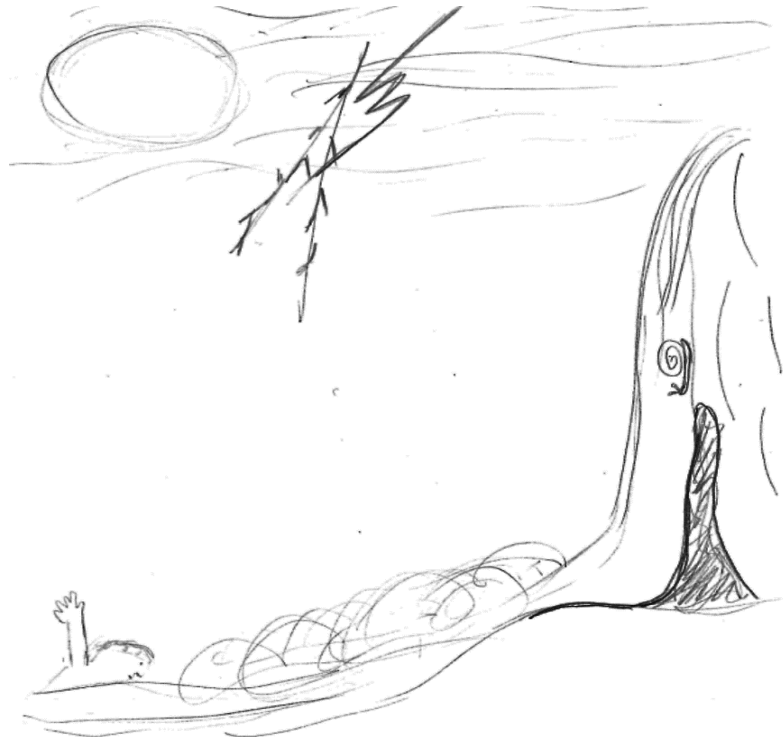
Sim, um desenho que já assisti.

- c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
O herói/cachorro, pois são centralidade, porque a partir deles tudo acontece. A água e o fogo, porque traz algo quente e seguro.
- d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.
Não tem.
- e) Como termina a cena que você imaginou?
Com a morte do monstro.
- f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?
O cachorro, porque no desenho ele ajuda as pessoas, tem poderes e é engraçado.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Morte do monstro	Atacar	Algo terrível
Espada	Espada	Machucar	Perigo
Refúgio	Caverna	Passar o tempo	Tranquilidade
Monstro	Monstro	Assustar, trazer medo	Perigo
Cíclico	Ciclo de combate	Lutar	Paz
Personagem	Herói Fin	Duelar	Vencedor
Água	Chuva	Atrapalhar o combate	Problema
Animal	Cachorro Jack	Companheiro do herói	Amizade
Fogo	Calor do caverna	Aquecer	Necessidade

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 15. Professora; 35 anos.**



- **História do desenho**

Estava acampando com meu marido e amigos quando resolvemos ir até a cachoeira para conhecer a caverna que havia nela. O tempo estava claro e o sol brilhava. Enquanto estávamos na água o tempo mudou, começo a relampejar e ventar muito, precisamos correr para nos abrigar na caverna, mas de repente, quando olhei ao lado estava sozinha e precisei nadar para chegar até a cachoeira, mas tinha um caramujo gigante na entrada da caverna. Mesmo assim, eu consegui entrar e encontrei todos a salvo lá dentro.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- a) Qual a ideia central da sua produção?
Águas, foi no que eu mais pensei.
- b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Não.

c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.

Água. Não sei.

d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.

Fogo, porque não combinava com o desenho.

e) Como termina a cena que você imaginou?

O personagem fica bem.

f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

O personagem. Faria aquilo que acontece na história mesmo.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Cachoeira	Esconder	Descanso, paz
Espada	Raios	Proteção da tempestade	Proteção
Refúgio	Caverna	Passear	Proteção também, visita
Monstro	Tempestade	Estragou o passeio	Medo
Cíclico	Tempo	Aberto e fechou	Mudança
Personagem	Mulher	Se viu sozinha e nadou até a caverna	Medo de ficar sozinha
Água	Chuva	Fazer ela nadar	Dificuldades
Animal	Caramujo	Impedir a passagem	Medo
Fogo	Sol	Brilhar, deixar claro	Calor

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 16. Agente Educacional (fem.); 35 anos.**



- **História do desenho**

Era uma vez uma menina chamada Luana, seu local predileto na escola onde estudava era o banheiro, se escondia para se cortar com uma lâmina de gilete. Mas quando era abordada pelos agentes da escola, ficava muito agressiva, os maltratando com palavrões e insultos, de raiva começava a destruir a escola, quebrando portas, torneiras e alagando os banheiros.

Fora isso também tinha os animais que são largados na escola em péssimas condições, maus tratos e circulam pela escola em busca de comida e abrigo. Também tem a agressão física e moral, por conta da clientela do bairro, que chega ameaçando os funcionários em geral.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

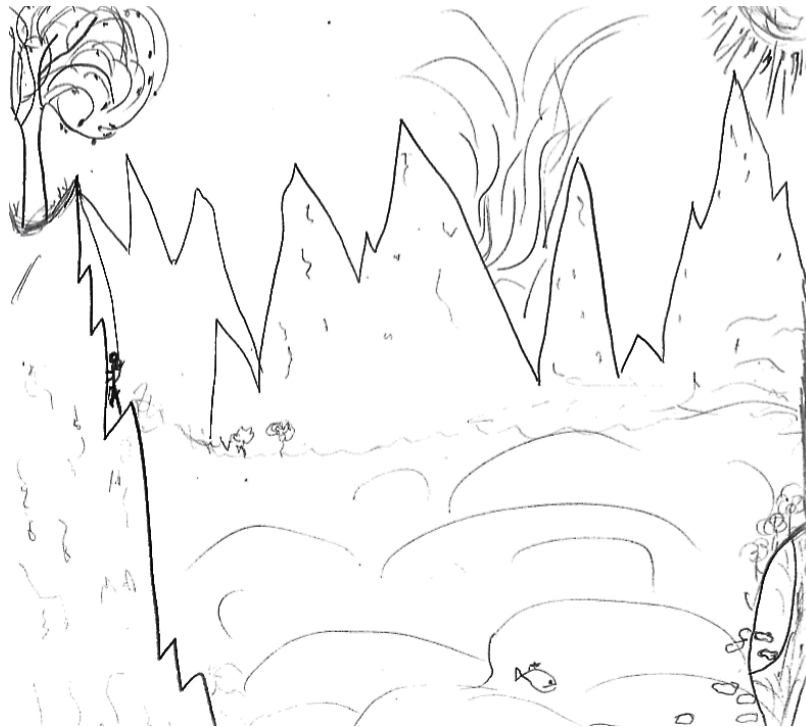
- a) Qual a ideia central da sua produção?
Violência na escola.

- b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Pensei na realidade da escola.
- c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
Não está entre os elementos, seria o não respeito dos alunos.
- d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.
A espada, porque já foi usada para machucar professores e funcionários.
- e) Como termina a cena que você imaginou?
Não sei como termina, algo que não tem retorno.
- f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?
O cargo dela mesmo, uma agente educacional.

• **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Ver a cena, choque	Uma menina se cortando	Depressão da aluna
Espada	Faca, gilette	Se machucar	Agressão
Refúgio	Cantos da escola	A menina quando se corta se esconde	Vergonha, medo
Monstro	Clientela da escola	Discussão, destruição	Violência
Cíclico	Dia-a-dia da escola	Coisas que sempre acontecem	Rotina
Personagem	Funcionários	Mediação	Decisões
Água	Das torneiras	Depredar a escola	Vingança
Animal	Cachorros, gatos abandonados na escola	Receber carinho	Abandono
Fogo	Enfrentamento	Enfrentar os problemas da escola	Atitudes

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 17. Professora; 57 anos.**



- **História do desenho**

A aventura deve fazer parte de nosso cotidiano com segurança e sabedoria. Os imprevistos acontecem e nunca sabemos exatamente como reagir para sobreviver. Eu queria estar perto da natureza, mas quase sempre por trás de sua beleza existe um território hostil. Por isso eu treino diariamente para poder se prevenir e buscar segurança.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- Qual a ideia central da sua produção?
Aventura.
- Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Sim, coisas que aconteceram comigo.
- Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
Cíclico, para manter a existência, a continuidade.

d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.

Monstro. Não vejo significado.

e) Como termina a cena que você imaginou?

Em um lugar seguro, numa situação harmoniosa.

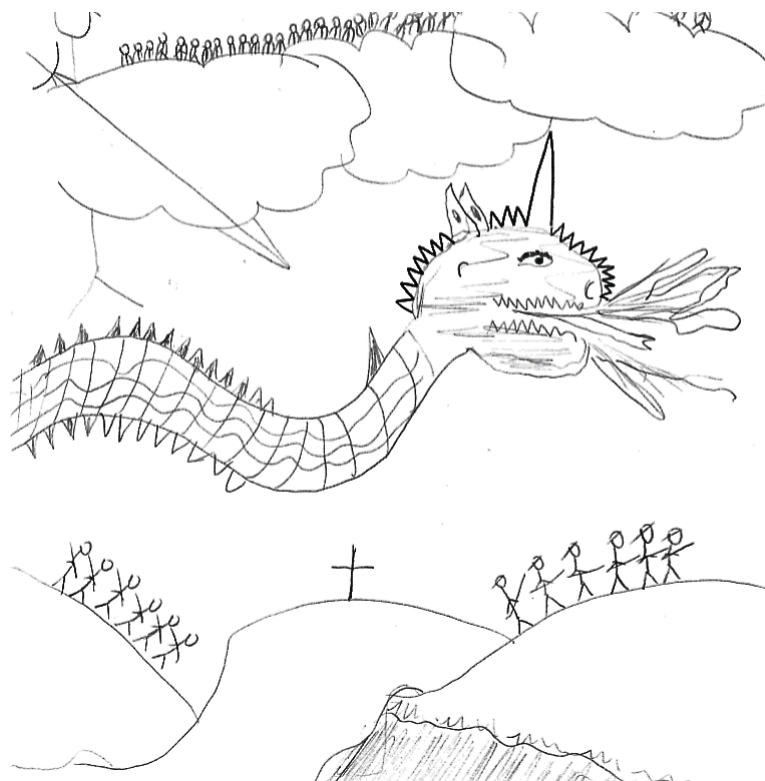
f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

Personagem, praticar rapel.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Queda do penhasco	Nutrir sentimento de aventura	Falta de conhecimento, orientação
Espada	Espada	Ferramenta para segurança	Proteção
Refúgio	Alto do penhasco	Curtir o visual	Retornar sempre
Monstro	Monstro dentro da caverna	Está mais no imaginário	Algo insignificante
Cíclico	Frutos da árvore	Alimentar	Vida
Personagem	Mulher	Dá o treinamento	Ajuda
Água	Mar, cachoeira	Fica na parte de baixo do penhasco	Paradoxo
Animal	Peixes	Alimentar	Sobrevivência
Fogo	Está atrás montanha	Queimadas	Acabar com a natureza

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 18. Gestor; 36 anos.**



- **História do desenho:**

Um anjo de luz se rebelou contra a autoridade divina nos céus e foi expulso da morada celestial, tendo por testemunhas todas as outras criaturas que ali vivem. Esse anjo, ao ser expulso, vira-se a terra e se torna um grande dragão, furioso, querendo aniquilar os seres humanos.

Ainda que fracos em relação a esse monstro, os humanos lutam contra ele usando o que podem, mas confiando em alguém superior que os auxilia nesse combate.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- a) Qual a ideia central da sua produção?
Sobre a queda de um anjo no paraíso celestial.
- b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Lembrei de um relato bíblico sobre a expulsão do diabo do céu.

c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.

Personagem e monstro, porque todo enredo gira em torno deles.

d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.

Água, porque na história é só um acessório.

e) Como termina a cena que você imaginou?

Não termina, por isso que é cíclico, é uma batalha constante.

f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

Um dos humanos.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Expulsão	Cair do plano superior para o inferior	Orgulho
Espada	Lança	Manter longe o monstro	Proteção
Refúgio	Plano superior	Proteger as pessoas (o plano embaixo não precisa)	Proteção
Monstro	Dragão	Aterrorizar os humanos	Perseguição, ódio, vingança
Cíclico	Constante batalha	Lutar contra o mau	Todos os dias
Personagem	Aquele maior que tudo, humanos, criaturas espirituais	Precisam passar por isso para ir para o outro plano	Confiança
Água	Rio	Está no caminho	Passagem
Animal	Dragão (simbiose)	Aniquilar as pessoas	Fúria
Fogo	Sai da boca do dragão	Aniquilar as pessoas	Luta

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 19. Gestora; 38 anos.**



- **História do desenho:**

Eu e meus irmãos fomos acampar e fazer rapel. Dormimos perto da fogueira para afugentar pequenos insetos, já que não era um local perigoso.

A cachoeira é linda, o tempo estava agradável. A única coisa ruim era a subida pela rocha a cada vez que quiséssemos realizar a descida.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

a) Qual a ideia central da sua produção?

Um acampamento com meus irmãos.

b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?

Me inspirei em situação real. Na verdade, duas situações. A do acampamento foi uma e do rapel foi outra.

c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.

Queda, fogo, água e cíclico. Foram eles que nortearam o desenho, os demais elementos atuaram como coadjuvantes.

d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.

Animal, não me pareceu significativo para a cena.

e) Como termina a cena que você imaginou?

Termina conosco acordando, arrumando as coisas e voltando para a casa.

f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

Uma das pessoas. Fazíamos as mesmas coisas (os três).

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Cachoeira	Centro da cena	Movimento e mudança
Espada	Espada de São Jorge	Adorno	
Refúgio	Gruta atrás da cachoeira	Adorno	
Monstro	Medo (fogueira acesa)	Proteção	O que não se vê/ não se conhece.
Cíclico	Água e árvore	Manutenção da paisagem	Renovação
Personagem	Pessoas	Convivência	Vida
Água	Lago	Acolher as pessoas a sua volta	Prazer
Animal	Mosquitos	Adorno	
Fogo	Fogueira	Afugentar o perigo	Proteção

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo P nº 20. Gestor; 41 anos.**



- **História do desenho:**

Após um longo período de lutas, o herói pretende se refugiar na caverna para descansar e refletir sobre tudo que viveu até aquele momento. Mas ao chegar, encontra um monstro impedindo a entrada. Munido de uma espada e uma tocha pretende atear fogo na caverna para que o monstro saia e, assim, poder matá-lo com sua espada.

Um animal sagrado (a raposa) aparece e diz que não é necessário a luta e que ele poderia adentrar a caverna se fizer um pacto com o monstro de o alimentar e o curar de uma ferida.

Acompanhando a cena está a coruja, outro animal sagrado, que avalia as ações tomadas pelo herói e se ele vai acatar as sugestões da raposa.

Ao final o herói faz o que a raposa propôs e convence o monstro a deixar a caverna sem entrar em luta.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

a) Qual a ideia central da sua produção?

A conquista do refúgio (caverna) que se encontra atrás da queda d'água.

b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?

Não.

c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.

O herói – ele coordena as ações.

O personagem – vai orientar o herói.

O animal – vai permitir a tomada de decisão.

d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.

O monstro – pois ele impede a entrada no abrigo.

e) Como termina a cena que você imaginou?

O herói pretende matar o monstro para tomar a caverna. Para isso usará a espada e a tocha para atear fogo nela. O personagem (raposa) o convence de que não é necessário usar a violência.

f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

O herói. Acataria as sugestões da raposa para tirar o monstro da caverna.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Cachoeira	Esconder o refúgio	Proteção
Espada	Espada	Matar o monstro	Bravura
Refúgio	Caverna	Acolher	Descanso/ proteção
Monstro	Monstro	Impedir a entrada	Morte
Cíclico	Ciclo da água no rio	Vitalizar todos os elementos	Renovação tempo
Personagem	Raposa	Ensinar a maneira correta de lidar com o monstro	Sabedoria
Água	Rio	Saciar a sede dos personagens	Vida
Animal	Coruja	Permite ou não a execução das ações	Controle
Fogo	Tocha	Atear fogo na caverna para expulsar o monstro	Impulsividade

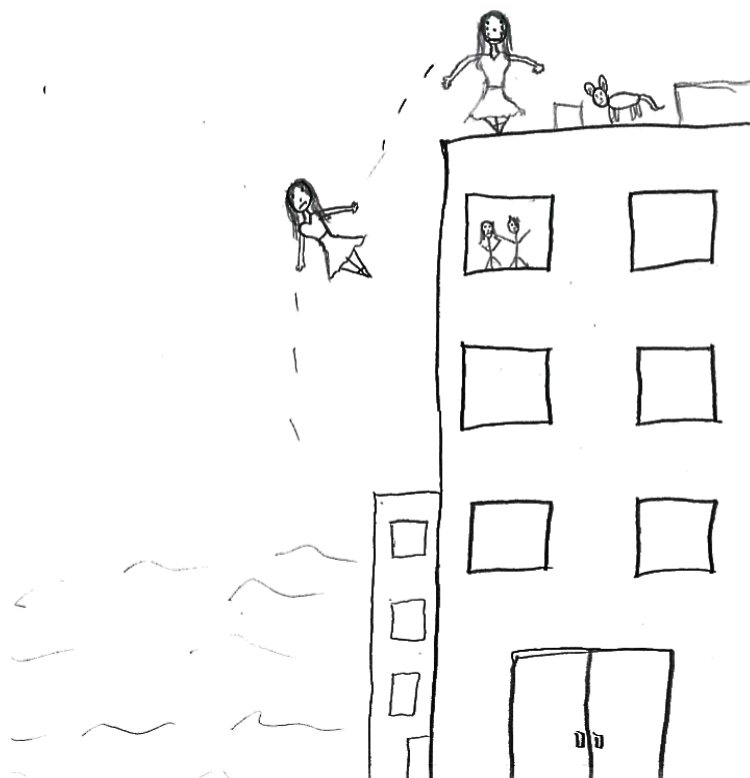
- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- a) Qual a ideia central da sua produção?
Sobre coisas que acontecem em casa.
- b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Sim, uma situação real.
- c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
Espada, “copo”. Porque mexe muito comigo.
- d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.
Talvez a praia, mas depois consegui encaixar.
- e) Como termina a cena que você imaginou?
Triste.
- f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?
A filha. Chorando.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	O AVC da mãe	Origem	Tristeza
Espada	Copo	Machucar a mãe	Ódio
Refúgio	Casa abrigo	Se esconder para as coisas melhorarem	Felicidade
Monstro	Pai	Parece não querer ver ela feliz	Era tudo
Cíclico	Brigas entre os pais	Uma coisa que não queria se ver	Brigas
Personagem	Vô	Uma pessoa para ser cuidada, parece um bebê	Triste
Água	Mar	Uma coisa boa	Lembrança
Animal	Cachorro	Ficou doente quando ela saiu de casa	Carinho
Fogo	Calor do sol	Dar tristeza	Lembrança

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo A nº 2. Aluna; 16 anos.**



- **História do desenho**

Havia uma garota que sempre presenciava briga entre os pais, o pai dela batia na mãe dela então aquele pai se tornou um monstro para ela e ela só continuava ali pelo amor que ela sentia pela mãe só que toda vez que eles brigavam parecia que ela ia morrer de medo e a barriga dela parecia que pegava fogo de medo aquela dor de medo que aconteceu algo com ela ou a mãe então o refúgio dela era o topo de um prédio que ela morava, aí então ela subia as escadas e chegava ao topo e já que um ciclo era sempre que o pai batia na mãe aí um dia ela subiu levou o cachorro e começou a chorar e atrás desse prédio tinha um mar, aí que ela se jogou, pois não aguentou mais e a mãe dela representava uma espada por vários motivos.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- a) Qual a ideia central da sua produção?
O sofrimento.

- b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Sim, um filme de ação, pois a menina se joga do prédio.
- c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
O cíclico, meu pai bater sempre na minha mãe.
- d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.
Água, pois não fazia sentido na história.
- e) Como termina a cena que você imaginou?
A menina morta e a mãe espancada.
- f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?
A menina.

• **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	A menina caindo	Se matar	Uma coisa terrível
Espada	Mãe	Proteger (pois a mãe aguentava aquilo)	Proteção e sofrimento
Refúgio	Em cima do prédio	Se distanciar das brigas dos pais	Algo importante
Monstro	Pai	Bater na mãe	Monstro que ele é
Cíclico	Brigas	Deixar a filha perturbada	Machismo
Personagem	Menina	Se refugiar, chorar	Sufrimento
Água	Mar	Serviu para a menina se jogar	Lembrança
Animal	Cachorro	Ficou doente quando ela saiu de casa	Morte
Fogo	Dor na barriga	Ardia um fogo por dentro na hora do medo	Medo

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo A nº 3. Aluno; 15 anos.**



- **História do desenho**

Zeus, Deus superior tem um filho chamados deus da Guerra. Zeus cria seres humanos de sua semelhança para habitarem a Terra já que ele habita o céu seu filho com ciúmes semeia o mal entre esses seres e tenta fazer uma guerra. Zeus descobre e tenta matar seu filho para que isso não o aconteça lhe enfia uma espada no peito e ele o Deus da Guerra vai no mar e a água o purifica e ele se salva e fica escondido numa caverna e faz com que os seres façam guerra mais ainda há uma esperança;

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- Qual a ideia central da sua produção?
Guerra.
- Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Sim, um filme.
- Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
Monstro, porque dá vigor a história.

d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.

Fogo, pois não fazia sentido na história.

e) Como termina a cena que você imaginou?

O monstro dentro da caverna doente.

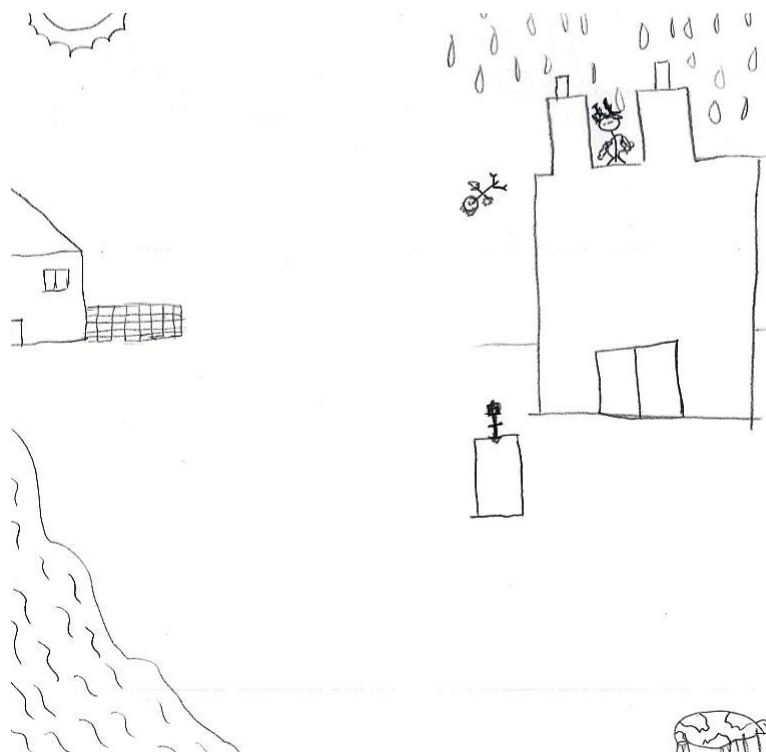
f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

Água. Ajudaria o monstro.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Monstro caindo	Ficar no trono	Paz
Espada	Espada	Matar o monstro	Esperança
Refúgio	Caverna	Casa	Pensamentos
Monstro	Deus da guerra	Destruir	Distinção
Cíclico	Ele se recupera (monstro)	Nunca acabar	Sem fim
Personagem	Zeus	Purificar	Limpeza
Água	Rio	Serviu para a menina se jogar	Lembrança
Animal	Águia	Espalhar a semente do mal	Traição
Fogo	Chamas	Queimar pessoas	Destruição

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo A nº 4. Aluno; 15 anos.**



- **História do desenho**

Era uma vez, um belo dia de sol com chuva, Joãozinho foi visitar um castelo abandonado. Nesse castelo acabou encontrando um monstro que acabou empurrando de cima do castelo.

O monstro decidiu enterrar o Joãozinho, mas depois de enterrar decidiu correr para seu esconderijo secreto, seu refúgio preferido perto de um belo lago tranquilo e na paz, pois ninguém sabia seu lugar secreto e encontrou uma tartaruga perto do lago pegou amor nela vivendo em paz no seu refúgio secreto para sempre.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- Qual a ideia central da sua produção?
A vida do monstro.
- Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Foi algo que sonhei, com um menino que caia de prédio.

- c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
Queda, porque ela caracteriza a morte, que é uma coisa muito grave.
- d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.
Não precisava do animal, porque não tinha papel pra ele.
- e) Como termina a cena que você imaginou?
O monstro abandona o castelo e vai para seu refúgio e fica escondido lá para sempre.
- f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?
Animal, porque eu não queria fazer parte disso.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Pessoa caindo	Invasão	Morte
Espada	Espada em cima do túmulo	Espada abandonada por alguém do castelo	Paz
Refúgio	Uma casa cercada	Fuga	Proteção
Monstro	Monstro	Estranhou a visita	Ameaça
Cíclico	Chuva	A chuva que vem e vai	Tranquilidade
Personagem	Menino	Invadiu o castelo	Curiosidade
Água	Lago	Pescar, nadar	Refrescante
Animal	Tartaruga	Estava no refúgio	Amigo
Fogo	Sol	Aquecer	Calor

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo A nº 5. Aluna; 15 anos.**



- **História do desenho:**

Uma rainha apanha sempre do seu companheiro, ele um dia quase a matou, ela foi escondida com seus bichinhos de estimação, porém ele se cobriu com fogo e ninguém prendeu ele.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- Qual a ideia central da sua produção?
A violência.
- Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Algo já tinha vivido.
- Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
Espada, porque ela que deu início a história.
- Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.
Espada, porque se não tivesse essa espada, poderia ser uma história feliz.

e) Como termina a cena que você imaginou?

A rainha fica escondida e o companheiro ficou impune pelo crime que cometeu.

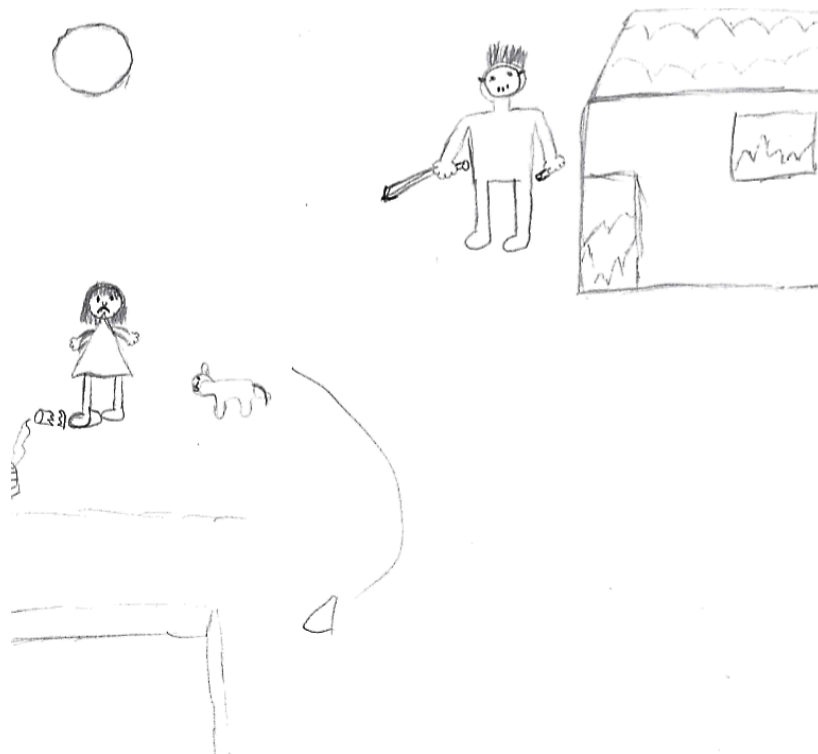
f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

Os animais, nada. (o que ela realmente fez, na situação ela viu tudo acontecer, mas “não fez nada”).

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Queda do penhasco	Cair	Força
Espada	Soco	Atingir a rainha	Dor
Refúgio	Casa com cadeado	Proteger a rainha e os bichinhos	Proteção
Monstro	Homem (pai)	Bater na rainha	
Cíclico	Algo acontecer sempre	Não ter motivo	
Personagem	rainha	proteger os bichinhos	Cuidado
Água	Choro da rainha e dos bichinhos	Tristeza	Revolta
Animal	Porquinho, unicórnio, gatinho	Dar força para a rainha	Força
Fogo	Força do monstro	Atingir a rainha para ninguém chega perto	Medo

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo A nº 6. Aluna; 15 anos.**



- **História do desenho:**

Certo dia estava na minha casa dando comida para meu cachorro e começou uns barulhos estranhos, estava a noite eu estava com medo quando resolvi sair para ver o que era. Levei meu cachorro junto, quando voltei para sala e vi tudo pegando fogo rapidamente peguei algumas coisas e sai para fora. Eu estava chorando sem ter para onde ir o copo de água caiu no chão quando me virei e vi um monstro com uma espada e um isqueiro na mão rapidamente peguei meu cachorro e corri entrei em um corredor nas ruas e me escondi até que a amanhecesse.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

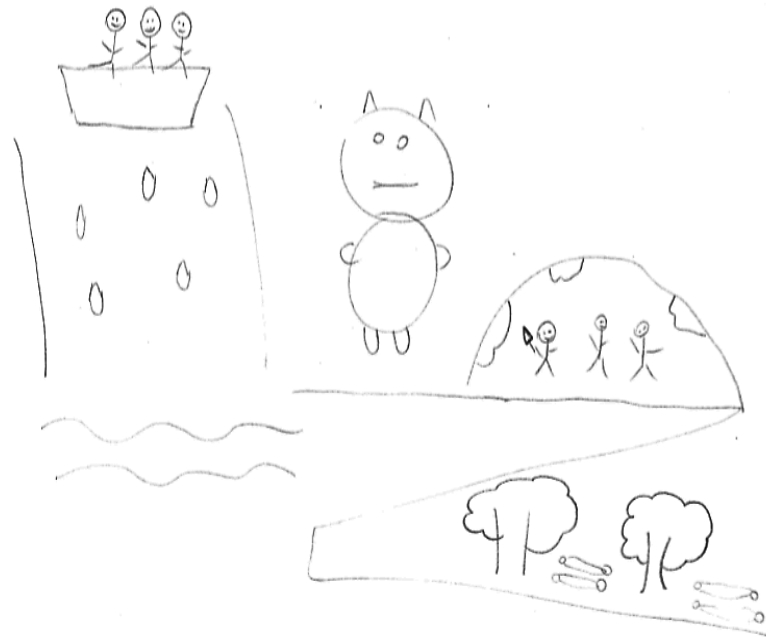
- a) Qual a ideia central da sua produção?
Incêndio.

- b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Não.
- c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
Personagem, porque é ele que dá vida a história, sem o personagem não teria história.
- d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.
Não tem.
- e) Como termina a cena que você imaginou?
A mulher na caixa esperando o dia amanhecer.
- f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?
Bombeiro, para poder apagar o fogo.

• **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Copo	Não tem	Susto
Espada	Espada/isqueiro	Colocar fogo na casa	Um ato de vandalismo
Refúgio	Caixa	Esconder	Proteção
Monstro	Homem com máscara	Aterrorizar	Medo
Cíclico	Lua	Não tem	Não sabe
Personagem	A mulher	Viver a vida dela	Desespero
Água	Que está dentro do copo	Escorrer para dentro o bueiro	Algo indo embora
Animal	Cachorro	Ser um bicho de estimação	Companheirismo
Fogo	Do isqueiro que queimou a casa	Queimar a casa	Destruir

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo A nº 7. Aluno; 15 anos.**



- **História do desenho**

Era uma vez três amigos, Marcos, Marcelo e Miguel eles estavam de férias e saíram para se divertir, pois eles iam fazer um passeio na floresta mas nem tudo ocorreu como eles queriam quando chegaram a um certo ponto do rio havia uma cachoeira ao qual eles caíram depois de um bom tempo acharam terra firme ao qual mais problemas surgiram de repente apareceu nas profundezas da floresta um monstro, um urso terrivelmente com fome e Marcos o mais corajoso enfrentou o urso com sua espada e correram muito até acharem e se esconderem na caverna ao qual havia muitos morcegos que lá já moravam depois de se certificarem que o urso havia ido embora andaram um pouco na floresta para achar lenha e fazer fogo antes que escurecesse mais.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

a) Qual a ideia central da sua produção?

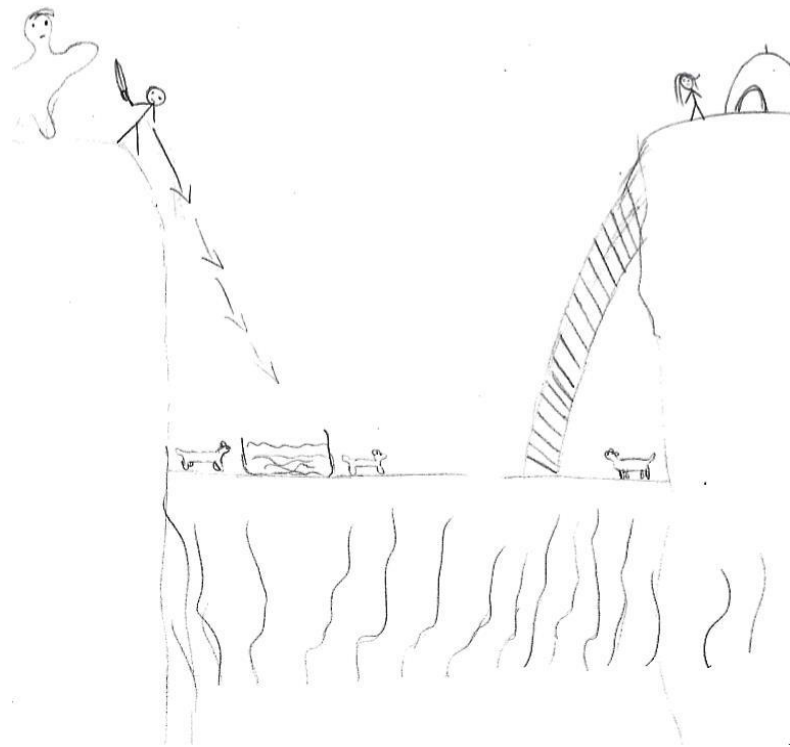
Fuga.

- b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Filme.
- c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
Monstro, porque gosto de escrever histórias com monstro.
- d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.
Cíclico, porque não remeteu a nada.
- e) Como termina a cena que você imaginou?
Os meninos pegando lenha antes que escurecesse.
- f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?
Um dos meninos.

• **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Cachoeira	Possibilitou remar e ver a paisagem	Natureza
Espada	Espada	Enfrentar o urso	Sobrevivência
Refúgio	Caverna	Esconderijo	Segurança
Monstro	Urso	Atacar os meninos porque estava com fome	Algo terrível
Cíclico			
Personagem	O menino que enfrenta o urso - Marcos	Enfrentar urso	Ajuda, amizade
Água	Da cachoeira, rio	Caminho para chegar na terra firme	Segurança
Animal	Morcegos estavam na caverna	Deixaram os meninos ficarem ali para se esconder do urso	Fuga
Fogo	Chama da fogueira	Esquentar eles para não passarem frio, para fazer comida	Acolhimento

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo A nº 8. Aluno; 14 anos.**



- **História do desenho**

Por algum motivo, uma pessoa estava tentando derrotar um monstro que era praticamente imbatível, então, essa pessoa teve que fugir, mas acabou caindo da colina. Por sorte, caiu em uma caixa d'água que estava lá embaixo por alguma razão, mas também tinha cachorros furiosos tentando morder o homem, mas como estava com sua espada, conseguiu derrotá-los. O homem, sem saber o que fazer, continuou a andar.

Chegou em uma parte do caminho, onde o chão estava quebrado e embaixo estava pegando fogo, então teve que se preparar para pular do outro lado. Quando ele pulou e chegou ao outro lado, tinha outro cachorro, mas ele o matou também e subiu uma escada que estava lá.

Essa escada o levou até uma senhora e uma casinha, a senhora disse ao homem que esse tipo de monstro atacava com frequência aquela região. A senhora acolheu o homem e a casa dela foi seu refúgio.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- a) Qual a ideia central da sua produção?
Ação.
- b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Não.
- c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
Personagem, porque toda história tem que ter personagem.
- d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.
Não tem nenhum.
- e) Como termina a cena que você imaginou?
Bem, porque ele arruma uma casa para ele.
- f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?
Personagem. Não sei.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Homem caindo	Derrubar o homem	Luta
Espada	Espada	Combater o monstro	Luta
Refúgio	Casa de uma senhora	Proteger	Lar
Monstro	Monstro	Causar mal	Problema
Cíclico	Toda hora acontece um problema novo	Causar dano	Conflito
Personagem	Homem	Derrotar tudo	Herói
Água	Caixa com água	Salvar o homem	Vida
Animal	Cachorros	Morder o homem	Proteção do monstro
Fogo	Embaixo de tudo, chamas	Contratempo	Desafio

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo A nº 9. Aluna; 14 anos.**



- **História do desenho:**

Era uma vez três amigos, na praia moravam dois irmãos. Eles brigavam muito até que chegou um dia que eles tiveram uma discussão e o próprio irmão matou seu irmão e lá de dentro ele olhou e estava vindo uma bola de fogo. Ele viu que matou o próprio irmão e se matou também e a casa ficou sozinha.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- Qual a ideia central da sua produção?
Morte.
- Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Vi perto de onde eu morava.
- Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
Personagem, porque ele é o principal.
- Existe algum elemento que você não queria ter colocado? Justifique.
Animal, não tem nada haver com a cena.

e) Como termina a cena que você imaginou?

O irmão mata o próprio irmão.

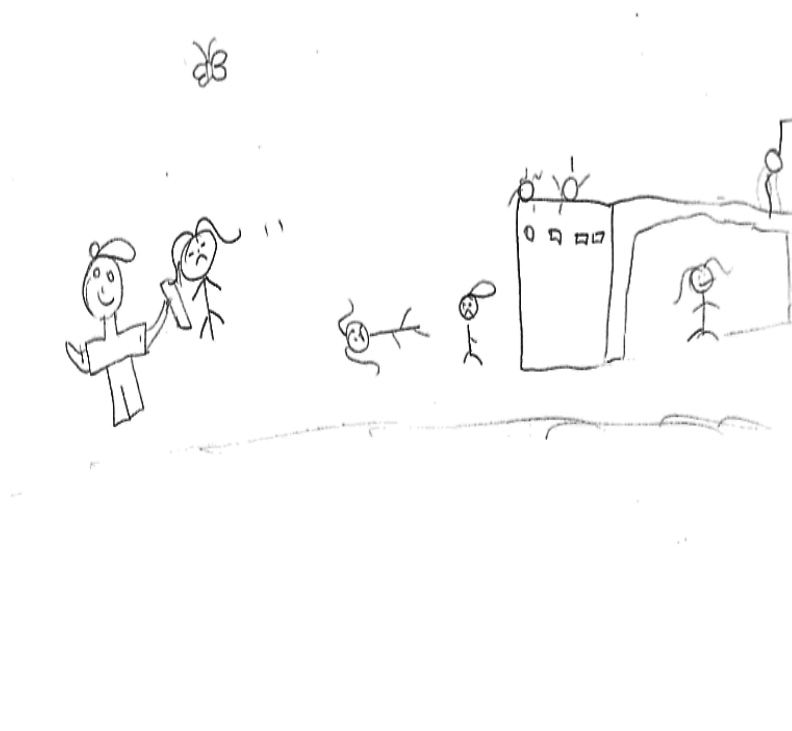
f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

A mãe dos meninos.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Menino caindo	Cair na hora que morreu	Morte
Espada	Faca	Matar o irmão	Mal
Refúgio	Casa	Moradia	Lar
Monstro	Irmão	Matar o irmão	Inveja
Cíclico	Sol	Aparece todo dia	Calor
Personagem	O menino	Vítima	Tristeza
Água	O rio q passava ali perto	Jogar o irmão ali dentro	Esconder
Animal	Peixe	Dentro do rio	
Fogo	Bola de fogo	Apareceu depois que ele matou irmão, e atingiu o irmão.	Morte

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo A nº 10. Aluna; 15 anos.**



- **História do desenho:**

Meu desenho fala sobre a violência entre as mulheres. Eu morava com meu pai, minha mãe e meus irmãos a gente morou 4 anos juntos depois de alguma forma meu pai batia em minha mãe e eu e meus irmãos se escondíamos até que um dia ela ligou para a polícia e prenderam ele. Ele ficou só 15 dias preso depois que ele saiu minha mãe voltou com ele e ele não mudou, batia nela ainda. Até que um dia ela resolveu por um ponto final nessa história e tirar ele de casa.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- Qual a ideia central da sua produção?
Violência.
- Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Pensei em algo que aconteceu com a minha mãe.
- Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
Refúgio, porque ele traz segurança.

d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado? Justifique.

Monstro, porque ele é o pai (padrasto) e causa medo.

e) Como termina a cena que você imaginou?

Termina bem, o pai indo embora.

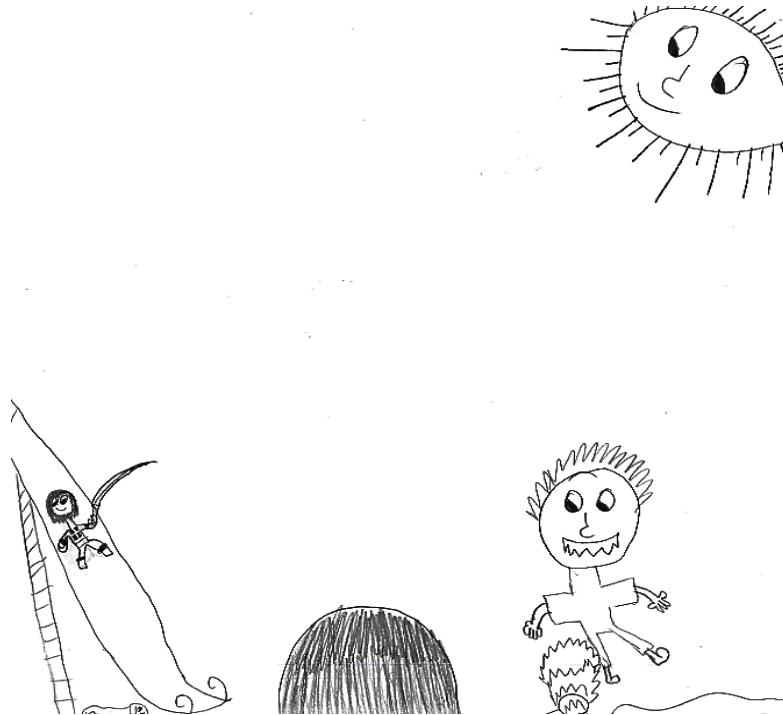
f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

A pessoa que se esconde.

- **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Mãe caindo	Machucar	Desespero
Espada	Um pau	Bater na cabeça da mãe	Tristeza
Refúgio	Casa	Esconderijo	Segurança
Monstro	Pai (padrasto, o pai biológico abandonou)	Fazer mal	Nada
Cíclico	Brigas	Algo rotineiro	Raiva
Personagem	Mãe e filhos	Família agredida	Agressão
Água	Água caindo da torneira	Mãe fazendo comida, deixava a torneira aberta	Raiva
Animal	Passarinho		
Fogo	Do fogão	Para fazer comida	Aquecer

- **Protocolo do Teste AT.9 do grupo A nº 11. Aluna 14 anos.**



- **História do desenho**

Era uma vez um menininho fantasiado de homem de ferro e ele queria beber água, queria se esconder do monstro e entrou num buraco escuro, acendeu uma fogueira, mas o cachorro começou a latir e o menino correu para o escorregador e levou um tombo e foi assim, o ciclo da vida.

- **Respostas dadas ao questionário AT- 9:**

- Qual a ideia central da sua produção?
Super- herói.
- Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
Filme.
- Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
Água, porque sem água nós não vivemos.

d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado? Justifique.

Personagem, porque eu não gosto de personagens.

e) Como termina a cena que você imaginou?

O menino correndo para o escorregador e caindo um tombo, coisa do cotidiano.

f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

Cachorro, porque é “bonitinho”.

• **Quadro:**

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda	Menino escorregando	Fugindo	Medo
Espada	Escada	Nenhum	Nada
Refúgio	Buraco	Para ele fazer uma fogueira e ficar lá	Conforto
Monstro	Monstro	Dar susto	Medo
Cíclico	Ciclo da vida	Cotidiano	Rotina
Personagem	Menino	Correr	Uma pessoa
Água	Água	Necessário para quando estava no buraco	Força
Animal	Cachorro	Ele latiu pro menino e o monstro viu o menino	Intrometido
Fogo	Fogueira	Para deixar ele no claro	Medo do escuro

4. ANÁLISE ESTRUTURAL: DESCRIÇÃO E IDENTIFICAÇÃO

Após mapeamento dos dados encontrados nos protocolos, pudemos quantificar os microuniversos. Mostraremos quais são eles individualmente para posteriormente pontuar o que esses dados vêm nos dizer, quando olhamos para cada grupo.

4.1. Análise estrutural quantitativa

Análise Estrutural ou Morfológica (Grupo P)

Nº do protocolo	MICROUNIVERSO
P1	Místico integrado
P2	Místico impuro
P3	Desestruturado
P4	Místico integrado
P5	Místico de forma negativa
P6	Heroico integrado
P7	Místico integrado
P8	Místico impuro
P9	Supermístico negativo
P10	Supermístico
P11	Desestruturado
P12	Sintético simbólico diacrônico de forma positiva
P13	Sintético simbólico diacrônico de forma negativa
P14	Sintético duplo universo existencial diacrônico
P15	Místico lúdico
P16	Místico impuro de forma negativa
P17	Místico lúdico
P18	Super-heroico
P19	Místico integrado
P20	Heroico descontraído de forma negativa

Análise Estrutural ou Morfológica (Grupo A)

Nº do protocolo	MICROUNIVERSO
A1	Desestruturado
A2	Místico negativo, universo da angústia
A3	Heroico impuro
A4	Heroico negativo
A5	Místico negativo
A6	Místico negativo
A7	Sintético duex
A8	Sintético duex
A9	Heroico negativo
A10	Heroico negativo
A11	Místico lúdico

Resultados Quantitativos da Análise Estrutural (Grupo P)

MICROUNIVERSO	QUANTIDADE	%
Microuniverso Heroico	3 (três)	15%
Microuniverso Místico	12 (doze)	60%
Microuniverso Sintético	3 (três)	15%
Microuniverso Desestruturado	2 (dois)	10%
Formas Negativas	5 (cinco)	25%

Resultados Quantitativos da Análise Estrutural (Grupo A)

MICROUNIVERSO	QUANTIDADE	%
Microuniverso Heroico	4 (quatro)	36,36%
Microuniverso Místico	4 (quatro)	36,36%
Microuniverso Sintético	2 (dois)	18,18%
Microuniverso Desestruturado	1 (um)	9,09%
Formas Negativas	6 (seis)	54,54%

4.2. Análise estrutural qualitativa

Quando olhamos para os universos encontrados, vemos que no grupo P o que prevalece é o Microuniverso Místico (60%) e no grupo A há com o mesmo percentual (36,36%) tanto o Microuniverso Místico quanto o Microuniverso Heroico. Encontramos, também, 2 microuniversos desestruturados no grupo P e 1 no grupo A, pois nesses protocolos não houve uma ligação entre os elementos.

Dentre esses microuniversos aparecem aqueles de forma negativa, muito mais no grupo A, um pouco mais da metade dos protocolos, e em apenas (25%) dos protocolos do grupo P. Todos os microuniversos podem ter uma forma negativa, isso acontece quando os elementos não cumprem sua função, por exemplo, no protocolo A2 o refúgio desenhado é em cima de um prédio, e esse refúgio que teria o papel de proteger o personagem se transforma em uma forma de resolver a angústia do problema vivido, através do suicídio.

Vemos formas negativas também no protocolo A8 onde os elementos da natureza não aparecem como fatores reconfortantes, mas, nesse protocolo especificamente, apresentam revolta e medo. Outro exemplo, também, acontece quando há o fracasso ou fuga do personagem, como podemos ver nos protocolos 9 e 10 do grupo A e também nos protocolos 5 e 13 do grupo P.

Os Microuniversos Heroicos têm, segundo Paula Carvalho (1992; p. 232), como característica a “ação heroica” do personagem e a “estrutura temática se organiza fundamentalmente em torno de três elementos essenciais: o personagem/a espada/o monstro”, já no Microuniverso Místico a “ação”, ainda de acordo com o autor, está na “vida apaziguada do personagem, criando-se uma atmosfera de repouso, de equilíbrio e de harmonia onde se desenrola a vida do personagem”, onde os principais elementos envolvidos são o refúgio e/ou a natureza.

No entanto, Paula Carvalho (1992) enfatiza que é preciso olhar como isso é tratado, pois pode haver a presença de elementos heroicos (espada e monstro) no Microuniverso Místico que traz certa perturbação, gerando incerteza e insegurança a essa atmosfera harmônica. E é justamente isso o que acontece, quando analisamos os dados apresentados pelo grupo A. Neste grupo, quando nos debruçamos para analisar o Microuniverso Heroico, temos 4 protocolos, sendo que 3 deles são de formas negativas, ou seja, o herói não cumpre seu papel, há um fracasso. E quanto ao Microuniverso Místico, também de 4 protocolos, 3 deles também são negativos, ou seja, o refúgio é um local de insegurança e medo.

Sobre os protocolos restantes um deles, como já colocamos, é desestruturado, e os outros dois se inserem em subtipos que têm como característica uma integração entre o universo heroico e o místico.

Assim, podemos ver que os participantes do grupo A apresentam uma cultura latente extremante semelhante, onde a negatividade dos universos míticos demonstra uma ligação do grupo com o medo, o fracasso, a perturbação e a insegurança.

Já no grupo P, mais da metade dos protocolos corresponde ao Microuniverso Místico. Apesar desse fator em comum, os subtipos encontrados dentro desse universo são bastante diversos. Em 5 protocolos, encontramos o universo místico integrado onde segundo Paula Carvalho (1992; p.233) “tudo se ordena coerentemente”, tanto que há uma “eufemização” dos elementos espada/monstro “através da disfuncionalização” desses, outros 2 são místicos lúdicos (1 deles na forma negativa) onde há a integração do heroico no místico.

Além desses, também temos outros 2 supermísticos e mais 2 místicos impuros, no primeiro o autor coloca que a síntese é incompleta, pois “a organização de base está presente”, porém “os arquétipos do monstro e/ou espada desaparecem” ou estão desintegrados, e no segundo esses mesmos elementos aparecem, mas sem suas devidas funções. E um último protocolo analisado é místico, mas na forma negativa, onde não vemos uma esfera harmônica.

Nos dois grupos aparece, mas em menor proporção, o Microuniverso Sintético, nesse universo aquela integração vista em alguns subtipos do universo heroico e místico aqui é resolvida, “onde as sequências heroicas e místicas são atualizadas como subconjuntos distintos numa estrutura unificada mais abrangente” (Paula Carvalho, 1992, p. 234).

É importante colocar que a análise que aqui realizamos até esse momento é, como coloca Paula Carvalho (1992), “descritiva e identificatória das constelações de elementos em sua estruturação, abstraindo-lhes a motivação das produções simbólicas e imaginárias” (p. 267). Passaremos, então, para a análise semântica, considerando o simbolismo dos elementos encontrados (ANEXOS E - I), e procurando analisar a motivação das produções simbólicas.

4.3. Imaginário da morte e o ideário da vida: Análise dos simbolismos dos elementos

- **Protocolos do grupo P**

PROTOCOLO	QUEDA	ESPADA	REFÚGIO	MONSTRO	CÍCLICO	PERSONAGEM	ÁGUA	ANIMAL	FOGO	VIDA	MORTE	RESULTADO
P1	14+	10-	2+	8-	6+	9+	8+	6+	5+	7	2	Vida
P2	11+	3+	8+	5-	1+	7+	6+	1+	4+	8	1	Vida
P3*												
P4	11+	1+	1+	9-	6+	5+	2+	6+	1+	8	1	Vida
P5	16+	5+	9+	10-	14-	10-	10-	15-	8-	3	6	Morte
P6	9+	8-	1+	9-	1+	10-	5+	2+	7+	6	3	Vida
P7	14+	1+	1+	5-	1+	2+	1+	5+	1+	8	1	Vida
P8	1-	10+	2+	10-	14-	1+	3+	13-	15-	3	6	Morte
P9	1-	10-	2+	6-	8+	2+	2+	15-	14-	4	5	Morte
P10	11+	1+	9+	11-	8+	8+	1+	8+	1+	8	1	Vida
P11*												
P12	15+	8-	1+	5-	8+	5+	-	7+	15-	5	4	Vida
P13	2-	10-	6-	2+	14-	10-	3+	15-	4+	3	6	Morte
P14	8-	10-	2+	8-	7+	6+	9-	4+	1+	5	4	Vida
P15	13+	3+	1+	5-	16-	10-	9-	14	1+	4	5	Morte
P16	1-	8-	6-	6-	8+	1+	11-	17-	2+	3	6	Morte
P17	6-	3+	3+	5-	1+	7+	13-	5+	14-	5	4	Vida
P18	7-	3+	1+	12-	8+	4+	6+	12-	7+	6	3	Vida
P19	15+	-	-	9-	8+	5+	1+	-	6+	5	4	Vida
P20	10+	1+	1+	12-	8+	1+	1+	16-	9-	6	3	Vida

*Desestruturado (não é considerado)

Total da fração V/M do grupo P: 97/65

Conclusão: Predomínio do universo da vida.

- **Protocolos do grupo A**

PROTOCOLO	QUEDA	ESPADA	REFÚGIO	MONSTRO	CÍCLICO	PERSONAGEM	ÁGUA	ANIMAL	FOGO	VIDA	MORTE	RESULTADO
A1 *												
A2	8-	3+ e 10-	1+	11-	13-	11-	7+	11-	12-	3	7	Morte
A3	12+	5+	9+	6-	16-	1+	5+	12-	8-	5	4	Vida
A4	3-	7+	1+	5-	7+	9+	5+	4+	1+	7	2	Vida
A5	9+	10-	1+	-	-	4+	15-	2+	12-	4	5	Morte
A6	8-	8-	1+	5-	-	10-	1+	9+	8-	3	6	Morte
A7	10+	3+	1+	5-	-	4+	8+	3+	1+	7	2	Morte
A8	2-	1+	2+	11-	14-	1+	1+	6+	13	5	4	Vida
A9	3-	11-	2+	7-	2+	10-	11-	-	8-	2	7	Morte
A10	7-	10-	1+	10-	10-	11-	14-	-	1+	2	7	Morte
A11	1-	8-	2+	5-	16-	2+	7+	16-	12-	3	6	Morte

*Desestruturado (não é considerado)

Total da fração V/M do grupo A: 41/50

Conclusão: Predomínio do universo da morte

De acordo com Paula Carvalho (1992, p. 219), “as produções imaginárias são sistemas simbólicos e práticas simbólicas cuja motivação profunda é o fato de serem elaborações bio-psico-sócio-culturais que procuram enfrentar [...] a “angústia original”” que podem estar ligadas a um imaginário de vida ou de morte.

Ao realizar a leitura dos protocolos do grupo P e do grupo A, esses sugerem que não se trata de um imaginário de morte e de um imaginário de vida, mas de um imaginário de morte para o grupo de alunos e de um ideário de vida para o grupo de professores.

Nos protocolos do grupo A, percebemos mais a presença das vivências com os matizes inconscientes, portanto o “vetor imagens”, tratando-se fundamentalmente de uma imaginária, estando os alunos mais envolvidos com o processo de destravamento da criatividade via presentificação dos fatores inconscientes.

Essa configuração se relaciona com os dados encontrados na cultura patente. Em alguns pontos da entrevista, os participantes do grupo A dizem terem se inspirado em suas vidas pessoais para elaborar o desenho e a estória sobre o desenho, e isso fica evidente em suas palavras, durante a entrevista. Ao perguntarmos para uma aluna o que para ela seria violência ela responde: *É uma coisa terrível, odeio violência [...] até porque desde pequena meu pai batia na minha mãe, e minha mãe até já se separou [...]* (A2). Outra aluna quando a questionamos sobre como era a relação dela com as outras pessoas da escola, ela diz:

É boa (colegas), é boa também, eles me ajudam muito (coordenação/direção), [...] com o problema que eu tive com meu pai, minha mãe [...] conversando, porque nesse dia minha mãe tava passando perto de um bar, meu pai tava lá foi pra cima dela, ela se escondeu e levaram ela e a gente pro abrigo, por medida protetiva, só que faz umas duas semanas que tiraram a medida, mas não foi ela que pediu. (A5)

No próprio AT. 9 isso fica claro, ao escrever a estória do desenho, quando aquela aluna (A2) coloca no papel aquela que deveria ser uma de suas maiores angústias e como ela lida com essa angústia:

Essa história foi esse ano, foi dia 8 de março no dia da mulher. Eu tinha ido pro CEC e voltei feliz só que quando desci do ônibus eu tive uma ligação da minha Tia falando que eu tinha que ir para casa abrigo...tá você não entendeu nada. Meu pai batia na minha mãe desde que eu me lembre. Sempre me cortei para não descontar nas pessoas, eu desconto em mim. Fiquei no abrigo uma semana desde 8 até 15 de março. (A2)

Durante as semanas que se seguiram, nos corredores da escola, alguns alunos me abordavam e diziam “Dona, quando a gente vai falar daquelas coisas de novo? Foi muito bom!”. Isso mostra que os alunos se dedicaram a colocar no papel e em suas falas o real sentimento vivido, sendo assim o AT. 9 cumpre seu papel, despertando nos participantes desse grupo seu inconsciente e mostrando que esse imaginário de morte evidente tem por detrás um grito de socorro, um pedido de ajuda.

Já no grupo P que simboliza um imaginário de vida, demonstra na verdade uma “representação coletiva”, portanto de um ideário. Esse ideário envolve um “processo de racionalização” que encaminha para os “resíduos” (segundo Pareto, são complexos afetivos – representacionais que dão origem aos complexos culturais (Bachelard) e aos estereótipos (Dante Moreira Leite) que não desembocam na construção de uma teoria ou de um aparelho conceitual pedagógico, mas de uma ideo-lógica e mesmo ideologias).

Teríamos, assim, a presença de “ideologemas” (Julia Kristeva), ou seja, unidades semânticas que indicam uma elaboração conceitual, mas uma repetição obsessiva de estereótipos do discurso ideológico – pedagógico. Ele é construído de fora, inculcado pela ação pedagógica, como se fossem conceitos e teoria, quando na realidade traduzem um processo de sublimação repressiva. Isso explica o caráter “pragmático” e “programático”, “normativo”, por exemplo, nas muitas incidências de “utilidade”, “tempo de construir”, “tempo enviesado que não deu em nada”, na conceptualização de universais abstratos (pessoa, homem, humanidade, etc.).

Sendo assim, consideramos que os professores não se entregaram à tarefa criativa de elaborar um desenho e contar uma história talvez com receio de serem desvendados em seus mapas mentais, uma vez que “bloquearam” as imagens e se ativeram ao discurso ideológico-pedagógico, traduzindo um processo de sublimação repressiva.

Na verdade o que nos chamou atenção ao realizar a análise é que em alguns testes estruturados de forma positiva (no caso do grupo P) há a intromissão de um elemento negativo, de uma ameaça velada, que gera incerteza e insegurança. No protocolo P1 temos um micro universo místico integrado no qual todos os elementos contribuem para uma mensagem simbólica positiva, no entanto, um elemento negativo se imiscui sobre a história do desenho **“me preocupo muito com acidentes (tombos) e, principalmente, com carros”**.

Da mesma forma no protocolo P10 embora seja um supermístico estruturado de forma positiva, a ideia central foi a falta de amor: **“O sol chora, por ver tanta maldade e crueldade na Terra”** mas, há esperança com o surgimento de um novo sol. E no protocolo

P17 mesmo sendo um místico lúdico estruturado de forma positiva o ambiente pacífico da natureza pode ser ameaçado por algum perigo: **“Por trás de sua beleza existe um território hostil”**. Contudo, é preciso ressaltar que esses elementos não invalidam o teste, é claro, mas sugerem uma certa ambiguidade do sujeito o que nos pareceu muito sugestivo das situações vividas por eles seja na escola, seja na família, na sociedade.

Sendo assim, apesar de os protocolos demonstrarem a prevalência do Microuniverso Místico, com apenas uma forma negativa, e verificarmos no simbolismo um imaginário de vida, as vozes na entrevista demonstram uma presença importante do universo de angústia atrelado principalmente aos desafios enfrentados para desenvolverem seus trabalhos em suas vidas profissionais da carreira docente. Podemos conceituar essa conjectura quando olhamos para os dados do AT. 9 paralelo aos dados obtidos nas entrevistas, ou seja, quando olhamos para a relação entre patente e latente.

Em algumas falas durante a entrevista, isso fica claro:

*Eu sou muito exigente comigo mesma, eu tô sempre procurando coisa nova, diferente, tô sempre procurando ideia, já tive ocasiões de sair daqui e falar: “Minha nossa! **Tô me sentindo péssima** porque não tô conseguindo chegar naquele aluno” [...]. (P2)*

*Eu sempre me sinto devendo, a sensação que eu tenho é que **eu devia ter feito melhor, que eu devia ter me esforçado mais, eu devia ter conseguido**, eu devia ter pensado em outra forma, a minha sensação é essa de dívida, **infelizmente tenho tido até vontade de mudar de área, porque eu não sei mais como sair dessa dívida** [...] se eu não me importasse com tudo isso era fácil, mas na verdade eu me importo. Então, **tem sido um sofrimento**, porque tem coisas que vai além do que eu posso fazer, mas as que eu posso fazer eu gostaria de fazer mais e **eu não consigo**. (P1)*

*É um pouco complicado, assim, às vezes é bem complicado por várias coisas estruturais no dia a dia mesmo, de organização, **tem muitos problemas que ocorrem todos os dias ocorrem sempre, não são coisas pontuais e isso vai gerando um desgaste** tanto nos professores, no restante dos funcionários, quanto nos alunos, então falta funcionário, falta pessoas da equipe diretiva, às vezes para resolver um problema ou a ajudar a resolver um problema que acaba ficando bem maior do que deveria. (P4)*

*Tenho uma relação boa, com a equipe gestora eu tenho mais proximidade com o coordenador [...] com os outros tenho relacionamento padrão. [...] Com os alunos [...] o relacionamento com eles [...] **a gente tem uma situação em que se diz suportável**. [...]. (P6)*

Eu acho que eu sou quanto professor, [...] um professor comprometido, mas **um professor que em alguns momentos desanima e fica totalmente desanimado com o que faz, tem dias que realmente eu saio daqui achando que eu tenho que fazer outra coisa da vida**, procurar outra coisa para fazer que não é o que eu quero fazer [...]. (P7)

O que eu consigo ver é individualmente assim né, ontem eu briguei com aquele aluno demais, então agora **eu vou tentar ficar mais calma com esse aluno** [...], mas não é uma coisa que a gente consegue fazer todo dia e não consegue fazer sozinho, então como eu falei **acaba gerando um nervosismo** um estresse na equipe inteira, tem hora que você não consegue simplesmente ficar calma, porque você tá resolvendo tanto problema, teve dias de eu dar a minha aula e da atividade para outra sala para eles não ficarem sem fazer nada, porque as agentes educacionais não têm essa função, elas não passam nada, elas só ficam olhando eles para eles não ficarem desatendidos, assim sozinhos [...] e nesse dia era um dia que estava faltando um monte de gente, então eu e outros professores estávamos fazendo isso, então aquele aluno que eu já sei que vai me provocar eu já vou **chegar sem paciência com ele mesmo** que eu já na minha casa tenha decidido que eu teria mais calma, a hora que eu cheguei aqui e tinha que lidar com todos ao mesmo tempo, não teve como. [...] (P4)

Eu gosto, bastante [...]. É um pouco desgastante, porque são muitos enfrentamentos, indisciplina, apesar de que de uns 2, 3 anos para cá isso tem melhorado. [...] A gente tenta diálogo, conversa com um aluno, com a família tenta mostrar [...] outras formas de se resolver uma situação que às vezes não esteja agradando, **mas parece que é tão difícil, parece que vai além do nosso braço de onde nosso braço alcança**. (P8)

[...] o que me incomoda é que nesse espaço de você propor suas ideias, suas sugestões poucas são as pessoas que se apropriam disso, onde **eu vejo uma limitação**. Imagina, nós professores e professoras, se a gente tem essa dificuldade você como professora e sala de aula ou um outro espaço se você estimula essas pessoas a participarem ou não e aí eu fico meio que numa interrogação “Será que ela tá pensando em formar pessoas autônomas, que busquem a cidadania?”, porque você pega qualquer documento da educação fala da cidadania, da autonomia, mas se a própria intervenção não acontece nessa perspectiva se a gestão também não atua nessa perspectiva da participação, do escutar, do participar dos processos, então às vezes eu vejo esse distanciamento, porque exatamente acha que existe uma fórmula e aí eu vejo **também que a própria gestão do município fortalece essas barreiras, porque acaba querendo colocar tantas limitações** [...]. (P11)

*Olha, quando eu vim para cá eu vim com muito medo, porque a fama da escola era péssima, que era uma escola muito violenta, que era perigoso a gente apanhar dos alunos e quando eu vim pra cá eu percebi que as pessoas daqui são muito individualistas, não gostam de trocar informação, de certa forma te colocam até um pouco de medo e quando eu comecei eu vi que não era bem assim, mas também que não era fácil, você tem que ter muito jogo de cintura pra lidar tanto com os funcionários quanto com os alunos e hoje eu penso **que é muito mais difícil lidar com os funcionários do que com os alunos.**[...] (P13)*

As “estruturas da angústia” aparecem, segundo Badia (1994; p.33), “quando todos os semantismos são de morte ou quando aparece um tipo específico de monstro num tipo determinado de estrutura”, ao analisarmos os protocolos do grupo P, reiteramos por mais que apareça um imaginário de vida, quando nos debruçamos sobre as entrevistas, e vemos formas negativas voltadas para o fracasso, insatisfação, cansaço, entre outros, considerando que os participantes desse grupo não tenham realmente se dedicado ao teste. Já nas entrevistas, quando terminava, ouvimos os seguintes comentários: “Eu falei bastante, né?”; “Nossa! Não achei que conseguiria dizer tanta coisa”; “Desabafei!”. Na medida que eles iam relatando foi possível ver em muitos momentos o quanto essas questões apresentadas em suas falas no decorrer da entrevista o afetavam e até mesmo os atormentavam.

Ao entrarmos de forma objetiva na questão da violência, encontramos nesse ideário pedagógico, ainda na maior parte das falas, um senso comum em que a violência que acontece na escola seja um mero reflexo daquilo que acontece na rua e em casa, sem considerar que a própria escola não tenha uma estrutura violenta. Podemos ver exemplos nas seguintes falas:

*Aqui [...] no começo a gente achou que era a falta de identidade deles com a escola, mas isso já tem melhorado, mas a gente acha também que é uma coisa também de relação social, pessoal que **já vem fora da escola**, é uma coisa que eles vivem você conversa com eles e eles contam coisas absurdas que eles viveram **na rua, na casa**. Então, é uma coisa que faz parte do social, do grupo você traz aquilo que tá cheio, você tá cheio de violência, você tá cheio de agressão. (P1)*

*Eu acho que muito do que acontece aqui com os alunos é reflexo do que acontece **lá fora**. [...] (P5)*

*É o estilo de vida vem da **família**, eles veem, assisti na TV tudo quanto é lugar da mídia é a violência até mesmos nos desenhos animados já tem a violência tem uma força e eles se baseiam nisso e tem isso como parâmetro de vida. (P10)*

*Tudo! Falta de organização, a falta de acesso a **várias coisas dos familiares dos alunos, porque eles não vão dar o que eles não têm, eles vão dar o que eles têm.** Se eles não têm uma educação boa, se eles passam fome, se ele vive numa estrutura familiar de violência eles vão passar isso pros filhos e os filhos vão refletir. Em relação aos funcionários [...] eu acho que tem muito a ver também com a carga de gerações né a educação mudando o pensamento. [...]* (P13)

Outros participantes do grupo P citam também os contextos familiares, mas também responsabilizam outras instituições e contextos:

*Eles retratam o mesmo que em **casa** [...] o embate entre pai e mãe. [...] **Eu não sei se também não é uma coisa da escola, a escola é uma coisa extremamente rígida** né, e normalmente nessa idade você quer quebrar essa rigidez e quando se acaba sendo transgressor na maioria das vezes você acaba de alguma maneira gerando violência.* (P6)

*Eu acho que vários fatores [...]. Talvez **um pouco da idade, agir por impulsão**, talvez o que eles vivenciam lá fora, o exemplo que eles têm em **casa, na rua.*** (P8)

*Bom, eu acho que tudo acaba influenciando, como eu disse a **falta de condições de trabalho adequadas** [...], a questão da valorização acaba influenciando também na sua prática, mas o que mais me incomoda é a falta de respeito e a maneira como alguns alunos se dirigem [...], eu acho que **é uma prática incorporada pela sociedade**, a nossa sociedade acaba não sendo uma sociedade que valoriza o professor, [...] na casa deles a situação se coloca dessa forma e vai refletir aqui na escola, [...] porque ele acha que é a única maneira que pode ser tratado.* (P7)

*A **forma que a escola é organizada, como a educação está estruturada, o aluno não tem espaço para ele se expressar, o profissional não tá preparado**, porque a gente não recebe uma preparação adequada na graduação e não sabe lidar com diversas situações, [...] então não existe o preparo, a compreensão, a empatia ao aluno [...] porque aluno tem raiva [...] lógico que eles têm raiva, **os pais deles muitas vezes espanca a mãe dentro de casa** [...].* (P14)

*Eu acho assim, um pouco é o dia a dia deles na família, a família fala muito alto, muitos palavrões, na rua em muitos lugares, então eles chegam na escola, eles reproduzem esse tom de falar extremamente alto, [...] porque não têm esse hábito mesmo de falar baixo em casa, resolve tudo muito gritando e também porque eles reproduzem mesmo esses palavrões o irmão fala assim, pai, criança na rua e eles também, como todos falam assim eles também falam [...]. Outro motivo que eu acho que eles se tratam assim é **um pouco de revolta mesmo**, porque muitos ficam morrendo de fome, eles chegam falando “Que horas que é o recreio, que horas que é o recreio?!” eu falo “Vai demorar, mas você não comeu nada em casa? Não tomou leite comeu um pedacinho de pão?” e eles falam “Não professora, eu não comi nada” eles falam que a mãe trabalha, ou tá dormindo, ou não liga mesmo, [...] então é **fome, é revolta, falta de material básico para vir para a escola [...], muitos problemas na família pai preso, pai e mãe que bebe são vários problemas e lógico que eles ficam com aquilo na cabeça [...], muitos problemas, eles são crianças, então é um dia a dia que não era pra eles estarem vivendo [...].** (P9)*

No grupo A, formado pelos alunos, as respostas são bem diferentes, eles não citam a família, nem a rua, todos se referem à violência escolar como coisa boba e que estão atreladas às relações que eles travam no cotidiano dentro da escola. Seguindo esse mesmo pensamento uma única participante do grupo P centra a questão da violência escolar na própria escola, colocando que essa por si só já é violenta.

***O que causa violência na escola? A escola!** A estrutura escolar, a concepção disso aqui [...] está na dificuldade de lidar com aquilo que é diferente, a diferença. Então, não dá pra combater a violência sendo violento, então não dá pra eu mandar o aluno parar de gritar, gritando com ele, não dá pra eu falar pro aluno que ele tem que ficar na sala suspendendo ele, porque ele não quer ficar na sala [...].* (P19)

Pensando nisso e em nosso objetivo principal que não busca determinar culpados e vítimas, quantificar e caracterizar a violência, como podemos pensar formas de gerir a anomia presente dentro da instituição escolar, lidando com essa violência?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-las para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. (Rubem Alves, 2001)

Nossa busca esteve, desde o início, em dar escuta aos principais atores dentro da escola, alunos, gestores, professores e demais funcionários, uma vez que são esses que vivenciam o cotidiano escolar e sendo assim fora os principais a serem ouvidos sobre o fenômeno da violência que está presente na escola: o que pensam sobre ela, como a experienciam e como lidam com ela.

Desde a ampliação da escola investigada e assim dos problemas que surgiram em relação à violência e indisciplina na escola, o corpo docente, os gestores e os agentes escolares já vêm trabalhando com formas para lidar com a violência que não seja fazendo uso dela mesma. (APÊNDICE I)

Conseguimos ver, durante os dias que estivemos na escola e através das entrevistas, que nos últimos anos esse trabalho tem ganhado novas forças por meio de um caráter menos punitivo e mais compreensivo. Quando os questionamos sobre como poderíamos lidar com a violência na escola, essa mudança de pensamento fica clara em algumas das falas do grupo P:

Acho que a gente precisa encontrar vias de ação que não seja pela violência também [...]. Então, não dá pra combater a violência sendo violento, então não dá pra eu mandar o aluno parar de gritar, gritando com ele [...]. (P19)

Nós temos professores aqui muito comprometidos com essa questão da comunidade, uma coisa que a gente levanta sempre que foi colocado desde o começo do ano e eu acho muito importante é a questão da comunidade abraçar a escola se sentir pertencente à escola, eu acho que isso ainda não acontece, mas vem melhorando [...]. (P7)

O grupo P sugere ainda formas de lidar com a violência escolar que esteja ligada principalmente a aproximação da família e da comunidade local da escola, para que percebam que eles fazem parte da escola, que são eles que formam essa instituição.

Já outros profissionais colocam que a própria equipe escolar precisa se comprometer com a instituição em que trabalha. Na verdade, essas duas ações poderiam acontecer de forma conjunta, em que não delegamos culpa a nenhuma das duas instituições: família e escola, em que cada qual toma para si seu papel e sua responsabilidade, que atuem de forma atrelada, como sugere esse professor:

Eu acho que a partir do momento que a escola passa a ser parte da comunidade, a comunidade passa a ver a escola como algo importante [...]. A comunidade vai ver as pessoas que trabalham aqui de outra forma [...], porque o que eu tenho é que os alunos nos veem como inimigos e não é isso [...], principalmente numa escola periférica como a gente que é num bairro que na verdade as únicas ferramentas do Estado que a gente tem é a escola e o posto de saúde [...]. Eu acho importante que a escola faça parte da comunidade, que a comunidade comece a ver a escola e a gente tem pais que são participativos também e pelo que eu ouço falar melhorou bastante dos últimos anos para cá, mas ainda há algo que a gente tem que enfrentar e é uma luta diária. (P7)

Tais mudanças podem acontecer, mas não sem um trabalho intenso e contínuo e também sem enfrentar obstáculos. Uma das professoras coloca que tentou começar algo nesse sentido, ela explica:

Eu já até propus, pra Secretaria de Educação [...], dois anos atrás eu fiz um levantamento aqui na escola [...] eu tava trabalhando com direitos humanos e eu pedi para eles relatarem pra mim um caso e eu vi que mais 80% relatou violência doméstica [...] e eu cheguei a propor para a Secretaria da Educação em 2015, 2016, ano passado de novo, esse ano de novo pra gente fazer um trabalho contínuo, não só falar pontualmente quando acontece alguma coisa fazer um trabalho longo não só com os alunos, mas também com as famílias [...], mas não houve adesão por meio da prefeitura. (P15)

Outros participantes apontam para parcerias que são realizadas junto a outros profissionais, em que planos de ação sejam criados para lidar com os vários tipos de violência que ali perpassam. Esse é recurso que a escola pode e deve usar, não para se isentar de sua função de escolarização, mas para melhorá-la.

Procurar ajuda de outros profissionais, assistente social, conselho tutelar, psicólogo, saber o que está acontecendo com essa criança. [...] Eu acho que a gente não consegue sanar totalmente, porque em casa eles sofrem muitos tipos de abuso e de violência e acaba sendo refletido isso na escola [...]. A gente tem o abandono, a gente tem a mãe que não tá nem aí, que não dá comida, [...] não lava roupa, que faz o filho dormir no chão, a mãe que some 2, 3 dias [...]. A gente tem de tudo! A gente já ouviu várias histórias aí ao longo... E isso tudo traz para a escola [...]. Tudo acaba caindo na escola. (P2)

A gente foi conversando, foi encaminhando, porque eles têm muitos problemas sociais, muitos problemas familiares, eu atendi uma infinidade de pais esse ano [...]. Eu tenho me apoiado em conversas, eles têm muita a cultura da violência física em casa, então conversar com os pais que, se já bateu até agora e não adiantou nada, então vamos tentar outros caminhos, eu indico muito o atendimento de psicologia da Unip, porque é de graça [...] elas vieram aqui, inclusive conversar com a gente sobre um aluno nosso e tem apresentado uma melhora maravilhosa depois que começou a ser atendido lá. Eles são crianças, eles não sabem como lidar, eles não têm vocabulário para se expressar, eles acabam se expressando do sujeito que aprenderam. Então, eu acho que faz parte da nossa profissão educar nesse sentido também até as famílias e falar “Olha você bateu 13 anos na pessoa melhorou?”, então tá na hora de procurar outros caminhos, porque não tá melhorando, tá piorando, porque eles vão reproduzir esse comportamento aqui. Alguns a gente já consegue outros não, porque eles ainda têm bastante resistência com atendimento psicológico ou porque é longe, [...] mas deu uma melhorada. (P4)

Primeiro precisava ter uma rede de psicólogo aqui [...], que fizesse um trabalho com eles, porque a gente não consegue ajudar, tem vários casos de alunos que sofrem [...]. (P14)

Eu vejo que a escola ainda não pensa numa estratégia pro seu Projeto Pedagógico, uma ação que tenha continuidade, uma ação em que as disciplinas entendam um ponto comum para ser abordado em sala de aula independente de disciplina, várias ações foram tomadas em parceria com o conselho (tutelar) em parceria com a promotoria, [...] mas eu não vejo uma continuidade. (P11)

Os que integram o grupo A centram suas opiniões em extremos: ou diálogo ou punições frente aos atos infracionais. Os participantes do grupo A com suas opiniões dualistas, ou isso ou aquilo, ou se abre para o diálogo ou vão para o caminho da punição, indicam que caso não seja possível o diálogo a solução é a punição.

Esse caráter punitivo e de violência retrata muito do que prevalece nos protocolos: formas negativas através de um simbolismo que retrata um Imaginário de Morte, em que o medo, a violência, a derrota, o mal e a insegurança estão muito presentes.

Apesar das formas de enfrentamento apresentadas e de algumas mudanças que podem já serem vistas na instituição, as falas do grupo P ainda são carregadas de insatisfação, desmotivação, sem perspectiva de reais mudanças.

Tais sentimentos incidem no imaginário encontrado através do AT. 9, com a prevalência do Microuniverso Místico vemos que há uma procura de refúgio, de um lugar harmônico, de paz, conforto e até mesmo fuga diante do vivido. E o imaginário de vida que encontramos no grupo P demonstra realmente isso, cria-se um ambiente harmonioso para que não tenha que lidar com a morte, com o perigo, com o medo e com a violência.

Então, concordando que as produções imaginárias têm por função enfrentar a “angústia original”, podemos concluir que tanto o grupo P, quanto o grupo A, estão, cada um a seu modo, tendo dificuldades para **enfrentar** a angústia original e a violência real ou imaginária vivida seja na escola, seja no ambiente doméstico (no caso dos alunos).

Há dessa forma, a presença de uma impotência generalizada que faz com que, no caso dos professores, as imagens sejam reprimidas se configurando como sombra e, no caso dos alunos, aflorem imagens de insegurança e medo, um resultado que demonstra e esclarece nosso objetivo principal de quais seriam as mediações simbólicas com as quais seus sujeitos teceram suas redes de leitura acerca da violência.

Vemos assim, uma instituição formada por grupos extremamente diferentes, na questão socioeconômica, nos pensamentos, opiniões e no imaginário encontrado, pensando nisso como podemos estabelecer uma relação harmoniosa e de respeito entre esses grupos que estão dia a dia no mesmo ambiente? Como pode haver algum tipo de identificação entre eles?

Principalmente através do diálogo. As pessoas que formam e convivem na instituição escolar precisam se conhecer, conversar, discutir, ter espaço para colocar suas opiniões, serem ouvidas e levadas em consideração. Essa seria uma forma tanto de lidar com a questão da violência como estabelecer boas relações de uma forma geral.

Nesse sentido, quando perguntamos para o grupo P o que precisaria ser melhorado na escola, mais da metade do grupo P falou sobre a comunicação, diálogo e respeito nas relações pessoais:

Participação maior da comunidade dos alunos em relação à escola e também por parte nossa [...]. Eu acredito que um comprometimento maior tanto dos professores como dos alunos, acho que com uma ideia da integração maior talvez na escola, eu acho que isso daí depois daria bastante resultado em várias outras pequenas coisas. (P6)

Acho que a primeira coisa era as pessoas estarem comprometidas com o que estão fazendo, todo mundo os adultos e as crianças também. Se comprometer, acho que isso já resolve 50% e depois aprender a lidar com essas diferenças. (P19)

Nós temos professores que não têm comunicação com outros professores e muito menos com alunos e nós temos um mal que é engolido, que a gente acaba engolindo na força que é uma comunicação entre apenas a direção e que o professor acaba sendo deixado de lado ou acaba sendo comunicado em cima da hora [...] e reflete em tudo, em cima da sua rotina de trabalho. (P5)

Essas relações pessoais, [...] principalmente entre os funcionários e desses funcionários com a gestão eu acho que esse seria um ponto central, porque a partir daí você começa a ter a possibilidade de outras coisas. Se você tem uma equipe que dialoga [...] consequentemente você vai poder pensar em práticas que possam atrair essa comunidade, o que acontece é que às vezes acabam não tendo muita vontade de fazer certas coisas também e eu entendo, porque você vê que a coisa não caminha do jeito que deveria caminhar [...]. Então, é questão de tentar que sua voz seja ouvida [...], mas que ela seja uma voz respeitada sempre, mesmo que seja uma opinião contrária. Eu acho que essa questão seria principal, se isso for revisto e aí a coisa começa a caminhar melhor, porque o a gente sabe o que fazer e faz, o professor sabe o que fazer e faz, o porteiro sabe o que fazer e faz, o que acontece é que a gente não faz, porque não acha que é função do professor, o agente não faz, porque não acha que é função dele e a gestão que deveria equalizar isso tudo “tira o corpo fora”, então acaba-se criando uma situação de desgaste entre os funcionários que é desnecessária, então acho que esse seria o ponto principal para você pensar em outras alternativas.(P7)

Acho que as pessoas se respeitarem mais [...]. Apesar da gente se relacionar bem, ainda falta muita coisa de “isso aqui é minha parte, isso aqui eu não vou fazer”, “isso aqui eu não vou te ajudar, porque não é minha função” [...]. Mas tem um núcleo de professores que levam meio que nas costas, [...] esses professores são os que sustentam as coisas aqui. (P20)

Outros participantes citam, também, a necessidade de uma melhor formação dos profissionais, maior organização em todos os setores da escola, realização de atividades extracurriculares com a presença dos pais e comunidade (palestras, cursos, jogos...) e a qualidade do ensino que acaba sendo uma consequência, como formas de melhorias para a instituição.

Do mesmo modo, para o grupo A, a questão está intrínseca às pessoas e às relações que elas travam naquele local, citam também a falta de organização na escola, a falta de professores e colocam que momentos extracurriculares e de lazer poderiam melhorar o ambiente.

Com isso, antes a escola precisa olhar, e quando falamos escola, falamos sobre todos aqueles que a compõem, olhar e voltar-se para si própria, o que pode fazer, que ferramentas

ela própria possui e pode usar, para que as escolas sejam asas e não gaiolas. Como ouvimos de uma professora, *o mais difícil é a gente parar e se perceber como parte dessa violência, porque a gente está dentro dela e faz com que ela gire...* Para ela... *A maioria das pessoas tem problema em assumir que está sendo violento, ela completa: essa violência que acontece aqui dentro é reponsabilidade nossa, não são somente os alunos que são violentos, nós também somos violentos se a gente está em um ambiente que a violência acontece é porque a gente de alguma forma tem responsabilidade sobre isso.* (P19)

Fazemos referência novamente a Rubem Alves (2001),

Violento, o pássaro que luta contra os arames da gaiola? Ou violenta será a imóvel gaiola que o prende? Violentos, os adolescentes de periferia? Ou serão as escolas que são violentas? As escolas serão gaiolas? [...] Pobres professoras, também engaioladas... São obrigadas a ensinar o que os programas mandam. [...] As estatísticas oficiais anunciam o aumento das escolas e o aumento dos alunos matriculados. Esses dados não me dizem nada. Não me dizem se são gaiolas ou asas. Mas eu sei que há professores que amam o voo dos seus alunos. Há esperança...

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Gaiolas e asas**. Opinião/Folha de S.Paulo, 5 de dezembro de 2001.
- ARRUDA, M. R. M. F. **Culturanálise de grupos m uma escola pública: ressignificando as culturas patente, latente e o espaço escolar** – além do texto e aquém do tecido, 2013, Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em educação escolar – UNESP Campus de Araraquara.
- BADIA, D. D.; PAULA CARVALHO, J. C. A escola de Grenoble e a culturanálise de grupos. São Paulo: Cultura Acadêmica , 2010.
- BADIA, D. D. **Estruturas do imaginário e universos míticos**. Revista de Educação Pública, Cuiabá, v.3, n. 4, p. 20-38, jul. – dez. 1994.
- _____. **Imaginário e ação cultural**: as contribuições de G. Durand e da Escola de Grenoble. Londrina: Ed. da UEL, 1999.
- BATAILLE, G. **A parte maldita** - Precedida de A noção de dispêndio. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº8, jul/dez, 2002, p. 432-443.
- CHAVES, I. E. M. B. **Vestida de azul e branco manda a tradição: um estudo sócioantropológico de uma escola normal na cidade do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado). São Paulo, SP: USP, 1998.
- DADOUN, R. **A violência**: ensaio acerca do “homo violens”. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- DUBORGEL, B. **Imaginário e Pedagogia**. Lisboa, Instituto Piaget, 1995.
- DURAND, G. **O imaginário**: ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro, Difel, 1998.
- _____. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DURAND, Y. **L’ exploration de l’ imaginaire: introduction à la modélisation des univers mythiques**. Paris. L’ espace bleu. 1998.
- ESTRADA, A. A. **Culturanálise de uma etno-escola (Escola Armênia ou Externato José Bonifácio-SP 1996/1998): um estudo de antropologia das organizações educativas**. Dissertação (Mestrado). São Paulo, SP: USP, 2000.
- FERNANDEZ, R. M. R. A. **Do Imaginário da Libido/Destrudo: as imagens da violência e as imagens da solidariedade na cultura latente de um grupo de adolescentes do Serviço**

de qualificação profissional Centro de Acolhida Anna Lapini. Dissertação (Mestrado). São Paulo, FEUSP, 2005.

GIRARD, R. **A violência e o sagrado.** São Paulo: Paz e Terra: Ed. da UNESP, 1990.

GUIMARÃES, Á. M. **Escola e violência: Relações entre vigilância, punição e depredação escolar.** Campinas; 1984. 183p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da PUC de Campinas.

_____. **A depredação escolar e a dinâmica da violência.** Campinas; 1990. 471 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da UNCAMP.

_____. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade.** Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. O imaginário da violência e a escola. In PORTO, M. R. S.; TEIXEIRA, M. C. S. (org.) **Imaginário do Medo e Cultura da violência na escola.** Niterói: Intertexto, 2004.

LEFEVRE, F. & LEFEVRE, M. A. **Pesquisa de Representação social: um enfoque qualiquantitativo.** Série pesquisa em educação – Brasília: Liber Livro Editora. Brasília – DF, 2012.

LAHUD, A. M. de. **Imagens da vida e da morte: vetores culturanalíticos de um grupo de idosos e pistas para a criação de um espaço cultural.** Tese (Doutorado). São Paulo, SP: USP, 1993.

LORENZ, K. **A agressão.** Uma história natural do mal. Lisboa, Moraes Editores, 2001.

MAFFESOLI, M. **A sombra de Dionísio: Contribuição a uma sociologia da orgia.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

_____. **Dinâmica da Violência.** São Paulo: Vértice, 1987.

_____. **A violência totalitária: Ensaio de antropologia política.** Porto Alegre, editora Sulina, 2001.

MARCUSE, H. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud.** Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MORIN, E. **O Enigma do Homem.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

PAULA CARVALHO, J. C. **Antropologia das organizações e educação: um ensaio holonômico.** Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. **A culturálise de grupos: posições teóricas e heurísticas em educação fática e ação cultural.** Tese (titulação). São Paulo, SP: USP, 1991.

_____. **Da arquetipologia do imaginário à sua formulação experimental através do at. 9: sete estudos para aplicação à culturanálise de grupos AT.9.** 1992 (mimeo)

_____. **A culturanálise de grupos: teorias heurísticas em educação fática.** São Paulo: FEUSP, 2000.

POLI, A. P. **Violência, imaginário e educação escolar: um olhar antropológico.** 2014. Dissertação (Mestrado) – UNESP/FCLAr.

PORTO, M. do R. S.; TEIXEIRA, M. C. S. **Violência, insegurança e imaginário do medo.** Cad. CEDES [online]. 1998, vol.19, n.47, pp.51-66.

_____. **Gestão da escola: Novas perspectivas.** In: PINTO, Fátima Cunha F.; FELDMANN, Maria G.; CASSIANO, Rinalva Silva (orgs.). **Administração Escolar e Política da Educação.** Piracicaba: UNIMEP, 1997. p. 217 - 229. ROCHA, PITTA, D. P. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand.** Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005

SPOSITO, M. P. A instituição escolar e a violência. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, SP, n.104, p. 58-75, 1998.

SPOSITO, M. P. **Um breve balanço da pesquisa sobre a violência escolar no Brasil.** In educação e Pesquisa. Revista da Faculdade de educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, v.27, n° 1, p. 87-103, jan/jun. 2001.

TEIXEIRA, M. C. S. **A contribuição da culturanálise de grupos para o estudo das culturas escolares.** Campinas, SP: Autores associados, 2005.

_____. **Pedagogia do imaginário e função imaginante: redefinindo o sentido da educação. Olhar de professor.** Ponta Grossa, v. 9, n. 2, p. 215-227, 2006.

Anexos

Anexo A – Protocolo do AT-9 (Arquetípico teste de nove elementos)

Data: ____/____/____

Número do protocolo: ____ Idade: ____ Sexo: ____

Na folha seguinte pedimos que você faça um desenho, com os seguintes elementos: Queda; Espada; Refúgio; Monstro; Cíclico; Personagem; Água; Animal; Fogo. Use sua imaginação, faça como puder.

Anexo B – História do desenho.

Anexo C – Questionário AT. 9

- a) Qual a ideia central da sua produção?
- b) Para elaborar sua produção você se inspirou ou lembrou-se de algo? O quê?
- c) Fale de um ou mais elementos que você considera importante.
- d) Existe algum elemento que você não queria ter colocado. Justifique.
- e) Como termina a cena que você imaginou?
- f) Se você fosse participar da cena, quem você seria? O que você faria?

Anexo D - Quadro

Agora explique:

Na coluna A, que desenho você fez para representar cada elemento.

Na coluna B, o papel de cada elemento, a função de cada um.

Na coluna C, o que cada elemento significa para você.

Elemento	A. Representado por	B. Papel/ Função	C. Simbolizado
Queda			
Espada			
Refúgio			
Monstro			
Cíclico			
Personagem			
Água			
Animal			
Fogo			

Anexo E – Codificação dos simbolismos dos elementos

SIMBOLISMO DA QUEDA		SIMBOLISMO DA ESPADA	
SÍMBOLOS (MORTE)	CÓD.	SÍMBOLOS (VIDA)	CÓD.
A fraqueza, o medo	1	A força, a defesa, a vitória	1
O obstáculo	2	Os valores (a justiça, a coragem)	2
A morte	3	A proteção	3
O tempo (negativo): o nada, o destino.	4	O tempo (passado “positivo”, lembrança	4
A violência	5	A utilidade	5
A cultura nefasta.	6	A vida	6
O mal, a decadência, os vícios	7	A calma	7
O perigo	8		
SÍMBOLOS (VIDA)	CÓD.	SÍMBOLOS (MORTE)	CÓD.
A força	9	A violência, o poder (negativo)	8
A natureza	10	A morte	9
A vida	11	A angústia, o perigo, a fraqueza	10
Valores (pureza, frescor, beleza)	12	O mal, a injustiça	11
A calma, a tranquilidade	13	O tempo passado (negativo)	12
A utilidade	14		
O tempo (positivo): renovação	15		
A segurança, a proteção	16		
Omissões.	17	Omissões.	13
Diversos.	18	Diversos.	14

SIMBOLISMO DO REFÚGIO		
“SCHEMES” SÍMBOLICOS DIRETIVOS	SÍMBOLOS CORRELATOS	CÓD.
1. Símbolos de proteção	Segurança-abrigo-proteção-força-luta-defesa	1
2. Símbolos de vida pacífica (aspecto material existencial dominante)	Felicidade-lar-reposo-paz-bem – estar-calma-equilíbrio-conforto	2
3. Símbolos de lugares privilegiados a serem atingidos	Alvo a atingir-esperança-chance-refúgio ideal-recompensa	3
4. Símbolos de distanciamento, retiro, isolamento	Retiro-solidão-ensinamento-asilo da mãe-contemplação	4
5. Símbolos de vida (aspecto espiritual dominante)	Prece-recolhimento-afeição-amor	5
6. Símbolos de temos, de medo, de morte	Incerteza-angústia-morte-agonia-fraqueza-“falta de ar”- trevas-mal-pecado-medo	6
7. Símbolos alegóricos do tempo	Passado-futuro-mistério-história-eternidade-destino	7
8. Símbolos da separação	Inacessibilidade-interdito	8
9. Símbolos significando o progresso	Inteligência-civilização-perfeição-organização-progresso	9
10. Símbolos de fuga	Fuga-evasão	10
11. Diversos		11

Continua

SIMBOLISMO DO MONSTRO		SIMBOLISMO DO ELEMENTO CÍCLICO	
SÍMBOLOS (VIDA)	CÓD.	SÍMBOLOS (VIDA)	CÓD.
A natureza (o mundo animal)	1	Vida	1
A utilidade (o jogo, a força, de que o homem precisa)	2	Força	2
Estética (beleza, lenda)	3	Segurança, proteção	3
Conhecimento	4	Calma, amizade	4
		Natureza	5
		Utilidade	6
		Valores	7
		Tempo	8
SÍMBOLOS (MORTE)	CÓD.	SÍMBOLOS (MORTE)	CÓD.
A angústia, o medo, o horror	5	Morte, destruição	9
A violência	6	Violência	10
O mal	7	Perigo	11
O perigo	8	Angústia, medo	12
O tempo (negativo): antigas lutas, o nada, o absurdo, o inconsciente	9	Cultura nefasta	13
A cultura negativa, a sociedade moderna, a poluição	10	Obstáculos, interdições	14
O obstáculo	11	Mal	15
A morte, a destruição	12	Tempo (negativo), nada	16
Omissões	13	Omissões	17
Diversos	14	Diversos	18

SIMBOLISMO DO PERSONAGEM		SIMBOLISMO DA ÁGUA	
SÍMBOLOS (MORTE)	CÓD.	SÍMBOLOS (VIDA)	CÓD.
A fraqueza, o medo	1	A força, a defesa, a vitória	1
O obstáculo	2	Os valores (a justiça, a coragem)	2
A morte	3	A proteção	3
O tempo (negativo): o nada, o destino.	4	O tempo (passado “positivo”, lembrança)	4
A violência	5	A utilidade	5
A cultura nefasta.	6	A vida	6
O mal, a decadência, os vícios	7	A calma	7
O perigo	8		
SÍMBOLOS (VIDA)	CÓD.	SÍMBOLOS (MORTE)	CÓD.
A força	9	A violência, o poder (negativo)	8
A natureza	10	A morte	9
A vida	11	A angústia, o perigo, a fraqueza	10
Valores (pureza, frescor, beleza)	12	O mal, a injustiça	11
A calma, a tranquilidade	13	O tempo passado (negativo)	12
A utilidade	14		
O tempo (positivo): renovação	15		
A segurança, a proteção	16		
Omissões.	17	Omissões.	13
Diversos.	18	Diversos.	14

Continua

SIMBOLISMO DO ANIMAL		SIMBOLISMO DO FOGO	
SÍMBOLOS (VIDA)	CÓD.	SÍMBOLOS (VIDA)	CÓD.
Vida	1	A calma: bem estar, calor (do lar), encontro, conforto	1
Força	2	A vida	2
Segurança	3	Os valores: progresso, purificação, criatividade do homem, a paixão	3
Amizade (fidelidade)	4	A força; força positiva, arma defensiva	4
Natureza	5	A utilidade, o aquecimento, a necessidade, o acolhimento, a força conquistada	5
Utilidade	6	A segurança, a proteção	6
Valores (liberdade)	7	O tempo, o início do progresso, a esperança, a expectativa, o mistério	7
Tempo > 0	8		
Diversos	9		
Omissões	10		
SÍMBOLOS (MORTE)	CÓD.	SÍMBOLOS (MORTE)	CÓD.
Morte	11	A morte, a destruição	8
Violência	12	A violência, o poder negativo	9
Perigo	13	O mal	10
Angústia	14	O perigo	11
Natureza < 0	15	A angústia, o medo	12
Obstáculos	16	Os obstáculos	13
Mal	17	Cultura nefasta (poluição)	14
Tempo < 0	18	O tempo negativo	15
		Omissões	16
		Diversos	17

ANEXO F – Quadro de Tabulação e Codificação dos simbolismos heroicos

CÓDIGOS	SIMBOLISMOS HEROICOS
Cód. 2a	Vida – fonte da vida
Cód. 2b	Energia – força – poder – potência – proteção – conquista da natureza – domesticação – tornar amigo – ajuda – prevenção – apoio – impulso – vigor – sustentáculo – utilidade – estímulo - vigor
Cód. 2c	Combate – luta – ação – ataque – desafio – corre-corre – renovação – busca
Cód. 2d	Coragem – bravura – valentia – audácia
Cód. 2e	Vontade – força de – tenacidade – vitória sobre si – domínio - esforço
Cód. 2f	Salvação – triunfo – acerto – queda do mal – herói – solução – protagonista – preservação - benefício
Cód. 2g	Defesa – preocupação – vigilância – cuidados
Cód. 2h	Luz – inteligência – consciência – razão – reflexão – clareza – sabedoria – personalidade – nacionalidade – sensibilidade
Cód. 2i	Virtude – ingenuidade – pureza – justiça – bem – verdade – humildade – limpeza – inocência – afastamento – purificação – sinceridade

ANEXO G – Quadro de Tabulação e Codificação dos simbolismos místicos

CÓDIGOS	SIMBOLISMOS MÍSTICOS
Cód. 3a	Confiança – tranquilidade – segurança – equilíbrio – quietude – calma – repouso – intimidade – abrigo – lar – refúgio - conforto – proteção – descanso – bem-estar – serenidade – acolhimento – amparo – esconderijo – aconchego – continuidade – humanidade – verdade - aspiração
Cód. 3b	Natureza – elementos naturais (calor do sol, ar, etc.)
Cód. 3c	Humor – divertimento – alegria – felicidade – diversão – prazer – passeio – alívio – relaxamento – saúde – bondade – descontração – lazer – descanso – recreação – vida apaziguada
Cód. 3d	Necessidade – alimento – sobrevivência – abundância – nutrição - bebida
Cód. 3e	União – companheiro – fidelidade – amizade – afeto – afeição – carinho – compreensão – solidariedade – estima – ternura – saudade – convívio – lealdade – amizade – dom – dádiva - alma
Cód. 3f	Amor – presença – outros – mundo – utilidade das coisas – mulher – abrigo
Cód. 3g	Harmonia – beleza – paz – esperança – perfeição - arte

ANEXO H – Quadro de Tabulação e Codificação dos simbolismos sintéticos

CÓDIGOS	SIMBOLISMOS SINTÉTICOS
Cód. 4a	Origem – criatividade – criação – nascimento – sorte – a mãe – tempo passado – primitivos – criança – tradição - existência
Cód. 4b	Roda – finalidade – aventura – chance – esperança – sorte – fertilidade – virilidade – fecundidade – família – progresso – vegetação – perfeição – o ser – homem – pessoa – centro – principal – cidade – sociedade – ir além de si mesmo – eu – olhar dentro de si – nascimento – animal – realidade – humanidade – fauna
Cód. 4c	Retorno – reprodução – tempo – desenvolvimento – vida – transformação – produção – evolução – crescimento – descendência – renovação – progressão – mudança – construção – alteração – aumento – futuro
Cód. 4d	Eternidade – infinito – Deus – mistério – magia – fé – redenção – paraíso – mito – ocultas – ficção – profundidade – passagem – saúde
Cód. 4e	Liberdade – evasão – sonho – fantasia – imaginação - divagação
Cód. 4f	Ambiguidade, ambivalência
Cód. 4g	Polaridades – polarizações

ANEXO I – Quadro de Tabulação e Codificação dos simbolismos da angústia

CÓDIGOS	SIMBOLISMOS DA ANGÚSTIA
Cód. 1a	Desconhecido – irracionalidade – inconsciente – noite – abuso – caos – alienação – imprevisível - acaso – erros – trevas – inferno – insegurança – ocultação – incerteza – distração - desolação - alheamento
Cód. 1b	Morte – tempo negativo – dor – crime – perda - nada
Cód. 1c	Injustiça – mal – feiura – repulsa – arrogância - impunidade
Cód. 1d	Angústia – mágoa – temor – medo – pânico – susto – crise – ameaça – dificuldade – pressão – obstáculos – decepção – insucesso – derrota – indecisão – fraqueza – declínio – acidental – fragilidade – queda – decadência – ridículo – timidez – desequilíbrio – dependência – impotência – vítima – miséria – perigo – fuga – perseguição – aflição – humilhação – inconsequência – tristeza – decepção - tortura – crescimento – ironia - existência
Cód. 1e	Fim do mundo – inutilidade - desespero
Cód. 1f	Natureza – hostil – poluição – isolamento – solidão – covardia – devastação – catástrofe – opressão – destruição – maldade – repressão – traição – desconfiança – falsidade – monotonia – tédio – crueldade – pavor – horror do monstro – ferocidade – violência – cilada – guerra – desamor – desarmonia – devastação – agitação – frenesi – insensibilidade – ensinamento – cisma – vida nefasta ou hostil
Cód. 1g	Vingança – agressividade – castigo – punição – cólera – ofensa – ameaça – brutalidade – violência – vítima
Cód. 1h	Temor sobrenatural – pecado – mágica – Deus – força negativa – existência do mal – destino
Cód. 1i	Diversos – limites – dominação - poder

APÊNDICES

**Apêndice A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE) –
(Professores, gestores e demais funcionários)**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “*Uma abordagem da violência escolar na perspectiva de uma culturálise de grupos*”. Elaboraremos uma culturálise de grupos da violência escolar, mapeando a cultura latente e patente da estrutura escolar e dos agentes ali presentes, na intenção de captar as imagens da violência *da/na/à* escola que constituem suas práticas simbólicas e dão formas ao imaginário do grupo.

Iremos investigar a violência escolar sob as vias de um olhar antropológico e compreensivo, a partir de um estudo etnográfico, através de observações e anotações em diário de campo, dentro da escola investigada. Além disso, a pesquisa prevê uma intervenção problemática caso o grupo investigado assim o desejar.

Sua colaboração nessa pesquisa será na concessão de um questionário para análise da cultura patente da escola a fim de mostrar o perfil dos membros da cultura escolar investigada que é extremamente significativo nessa pesquisa

Quanto à cultura latente, iremos utilizar o Arquetípico de Nove elementos (AT-9) que você participará através de um teste acompanhado de um questionário para buscarmos as representações, os símbolos, as imagens - o imaginário - que os professores e alunos trazem da violência e mais precisamente da violência escolar em suas manifestações e significados.

Para finalizar a coleta de dados será feita com você uma entrevista semiestruturada cujo objetivo é obter informações sobre o que pensa/conhece sobre o fenômeno da violência e da violência escolar. Tais dados serão extremamente importantes para pensar a violência dentro dos espaços escolares analisando seus impactos e possibilidades para lidar com o fenômeno.

Caso aceite, a entrevista será gravada. Em caso de suspensão do uso do gravador e por quaisquer outras eventualidades com o aparelho as informações serão anotadas em diário de campo. A sua participação na pesquisa é inteiramente livre e sua identidade/privacidade será absolutamente tratada em sigilo. A contribuição é voluntária e o questionário, o teste e a entrevista serão em dia, hora e local de sua escolha, uma vez que não arcará com nenhum tipo de despesa. Ou seja, a participação não terá custo e não haverá recebimento de nenhum valor pela mesma, ainda sim, asseguramos garantia de ressarcimento, de possíveis despesas não previstas.

A pesquisa em questão não prevê riscos, no entanto caso haja quaisquer desconfortos no decorrer e/ou em decorrência da pesquisa sua participação pode ser encerrada, se assim o desejar. Ademais, serão respondidas apenas as perguntas que quiser e será tomado todo o cuidado necessário para evitar o desconforto aventado. Entretanto, asseguramos a indenização diante de eventuais danos decorrentes dessa pesquisa.

Esta pesquisa será acompanhada pela pesquisadora responsável em todas as suas fases de elaboração. A qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento sem penalização alguma. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora e com a instituição. Garantimos sigilo absoluto quanto à sua privacidade e identidade, reiteramos. Em nenhum momento da pesquisa os dados da entrevista possibilitará sua identificação, assegurada pelo uso de nomes fictícios e pelo acesso restrito da pesquisadora a quaisquer dados confidenciais. Você poderá buscar esclarecimentos com a pesquisadora responsável ou com o CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP Campus de Araraquara a qualquer momento da pesquisa.

Se você está esclarecido sobre essa pesquisa, seu objetivo, seu eventual risco e benefício, convido-o a assinar este termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora responsável.

Assinatura da pesquisadora responsável

R Prefeito Mário Y. de Almeida, 222, Jd. Nova Esp. Boa Esperança do Sul – SP

Fone: (16) 997191557. E-mail: anapaulapoli2@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara – UNESP localizada na Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1, 174 Bairro dos Machados, CEP: 14.800 – 901 – Araraquara – SP fone: (16) 3334-6263 endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br

Local e data.

Assinatura do sujeito da pesquisa

Apêndice B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE) – (Alunos)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE)

Seu filho está sendo convidado para participar da pesquisa “*Uma abordagem da violência escolar na perspectiva de uma cultura análise de grupos*”. Elaboraremos uma cultura análise de grupos da violência escolar, mapeando a cultura latente e patente da estrutura escolar e dos agentes ali presentes, na intenção de captar as imagens da violência da/na/à escola que constituem suas práticas simbólicas e dão formas ao imaginário do grupo.

Iremos investigar a violência escolar sob as vias de um olhar antropológico e compreensivo, a partir de um estudo etnográfico, através de observações e anotações em diário de campo, dentro da escola investigada. Além disso, a pesquisa prevê uma intervenção problemática caso o grupo investigado assim o desejar.

A colaboração de seu filho nessa pesquisa será na concessão de um questionário para análise da cultura patente da escola a fim de mostrar o perfil dos membros da cultura escolar investigada que é extremamente significativo nessa pesquisa

Quanto à cultura latente iremos utilizar o Arquetípico de Nove elementos (AT-9) que seu filho participará através de um teste acompanhado de um questionário para buscarmos as representações, os símbolos, as imagens - o imaginário - que os professores e alunos trazem da violência e mais precisamente da violência escolar em suas manifestações e significados.

Para finalizar a coleta de dados será feita com seu filho uma entrevista semiestruturada cujo objetivo é obter informações sobre o que pensa/conhece sobre o fenômeno da violência e da violência escolar. Tais dados serão extremamente importantes para pensar a violência dentro dos espaços escolares analisando seus impactos e possibilidades para lidar com o fenômeno.

Caso aceite, a entrevista será gravada. Em caso de suspensão do uso do gravador e por quaisquer outras eventualidades com o aparelho as informações serão anotadas em diário de campo. A participação de seu filho na pesquisa é inteiramente livre e sua identidade/privacidade será absolutamente tratada em sigilo. A contribuição de seu filho é voluntária e o questionário, o teste e a entrevista serão em dia, hora e local de sua escolha, uma vez que não arcará com nenhum tipo de despesa. Ou seja, participação não terá custo e

não haverá recebimento de nenhum valor pela mesma, ainda sim, asseguramos garantia de ressarcimento, de possíveis despesas não previstas.

A pesquisa em questão não prevê riscos, no entanto caso haja quaisquer desconfortos no decorrer de qualquer etapa da pesquisa e/ou em decorrência da mesma a participação de seu filho na pesquisa pode ser encerrada, se assim o desejar. Entretanto, asseguramos a indenização diante de eventuais danos decorrentes dessa pesquisa.

Esta pesquisa será acompanhada pela pesquisadora responsável em todas as suas fases de elaboração. A qualquer momento, seu filho pode desistir de participar e você pode retirar seu consentimento sem penalização alguma. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora e com a instituição. Garantimos sigilo absoluto quanto à sua privacidade e identidade, reiteramos. Em nenhum momento da pesquisa os dados da entrevista possibilitará a identificação de seu filho, assegurada pelo uso de nomes fictícios e pelo acesso restrito da pesquisadora a quaisquer dados confidenciais.

Você poderá buscar esclarecimentos com a pesquisadora responsável ou com o CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP Campus de Araraquara a qualquer momento da pesquisa.

Se você está esclarecido sobre essa pesquisa, seu objetivo, seu eventual risco e benefício, convido-o a assinar este termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora responsável.

Assinatura da pesquisadora responsável

R Prefeito Mário Y. de Almeida, 222, Jd. Nova Esp. Boa Esperança do Sul – SP

Fone: (16) 997191557. E-mail: anapaulapoli2@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação de meu filho na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara – UNESP localizada na Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1, 174 Bairro dos Machados, CEP: 14.800 – 901 – Araraquara – SP fone: (16) 3334-6263 endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br

Local e data.

Assinatura do responsável pelo sujeito da pesquisa

Apêndice C - Questionário 1 (Professores, gestores e demais funcionários)

Qual seu sexo?

() Masculino.

() Feminino.

Como você se considera?

() Branco (a).

() Negro (a).

() Pardo (a)/ mulato (a).

() Amarelo (a)/ de origem oriental.

() Indígena/ de origem indígena.

Qual sua religião?

() Católica.

() Evangélica.

() Espírita.

() Umbandista.

() Ateia.

() Sem religião.

Quantas pessoas moram com você? (incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos).

() Uma a três.

() Quatro a sete.

() Oito a dez.

() Mais de dez.

Sua casa está localizada em?

() Zona rural.

() Zona urbana.

() Assentamento.

() Comunidade indígena.

() Comunidade quilombola.

Sua casa é?

() Própria.

() Alugada.

() Financiada.

() Cedida.

Qual seu nível de escolaridade?

() Ensino fundamental completo.

() Ensino fundamental incompleto.

() Ensino médio completo.

() Ensino médio incompleto.

() Ensino superior completo.

() Ensino superior incompleto.

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

() Nenhuma renda.

() Até 1 salário mínimo (até R\$ 880,00).

() De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 880,00 até R\$ 2.640,00).

() De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.640,00 até R\$ 5.280,00).

() De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.280,00 até R\$ 7.920,00).

() De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 7.920,00 até R\$ 10.560,00).

() De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 10.560,00 até R\$ 13.200,00).

Há quanto tempo você trabalha nessa escola?

- ☐ Menos de 6 meses.
- ☐ 1 ano a 2 anos.
- ☐ 2 a 3 anos.
- ☐ 4 a 5 anos.
- ☐ 5 a 6 anos.
- ☐ 6 a 7 anos.
- ☐ mais de 10 anos.

Sobre a sua satisfação em trabalhar nessa escola, você julga que é:

- ☐ Ruim.
- ☐ Regular.
- ☐ Boa.
- ☐ Ótima.

Qual seu meio de transporte para a escola?

- ☐ A pé.
- ☐ Carro.
- ☐ Ônibus.
- ☐ Outro.

Quanto tempo você leva para chegar até a escola?

- ☐ 10 minutos a 20 minutos.
- ☐ 20 minutos a 30 minutos.
- ☐ 30 minutos a 40 minutos.
- ☐ 1 hora.
- ☐ mais de uma hora. Quanto? _____

Apêndice D - Questionário 2 (Alunos)

Qual seu sexo?

() Masculino.

() Feminino.

Como você se considera?

() Branco (a).

() Negro (a).

() Pardo (a)/ mulato (a).

() Amarelo (a)/ de origem oriental.

() Indígena/ de origem indígena.

Qual sua religião?

() Católica.

() Evangélica.

() Espírita.

() Umbandista.

() Ateia.

() Sem religião.

Quantas pessoas moram com você? (incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos)

() Uma a três

() Quatro a sete

() Oito a dez

() Mais de dez

Sua casa está localizada em?

() Zona rural.

() Zona urbana.

() Assentamento.

() Comunidade indígena.

() Comunidade quilombola.

Sua casa é?

() Própria.

() Alugada.

() Financiada.

() Cedida.

Qual é o nível de escolaridade do seu pai?

() Ensino fundamental completo.

() Ensino fundamental incompleto.

() Ensino médio completo.

() Ensino médio incompleto.

() Ensino superior completo.

() Ensino superior incompleto.

Qual é o nível de escolaridade da sua mãe?

() Ensino fundamental completo.

() Ensino fundamental incompleto.

() Ensino médio completo.

() Ensino médio incompleto.

() Ensino superior completo.

() Ensino superior incompleto.

Em que seu pai trabalha?

() Não trabalha.

- ☐ Na indústria.
- ☐ Na agricultura.
- ☐ No comércio.
- ☐ Funcionário público.
- ☐ Profissional liberal.
- ☐ Trabalho doméstico em casa.
- ☐ Trabalho doméstico na casa de outras pessoas.

Em que sua mãe trabalha?

- ☐ Não trabalha.
- ☐ Na indústria.
- ☐ Na agricultura.
- ☐ No comércio.
- ☐ Funcionário público.
- ☐ Profissional liberal.
- ☐ Trabalho doméstico em casa.
- ☐ Trabalho doméstico na casa de outras pessoas.

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

- ☐ Nenhuma renda.
- ☐ Até 1 salário mínimo (até R\$ 880,00).
- ☐ De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 880,00 até R\$ 2.640,00).
- ☐ De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.640,00 até R\$ 5.280,00).
- ☐ De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.280,00 até R\$ 7.920,00).
- ☐ De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 7.920,00 até R\$ 10.560,00).
- ☐ De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 10.560,00 até R\$ 13.200,00).

Você trabalha ou já trabalhou?

- ☐ Sim. Em que você trabalhou ou trabalha atualmente _____
- ☐ Não.

Qual seu meio de transporte para a escola?

- ☐ A pé.
- ☐ Carro.
- ☐ Ônibus.
- ☐ Outro.

Quanto tempo você leva para chegar até a escola?

- ☐ 10 minutos a 20 minutos.
- ☐ 20 minutos a 30 minutos.
- ☐ 30 minutos a 40 minutos.
- ☐ 1 hora.
- ☐ mais de uma hora. Quanto? _____

Apêndice E - Roteiro para entrevista semiestruturada com funcionários, professores e gestores

Como é trabalhar na sua escola?

Como é sua relação com as outras pessoas na escola?

Você conhece as regras, as normas da escola?

Você se sente acolhido em sua escola? Tem liberdade de expressão, respeito; sente que seus direitos são garantidos?

Você já passou e/ou presenciou algum tipo de preconceito na escola?

Para você o que é violência?

Onde você costuma ver atos que você caracteriza como violentos?

Você já passou e/ou presenciou algum tipo de violência na escola? E em outro espaço?

O que você acha que causa a violência na escola?

O que você acha que poderia melhorar na sua escola?

De que maneira você acha que se poderia lidar com a violência na escola?

Apêndice F - Roteiro para entrevista semiestruturada com alunos

Como é estudar na sua escola?

Como é sua relação com as outras pessoas na escola? (alunos, professores, funcionários e gestores).

Como é seu desempenho na escola?

Como é o ensino na sua escola?

Você conhece as regras, as normas da escola?

Você já sofreu algum tipo de punição na escola?

Você se sente acolhido em sua escola? Tem liberdade de expressão, respeito; sente que seus direitos são garantidos?

Você já passou e/ou presenciou algum tipo de preconceito na escola?

Para você o que é violência?

Onde você costuma ver atos que você caracteriza como violentos?

Você já passou e/ou presenciou algum tipo de violência na escola? E em outro espaço?

O que você acha que causa a violência na escola?

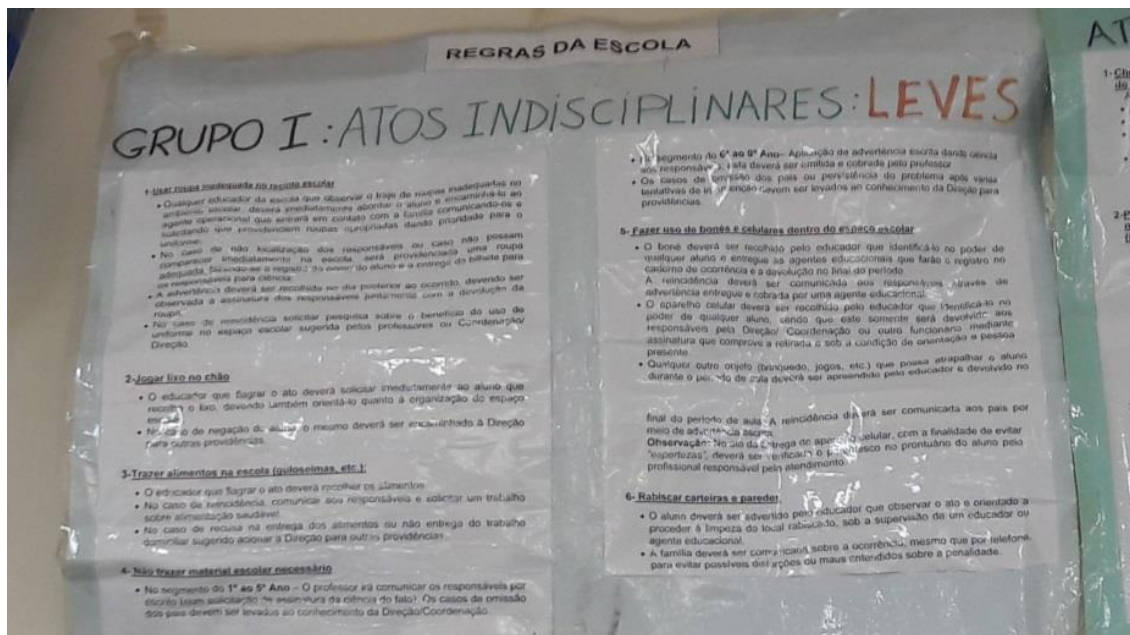
O que você acha que poderia melhorar na sua escola?

De que maneira você acha que se poderia lidar com a violência na escola?

Apêndice G – Fotos tiradas dentro de algumas salas de aulas



Paredes sala de aulas



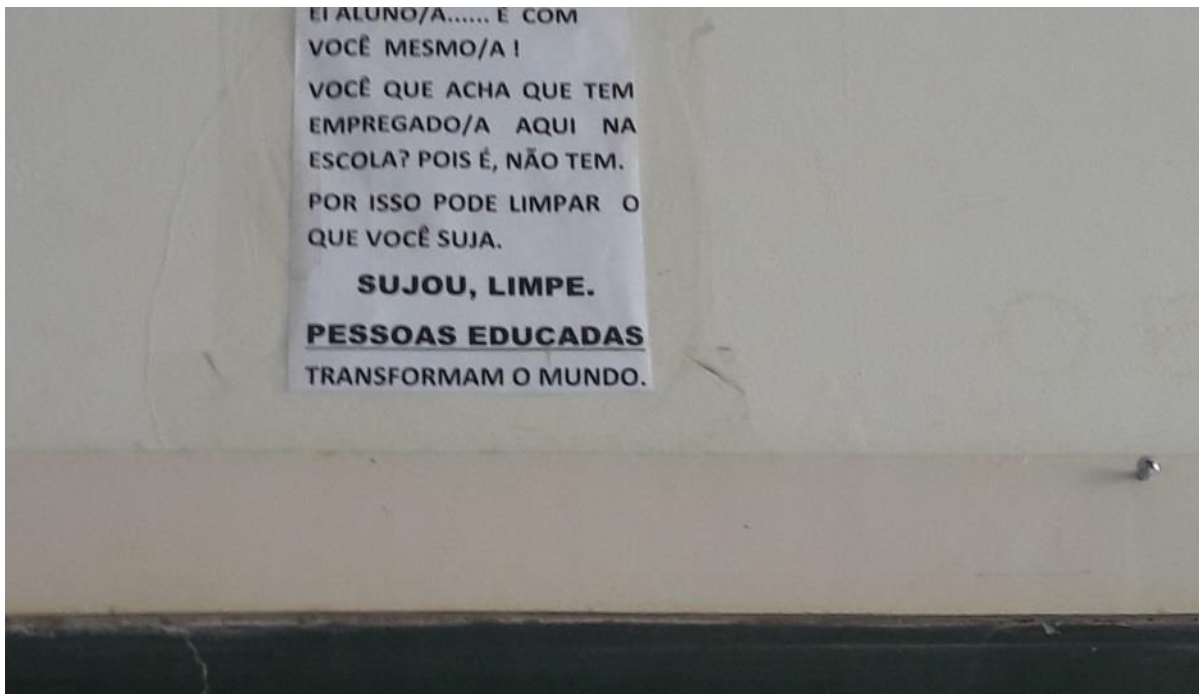
Cartaz do PDA



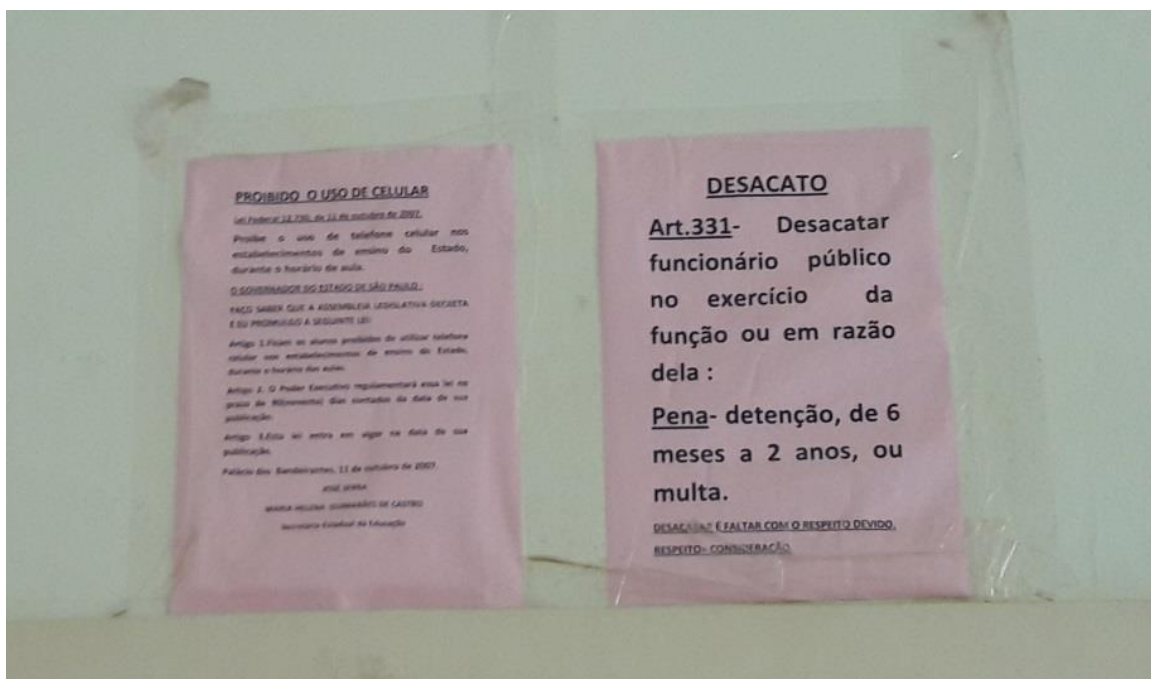
Sala de aula



Paredes e armários



Cartaz sobre limpeza da sala



Cartaz sobre uso do celular e desacato

Apêndice H – Fotos da estrutura física interna e externa da escola



Entrada e saída dos alunos



Corredor para salas de aulas



Trabalhos realizados pelos alunos expostos no corredor



Trabalhos realizados pelos alunos expostos no corredor



Trabalhos realizados pelos alunos expostos no corredor



Portal do saber



Laboratório de Informática



Banheiro dos alunos



Refeitório



Área externa



Área externa



Quadra de esportes



Entrada e saída de pais, funcionários, professores e gestores



Faixa da escola



Muro da escola



Portão de entrada

Apêndice I – Fotos de atividades desenvolvidas na escola



Aulas práticas diferenciadas



Aulas práticas diferenciadas



Aniversário da cidade de Araraquara - Desfile cívico



Aniversário da cidade de Araraquara - Desfile cívico



Dia da família na escola



Dia da família na escola



Diálogos com a comunidade



Esporte



Projeto de intervenção “Trilhas do Indaiá” (Toda equipe escolar, alunos, pais e comunidade, fizeram um trabalho de jardinagem com pneus, plantação de árvores e flores em uma passarela que fica no bairro da escola, bem ao lado do prédio escolar. Apesar do ótimo resultado final, o projeto não teve continuidade e a passarela está sem manutenção).



Projeto de intervenção “Trilhas do Indaiá”



Projeto de intervenção “Trilhas do Indaiá”



Projeto de intervenção “Trilhas do Indaiá”